

**Larissa Maria De Resende Neiva**

**ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DO IDOSO E INVENÇÃO DE SI**

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais**

**2017**

**Larissa Maria De Resende Neiva**

**ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DO IDOSO E INVENÇÃO DE SI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica Yumi Jinzenji

**Belo Horizonte**

**Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais**

**2017**

N417e T Neiva, Larissa Maria de Resende, 1988-  
Escrita autobiográfica do idoso e invenção de si / Larissa Maria de  
Resende Neiva. - Belo Horizonte, 2017.  
121 f., enc, il.

Dissertação - (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Educação.  
Orientadora : Mônica Yumi Jinzenji.  
Bibliografia : f. 117-121.

1. Educação -- Teses. 2. Sociologia educacional -- Teses.  
3. Escrita (Educação de adultos) -- Teses. 4. Autobiografia -- Teses.  
5. Autobiografia -- Aspectos sociais -- Teses. 6. Idosos -- Educação --  
Teses. 7. Envelhecimento -- Teses. 8. Velhice -- Teses. 9. Idosos --  
Aspectos sociais -- Teses. 10. Educação de adultos -- Teses.  
11. Escrita -- Teses.

I. Título. II. Jinzenji, Mônica Yumi, 1974-. III. Universidade Federal  
de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 370.19



**Faculdade de Educação**  
**Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação**

**Dissertação intitulada:** *Escrita autobiográfica do idoso e invenção de si*, de autoria da mestrande Larissa Maria de Resende Neiva, apresentada à banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profa. Dra. Mônica Yumi Jinzenji – Orientadora (FaE/UFMG)

---

Profa. Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão (FaE/UFMG)

---

Profa. Dra. Lisiane Sias Manke (Departamento de História/UFPel)

---

Raquel Martins de Assis (suplente) (FaE/UFMG)

---

Eliane Marta Teixeira Lopes (suplente) PPGE UFOP e FAE/UFMG

Belo Horizonte, 11 de julho de 2017.

Dedico este trabalho à minha querida amiga Ana Júlia de Jesus, que partiu aos 86 anos de idade, deixando-me uma lição de amor e sabedoria.

## AGRADECIMENTOS

*Quando se experimenta o sabor da gratidão, aumenta-se o desejo de mais servir e melhor contribuir em favor do grupo social em que cada qual se encontra e da humanidade em geral. É inevitável, portanto, a presença da gratidão no cerne das vidas humanas.*  
(FRANCO, Divaldo Pereira. Psicologia da Gratidão. 3 ed. pelo espírito de Joana de Ângelis. Salvador: LEAL, 2014.)

Neste momento de encerramento de uma importante etapa de minha vida, gostaria de expressar minha gratidão àqueles que, direta ou indiretamente, me auxiliaram a chegar até aqui.

A Deus, pela vida e pela oportunidade de vivenciar uma experiência tão rica em crescimento e aprendizagem. E aqui não me refiro apenas ao aprendizado acadêmico, subentendido numa formação de mestrado. Falo, especialmente, do crescimento pessoal, fruto dos inúmeros desafios que surgiram durante esse processo, me impulsionando a desenvolver a persistência, a paciência, a humildade e a coragem;

Sou sinceramente grata, também, à minha família: minha querida mãe Vanessa, exemplo de força e de garra, sempre me incentivando a nunca desistir das tarefas a que me proponho realizar; minha doce irmã Laura, companheira fiel em todos os momentos da vida; meu pai tão amado, pelo carinho de sempre; e ao meu irmão, Juninho, pelo exemplo de coragem nos momentos de dúvida e medo;

Não poderia deixar de lembrar do meu noivo, Hildebrando, sempre me incentivando a oferecer o que tenho de melhor em tudo que faço. Ele que me acompanhou desde o início dessa jornada, sendo paciente com as minhas ausências, me consolando nos momentos de angústia e me inspirando a olhar e seguir sempre em frente;

Aos ex-colegas de trabalho da UMEI Cinquentenário, pela compreensão e incentivo recebidos durante o tempo em que atuei na instituição. Aos amigos do trabalho voluntário realizado na Fraternidade Espírita Irmão Glacus, pela alegria que me proporcionaram e me proporcionam em todos os momentos;

À minha orientadora, Mônica Yumi Jinzenji, por sua imensa dedicação e disponibilidade nas orientações, dadas sempre com tanto bom humor, otimismo, mas acima de tudo, competência. Obrigada por apostar no meu trabalho, confiando e incentivando meu crescimento. Foram dois anos e meio de muita aprendizagem ao seu lado;

À Professora Dra. Ana Maria de Oliveira Galvão, pelos ensinamentos adquiridos, especialmente, durante a iniciação científica e nos encontros nos grupos de Cultura Escrita;

Às colegas Cecília e Simone, parceiras, que compartilharam comigo esse processo, desde a graduação. Foram muitos os momentos em que apoiamo-nos mutuamente, dividindo angústias e alegrias, reconhecendo o valor de cada passo dado em direção aos nossos objetivos.

À Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, por ser o pano de fundo de tanto aprendizado.

A todos, enfim, que através de vibrações de apoio e incentivo, contribuíram para que este momento se tornasse real, o meu sincero OBRIGADA!



## RESUMO

O estudo se propõe a analisar a escrita autobiográfica e o processo de invenção de si por pessoas idosas. Foram analisadas oito autobiografias: cinco escritas por homens e três escritas por mulheres de 65 anos ou mais, nascidos na primeira metade do século XX, em Minas Gerais e que escreveram e/ou publicaram suas obras a partir do ano 2000. Considera-se a escrita autobiográfica como um processo de construção de uma narrativa sobre si a partir de referenciais do momento em que a escrita ocorre, tendo a memória como suporte, resultando, portanto, na invenção de si. O primeiro capítulo discute as novas configurações que o envelhecimento assumiu a partir da década de 1960/70, no Brasil, e a relação desse fenômeno com a crescente publicação de caráter autobiográfico no país. A construção de uma nova concepção de envelhecimento no Brasil, com a ideia de um idoso participativo e realizado, coincide com o *boom* de caráter autobiográfico no país, constituindo um cenário propício para a publicação de autobiografias de idosos. Nesse contexto, o estudo lança luz sobre uma pequena parcela da população que, tendo cursado os primeiros anos do ensino primário, no interior de Minas Gerais na primeira metade do século XX, migraram para grandes centros urbanos e, seja frequentando níveis mais elevados de ensino, seja por autodidatismo, se tornaram e foram reconhecidos(as) como escritores(as), publicando suas autobiografias. No segundo capítulo são analisados os pertencimentos identitários eleitos pelos(as) autores(as) como eixo norteador da reelaboração do passado: condição social, geográfica, religião, trabalho e família. Esses pertencimentos são apreendidos não só a partir da narração 'pura', mas também através da análise de alguns recursos complementares à narrativa, como o uso de citações, fotos, documentos, referência à fala de terceiros, além das próprias motivações para a escrita autobiográfica. A análise mostrou que embora dinâmicos, os pertencimentos elencados nas narrativas pelos(as) autores(as) não são neutros. A religião e a família aparecem como fio condutor das narrativas femininas, enquanto os pertencimentos profissional, socioeconômico e geográfico surgem como panos de fundo das histórias de vidas dos homens analisados.

Já no terceiro capítulo, buscou-se analisar as referências ao envelhecer e ao ser idoso que aparecem nas obras quando os(as) autores(as) constroem suas narrativas.

Verificou-se que as mulheres se mostram mais adaptadas e realizadas nessa fase da vida, enquanto o desconforto e o saudosismo marcam as narrativas dos homens.

Palavras-chave: Autobiografia. Invenção de si. Idoso.

## **ABSTRACT**

The study proposes to analyze the autobiographical writing and the process of self-invention by the elderly. Eight autobiographies were analyzed: five written by men and three written by women aged 65 and over, born in the first half of the 20th century in Minas Gerais and who wrote and / or published their works from the year 2000. Autobiographical writing as a process of constructing a narrative about itself from reference points of the moment in which writing occurs, having the memory as support, resulting, therefore, in the invention of itself. The first chapter discusses the new configurations that aging took on from the 1960s and 1970s in Brazil, and the relationship of this phenomenon with the growing publication of autobiographical character in the country. The construction of a new conception of aging in Brazil, with the idea of a participative and accomplished elderly, coincides with the autobiographical boom in the country, constituting a favorable scenario for the publication of autobiographies of the elderly. In this context, the study sheds light on a small part of the population that, having attended the first years of primary education, in the interior of Minas Gerais in the first half of the 20th century, migrated to large urban centers and, whether attending higher levels of education, whether by self-education, became and were recognized as writers, publishing their autobiographies. In the second chapter, we analyze the identity belongings chosen by the authors as the guiding axis of the reworking of the past: social, geographical, religion, work and family status. These belongings are apprehended not only from 'pure' narration, but also through the analysis of some complementary resources to the narrative, such as the use of quotations, photos, documents, references to third-party speech, and the motivations for autobiographical writing. The analysis showed that, although dynamic, the belongings listed in the narratives by the authors are not neutral. Religion and the family appear as the guiding thread of female narratives, while professional, socioeconomic, and geographical belonging emerge as the background to the life histories of the men analyzed.

Already in the third chapter, we sought to analyze the references to aging and to being old that appear in the works when the authors construct their narratives. It has been found that women are more adapted and accomplished at this stage of life, while discomfort and nostalgia appear as marks of men's narratives

Keywords: Autobiography. Self invention. Elderly.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Capa e foto ampliada da autora de <i>Outono Dourado</i> .....	34
Figura 02 – Capa e foto ampliada do autor de <i>Vá com Deus, Mãe!</i> .....	35
Figura 03 – Capa e foto ampliada do autor de <i>Trajatória de Lutas</i> .....	36
Figura 04 – Capa e foto ampliada da autora de <i>Minha vida, Meu tesouro!</i> .....	37
Figura 05 – Capa e foto ampliada do autor de <i>Minha vida &amp; Crônicas</i> .....	38
Figura 06 – Capa e foto ampliada do autor de <i>Rascunho de uma vida</i> .....	39
Figura 07 – Capa e foto ampliada do autor de <i>Impressões de uma vida</i> .....	40
Figura 08 – Capa e foto ampliada da autora de <i>Sem medo de se encontrar</i> .....	41
Figura 09 – Guia de recolhimento nº2.....	66
Figura 10 – Diploma de normalista do autor (Allyrio Nunes Coelho) .....	69
Figura 11 – Título de Cidadania Honorária (Allyrio Nunes Coelho).....	70
Figura 12 – Carta de Juscelino para o autor (Vicente Guabiroba).....	74
Figura 13 – Título de Sócio Fundador Benemérito (Vicente Guabiroba).....	75
Figura 14 – Documento de Ordem ao Mérito (Vicente Guabiroba).....	75
Figura 15 – Árvore Genealógica (Maria da Conceição de Oliveira Teles).....	78
Figura 16 – Glossário (Olney Jardim).....	84

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01 – Autobiografias de autores (as) mineiros (as) nascidos (as) na primeira metade do século XX e publicadas no século XXI.....	24
Quadro 02 – Relação dos (as) autores (as) das autobiografias e seus outros textos.....	42
Quadro 03 – Utilização de citações nas autobiografias.....	49
Quadro 04 – Escolarização dos (as) autores (as) das autobiografias e mudança para Belo Horizonte.....	51
Quadro 05 – Recursos utilizados pelos (as) autores (as) na invenção de si.....	59

## LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – População segundo o grau de instrução, em 1920.....	53
Tabela 02 – Índice de alfabetismo de pessoas de 5 anos ou mais (Quadro urbano X rural) – 1950.....	54
Tabela 03 – Pessoas de 5 anos ou mais que sabem ou não ler e escrever (Homens X mulheres) – 1950.....	55

## Sumário

<b><u>INTRODUÇÃO</u></b> .....	<b>15</b>
Fontes.....	23
<b><u>1. AUTOBIOGRAFIA E O IDOSO NOS SÉCULOS XX E XXI</u></b> .....	<b>27</b>
<u>1.1 A autobiografia no mercado editorial brasileiro</u> .....	27
<u>1.2. O idoso no século XXI: uma voz que começa ser ouvida</u> .....	30
<u>1.3. Os (as) autores (as)</u> .....	33
<u>1.4. Os(as) autores(as) relação com a escrita e a leitura</u> .....	41
<u>1.4.1. Poesias e crônicas:</u> .....	44
<u>1.4.2. A escrita como parte da atuação profissional</u> .....	47
<u>1.4.3. Indícios das leituras realizadas pelos autores(as)</u> .....	48
<u>1.5. Escolarização dos autores</u> .....	50
<b><u>2. OS PERTENCIMENTOS IDENTITÁRIOS COMO EIXO DA INVENÇÃO DE SI</u></b> .....	<b>57</b>
<u>2.1. Pertencimento religioso</u> .....	60
<u>2.2. Pertencimento socioeconômico</u> .....	63
<u>2.3. Pertencimento profissional</u> .....	67
<u>2.4. Pertencimento Familiar</u> .....	76
<u>2.5. Pertencimento Geográfico</u> .....	82
<b><u>3. O IDOSO/VELHO NAS AUTOBIOGRAFIAS</u></b> .....	<b>86</b>
<u>3.1. O social nas memórias</u> .....	86
<u>3.2. Velho ou Idoso?</u> .....	89
<u>3.3. O envelhecimento como uma experiência positiva</u> .....	95
<u>3.4. A velhice como um lugar de inadequação</u> .....	102
<u>3.5. Passado e Presente em diálogo e em contraponto</u> .....	105
<u>3.5.1. Modernização da cidade</u> .....	106
<u>3.5.2. Infância</u> .....	107
<u>3.5.3. Educação escolar</u> .....	109
<b><u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u></b> .....	<b>113</b>
<b><u>FONTES</u></b> .....	<b>116</b>
<b><u>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</u></b> .....	<b>117</b>



## INTRODUÇÃO

O presente estudo propõe compreender e analisar a escrita autobiográfica do idoso no início do século XXI, em Minas Gerais.

O interesse pelo tema teve origem na graduação, ao atuar como bolsista de iniciação científica em uma sublinha de pesquisa vinculada ao GEPHE (Centro de Pesquisas em História da Educação)<sup>1</sup>. Durante três anos tive a oportunidade de analisar diversas autobiografias e memórias de autores(as) nascidos em Minas Gerais, na primeira metade do século XX<sup>2</sup>, buscando identificar o modo como eles participam nas culturas do escrito. Durante esse processo surgiram questões como: “O que leva alguém a escrever sobre si mesmo?”, “Para quem esses sujeitos escrevem?”, “De que forma eles fazem isso e quais os mecanismos utilizados por eles ao falar de suas vivências?”. O Mestrado, então, apresentou-se como uma possibilidade de dar continuidade ao trabalho com estas obras, vislumbrando, entretanto, uma outra perspectiva de análise.

Entendendo a autobiografia como um recurso de “invenção de si”, opto por trabalhar com obras escritas por autores(as) que escreveram quando idosos por algumas razões: em primeiro lugar, pela necessidade de se isolar algumas variáveis a fim de possibilitar uma análise mais profunda das obras; um segundo motivo se refere ao aumento da expectativa de vida nos países desenvolvidos e em desenvolvimento que, nas últimas décadas, tem levado a uma maior participação desse grupo geracional nas diversas instâncias da sociedade. Por fim, o fato desses autores apresentarem um grande distanciamento temporal entre o momento da escrita e o fato/vivência sobre o qual se escreve pressupõe a escolha, no processo de invenção de si, a partir de uma gama maior de possibilidades (experiências, eventos). Essas escolhas estariam balizadas por reflexões acerca dos contrastes entre o momento da escrita e o passado. A análise de autobiografia de idosos possibilita, nesse sentido, avaliar de modo mais “intenso” os efeitos do presente

<sup>1</sup> Sob orientação da professora e pesquisadora Ana Maria de Oliveira Galvão, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Cultura Escrita, na pesquisa intitulada: “Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)” (GALVÃO, 2010).

<sup>2</sup> Na oportunidade foram catalogadas 128 obras de autores nascidos em Minas Gerais na primeira metade do século XX, nos acervos da Biblioteca Pública Luiz de Bessa e do Instituto Cultural Amílcar Martins.

sobre as memórias no processo de invenção de si, uma vez que é a partir do presente que se reconstrói o passado. Assim, o passado mais distante teria lugar de destaque, seria nostálgico, ou estaria reservado ao “esquecimento”?

Nesse sentido, as escolhas quanto aos assuntos tratados na obra, bem como as épocas enfatizadas e destacadas pelos (as) autores(as) durante a escrita, ganham maior significação quando se busca compreender o processo de se inventar.

Optei por trabalhar com obras escritas e publicadas a partir do ano 2000. Primeiramente, por se tratar de um momento em que já se encontra bastante consolidada uma nova concepção de envelhecimento no Brasil, que se intensificou significativamente a partir da década de 1960/1970, quando há um movimento de reconfiguração dessa etapa da vida que, de um modo geral, era tida como uma fase de perdas. Entre essas mudanças, encontra-se a substituição dos termos “velho” e “velhice” por “idoso” e “terceira idade” que, conforme aponta Marques (2004):

[...] agrega novas visibilidades e positivities. O termo velho é ainda carregado de um sentido pejorativo historicamente ligado a idéias negativas como feio e mau que aparecem nas histórias infantis (bruxas e madrastas), ou como ser improdutivo, inativo, criado pela sociedade moderna, que colocou no trabalho o sentido da dignidade humana. Este trabalho muitas vezes era entendido como atividade urbana, remunerada e enquadrada em direitos trabalhistas que passaram a incluir o direito à aposentadoria ao trabalhador na década de 60 do Brasil “desenvolvimentista” (...) (MARQUES, 2004, p.66).

Por outro lado, a partir dos anos 1990 há um *boom* nas publicações de caráter biográfico e autobiográfico. Segundo Gomes (2004), esse fenômeno foi acompanhado por um tímido interesse por parte dos pesquisadores que situaram grande parte de seus estudos no campo da literatura – a autora dá exemplo da publicação de anotações e comentários de correspondências e diários, chamando a atenção para os trabalhos de Walnice Nogueira Galvão<sup>3</sup> - e mais recentemente, na história da educação - com o crescente interesse da escrita de si como prática cultural, bem como a utilização dessas fontes para apreensão de práticas e vivências pedagógicas não registradas em outros documentos. Ainda conforme a autora, a pouca frequência de trabalhos que analisam a escrita autobiográfica na

<sup>3</sup> O trabalho intitulado *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas* é uma coletânea que propõe analisar a escrita epistolar.

área da história se justifica por sua recente elevação ao posto de fonte privilegiada, além de objeto de pesquisa histórica<sup>4</sup>.

Dessa forma, nesta investigação são analisadas oito obras escritas por autores idosos, sendo 5 homens e 3 mulheres, nascidos (as) na primeira metade do século XX, mas que escreveram e/ou publicaram suas autobiografias e memórias no início do presente século.

Vale dizer que o termo 'invenção de si' não pretende diminuir a validade desses relatos ou, como coloca Brunner e Weisser (1995), taxá-los como "auto-relato tendencioso". O uso dessa expressão se explica pelo fato de se apresentar como a mais adequada para se referir ao movimento de organização e reflexão dos fatos e experiências vivenciadas pelo autor(a) durante a escrita. Afinal, é compreensível que ao narrar sua vida, o(a) autor(a) busque estabelecer certa ordem e coerência aos episódios narrados, de forma a dar sentido à sua existência/narrativa. Sobre essa ordem estabelecida na escrita da própria vida, Bourdieu (1986) afirma:

O relato, seja ele biográfico ou autobiográfico, como o do investigado que "se entrega" a um investigador, propõe acontecimentos que, sem terem desenrolado sempre em sua estrita sucessão cronológica (quem já coligiu histórias de vida sabe que os investigados perdem constantemente o fio da estrita sucessão do calendário), tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis. O sujeito e o objeto da biografia (o investigador e o investigado) têm de certa forma o mesmo interesse de aceitar o postulado do sentido da existência narrada (e, implicitamente, de qualquer existência). (BOURDIEU, 1986, p. 184).

Além disso, neste estudo, a escrita de si é compreendida como um processo educativo, uma vez que torna possível o conhecimento de si e do mundo a partir da tentativa de aproximação e distanciamento do 'eu' que o (a) autor (a) realiza ao se propor a pensar sobre suas próprias experiências. Ao falar de si, o (a) autor (a) se posiciona diante da vida e do mundo social, ou seja, a escrita autobiográfica não pode ser compreendida fora do contexto da cultura.

Brunner (1995) entende a escrita autobiográfica como um recurso que atende a uma possível necessidade do indivíduo 'falar de si mesmo'. Para ele, escrever sobre a própria vida permite, entre outras coisas, a 'autolocalização'. Segundo o autor:

<sup>4</sup> Ver LOPES (2004).

A função última da autobiografia é a autolocalização, o resultado de um ato de navegação que fixa a posição em um sentido mais virtual do que real. Pela autobiografia, situamo-nos no mundo simbólico da cultura. Por meio dela, identificamos-nos com uma família, uma comunidade, com a cultura mais ampla (BRUNER e WEISSER 1995, p. 145).

Para o autor, a escrita de si pode ser compreendida como recurso de posicionamento, ao permitir a “libertação de modos anteriormente estabelecidos” e a organização de “respostas ao futuro”. Assim, a escrita autobiográfica permite que o autor(a) se situe no mundo em que vive, permitindo que ele se justifique e dê sentido às suas vivências e experiências de vida a partir do arsenal cultural que possui no momento da revisão/escrita.

Ao afirmar a escrita autobiográfica como prática educativa, me apoio na recente proliferação de estudos<sup>5</sup> que pressupõem esse tipo de escrita como instrumento de aprendizagem, percebendo tal atividade como ferramenta de reflexão sobre as experiências e práticas de quem escreve. Ou seja, esses estudos entendem que o relato das próprias experiências através da escrita proporciona uma ampliação do conhecimento de quem narra. Além disso, a prática da escrita de si como recurso de aprendizagem pode ser observada em diversos cursos de formação quando, por exemplo, a elaboração de um memorial é solicitada com o intuito de promover uma reflexão das experiências vivenciadas por quem escreve. Dessa forma, o estudo integra um conjunto de investigações e pesquisas que vem se consolidando cada vez mais no campo da História da Educação em que práticas educativas além daquelas que ocorreram no ambiente escolar tornam-se objetos de análise, em especial aqueles que se detém sobre a escrita<sup>6</sup>.

Ainda que os trabalhos que utilizam autobiografias e memórias como objeto de e/ou fontes de pesquisa, produzidos até o momento, não tratem especificamente do problema proposto neste estudo, a partir deles podemos construir um pano de fundo para a investigação, ao delinear algumas especificidades trazidas por esse tipo de escrita<sup>7</sup>. Afinal, o próprio fato de se tratar

<sup>5</sup> Como exemplo de estudo que admite a escrita autobiográfica como instrumento de reflexão e ampliação da aprendizagem podemos citar a pesquisa intitulada “A escrita (auto) biográfica: Caminho reflexivo sobre trajetórias de Formação”, de Bernadete Kroeff (2012).

<sup>6</sup> Como exemplos desses estudos podemos citar a dissertação de mestrado intitulada “Memórias de alfabetização no espaço doméstico: mobilizações e estratégias familiares em torno do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. (MG- 1950 /1960/ 1970)”, de Ana Paula Pedersoli (2013) e a tese de Lisiane Sias Manke, “História e Sociologia das Práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural” (2012).

<sup>7</sup> Como exemplo de estudo sobre a escrita autobiográfica, podemos citar a dissertação de Juliana Ferreira Melo (2008).

de um gênero específico já traz implicações na análise do conteúdo das obras, ou seja, o fato de se tratar do gênero autobiográfico e não de romances, por exemplo, modifica não só o conteúdo e a forma do que é escrito, mas também a forma de ler e interpretar o que foi redigido.

Assim, na busca por definir o que vem a ser autobiografia ou escrita autobiográfica, recorro a alguns autores que tratam do assunto. É o caso de Philippe Lejeune, importante estudioso do gênero, visto que o autor tem dedicado mais de 30 anos de seus estudos à escrita autobiográfica. Sua primeira obra dedicada ao tema, *L'autobiographie em France*, foi publicada no ano de 1971 e se constituiu na primeira tentativa do autor em entender o gênero. Posteriormente, em 1975, em *O pacto autobiográfico*, Lejeune caracteriza a escrita autobiográfica como uma:

[...] narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade (LEJEUNE, 2014, p.14).

Para ele, nesta definição estariam envolvidas quatro categorias: a forma da linguagem (narrativa, em prosa); o assunto tratado (que seria a vida individual); a situação do autor (identidade do autor e narrador); e a posição do narrador (identidade do narrador e do personagem principal e a perspectiva retrospectiva da narrativa). Lejeune (2014) afirma que, embora tais categorias não sejam rígidas, ou seja, embora nem toda obra autobiográfica preencha de forma integral todas essas condições, duas delas são inegociáveis quando se pretende identificar um texto como autobiográfico: a identidade do autor e do narrador; e a identidade do narrador e do personagem principal.

Mais tarde, após ser questionado e criticado por outros autores, Lejeune reformula alguns pontos de sua definição de autobiografia, considerando como textos autobiográficos e autobiografias não só aqueles escritos em prosa, como também poesias, etc. Em *O pacto autobiográfico, De Rousseau à Internet* (2014), encontramos estes e outros ensaios/estudos do autor que vão tratar das diferentes formas de escritas do eu, como os diários, as cartas, entre outros.

Outra definição para o gênero aparece em Massimi (2011) quando a autora define a autobiografia como “um conhecimento reflexivo elaborado em forma escrita que o autor faz de sua própria experiência”. A autora recorre ainda a Binswanger (1955/2007) que entende a autobiografia como sendo um “relato da

história pessoal em que o autor, ao realizar a narrativa escrita, elabora suas vivências: a autobiografia acontece na medida em que diante destas vivências o autor assume um posicionamento.” (p.13).

Para Viñao (2000), existe certa confusão quando se busca classificar os textos que se enquadram nesse gênero. Segundo ele, isto acontece, em parte, por se tratar de um gênero disputado entre a história e a literatura. O autor ainda diz que não existe uma única resposta quando se busca definir o gênero autobiográfico e que, antes de tudo, é preciso que se saiba o que se busca quando se faz uso desse gênero textual numa investigação. Viñao (2000) classifica o gênero em sete categorias, a saber:

- O primeiro tipo seria a autobiografia no sentido estrito da palavra. Para o autor, sua expressão mais genuína seriam as Confissões;
- Na segunda categoria de escrita autobiográfica entrariam as memórias, os testemunhos, as recordações ou impressões. Nesse caso, o que o autor narra são os acontecimentos e pessoas das quais se recorda;
- Como terceira manifestação dessa escrita se encontrariam os autorretratos - textos breves, normalmente integrados a um outro texto mais amplo e que descrevem os aspectos físicos e psicológicos de quem escreve;
- Em quarto lugar, o autor fala dos diários, que são textos mais ou menos longos, escritos no decorrer dos acontecimentos, com maior ou menor frequência e regularidade, em determinado espaço de tempo;
- Noutra formatação dessa escrita encontram-se as entrevistas autobiográficas;
- Em sexto lugar, o autor menciona as escritas privadas e autorreferenciais. Nessa categoria se encontram as correspondências(...), os livros de conta, os livros de família, as anotações pessoais diversas e as agendas;
- Finalmente, numa sétima categoria de escrita autobiográfica, estariam as autobiografias, memórias e diários administrativos e institucionais.

Na pesquisa proposta, analiso autobiografias e memórias que se aproximam, mais especificamente, da primeira e segunda categoria estabelecida por Viñao, em que os autores relatam suas memórias, recordações e impressões. Contudo, como o próprio autor afirma e como foi possível observar durante o processo de catalogação e escolha das obras, a divisão da escrita em tais modalidades não se baseia em apenas um critério (como modos de produção, forma

textual, temas tratados, etc), o que nos possibilita encaixar uma obra em mais de uma categoria.

Sobre a variedade das formas em que o gênero autobiográfico se apresenta, Massimi (2011) comenta que:

[...] deve-se considerar a existência de diversos tipos de fontes que podem ser tomadas como próprias desse gênero: os diários, ou seja, as anotações acerca dos acontecimentos da vida cotidiana; as memórias, a saber, textos retrospectivos baseados no exercício da memória pessoal do autor; a autobiografia propriamente dita que é a reconstrução retrospectiva feita pelo autor acerca do percurso de sua própria vida (bios-grafia) em sua totalidade; a confissão, exposição de si pela escrita realizada diante da presença real ou imaginária de um outro e destinada à leitura de um outro (por exemplo a obra de Agostinho); as reflexões e ensaios, que são textos escritos por um autor centrado em si mesmo e tendo como destinatário a si mesmo (Montaigne, Rosseau); a correspondência epistolar (MASSIMI, 2011, p.13).

A autora traça alguns marcos importantes na história do ocidente no que diz respeito às finalidades dessa escrita. Massimi (2011) define como referência de origem desse gênero as *Confissões*, escrita por Santo Agostinho, na busca pelo autoconhecimento. Segundo a autora, portanto, nos primórdios do cristianismo a escrita autobiográfica teve como motivação a busca pelo conhecimento de si mesmo e se manifestava na forma de confissão. Massimi (2011) cita Arendt (1987, 2000) quando diz que, na situação de Agostinho, tal experiência “coincide com a descoberta da vida da interioridade”. Dessa forma, neste contexto, os relatos autobiográficos são marcados pela “relação do eu com a totalidade como contexto adequado para o conhecimento de si mesmo...” (MASSIMI, 2011, p.16).

Na Idade Média proliferaram-se as autobiografias no estilo das confissões, elaboradas por autores eclesiásticos, dando continuidade à ideia da busca pelo autoconhecimento. Massimi (2011) explica essa proliferação a partir das explicações de Gurevic (1996) que analisa o fenômeno com base na decisão ocorrida no IV Concílio de Latrão, no início do século XIII, que definia o dever de todo fiel se confessar a um sacerdote, ao menos uma vez no ano. A autora ainda cita Duby (1994) ao afirmar que tal medida, ao ampliar ao conjunto de cristãos uma atividade tradicionalmente reservada aos monges, provocou uma mudança de hábitos naquela sociedade, com a introdução da introspecção na vida dos indivíduos.

Já a partir do Renascimento até a Idade Moderna, a escrita autobiográfica que se afirma é marcada pela preocupação em conservar e transmitir, a



determinados grupos de pessoas, as experiências e vivências do autor. Dessa forma, essa nova mentalidade é responsável pelo surgimento de textos autobiográficos (diários, confissões, crônicas) escritos por pessoas comuns. É o que nos mostra Massimi quando diz que:

Assim surgem diários redigidos não apenas por personagens famosos, mas também por pessoas simples movidas pela preocupação de anotar em pormenores no seu dia-a-dia 'aquilo que um bom administrador deve conservar no espírito para si mesmo e para os seus, do registro de fatos memoráveis no mundo e ao alcance de si'(Braunstein, 1994, p.553). Trata-se de confissões, diários e crônicas que se constituem em 'fontes de informação' elaboradas pelos indivíduos acerca de suas próprias vivências, 'incluindo seu corpo, suas percepções, seus sentimentos e sua concepção das coisas' (p.533) (MASSIMI, 2011, p.18).

Considerando as diferentes manifestações do gênero autobiográfico e a impossibilidade de delimitar as obras numa ou noutra definição específica, nesta pesquisa utilizamos textos escritos em prosa (embora os autores lancem mão de outros gêneros na composição das obras) em que os(as) autores(as) falam de si, narrando episódios de suas vidas – sejam eles vivenciados por eles mesmos ou relatados por pessoas de sua convivência.

Finalmente, situo a investigação no campo da História Cultural, mais especificamente, da história da leitura e da escrita. A História Cultural apresenta-se como uma das vertentes da “Nova História”, que se evidenciou principalmente a partir do *Movimento dos Annales* (1929-1989), revolucionando o fazer histórico ao admitir novas fontes, novos objetos e novas abordagens na pesquisa histórica. Trata-se de uma história que, ao contrário da chamada história tradicional ou positivista, entende a realidade como ‘social e culturalmente construída’ (BURKE,1992). Na obra intitulada *A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales (1929-1989)* Burke (1991) divide o Movimento dos Annales em três fases. Segundo o autor:

Em sua primeira fase, de 1920 a 1945, caracterizou-se por ser pequeno, radical e subversivo, conduzindo uma guerra de guerrilhas contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos. Depois da Segunda Guerra Mundial, os rebeldes apoderaram-se do *establishment* histórico. Essa segunda fase do movimento, que mais se aproxima verdadeiramente de uma ‘escola’, com conceitos diferentes (particularmente estrutura e conjuntura) e novos métodos (especialmente a história serial das mudanças na longa duração), foi dominada pela presença de Fernand Braudel [...] uma terceira fase se inicia por volta de 1968. É profundamente marcada pela



fragmentação. A influência do movimento, especialmente na França, já era tão grande que perdera muito das especificidades anteriores...(BURKE, 1991, p. 8).

O surgimento da *História Nova* provocou profundas transformações no fazer historiográfico ao conferir nova perspectiva às análises históricas. Conforme aponta Burke (1992):

[...] a nova história começou a se interessar por virtualmente toda a atividade humana. 'Tudo tem uma história' como escreveu certa ocasião o cientista J.B.S. Haldane; ou seja, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão 'história total', tão cara aos historiadores dos Annales (BURKE, 1992, p.11).

Ainda segundo o autor, com essa nova perspectiva, a história passa a ser contada a partir de diferentes pontos de vista<sup>8</sup>, e nesse sentido:

[...] vários novos historiadores estão preocupados com a 'história vista de baixo'; em outras palavras, com as opiniões das pessoas comuns e com sua experiência da mudança social. A história da cultura popular tem recebido bastante atenção. Os historiadores da Igreja estão começando a estudar sua história vista tanto de baixo, como de cima (BURKE, 1992, p.12).

Ao ter como objeto de pesquisa a escrita autobiográfica e como fontes centrais para a investigação, autobiografias e memórias, a História Cultural apresenta-se como um campo de estudo favorável à pesquisa proposta por oferecer possibilidades metodológicas para a efetivação dos objetivos anunciados.

## Fontes

Para o desenvolvimento desta pesquisa, foram utilizados como fontes os dados censitários do IBGE de 1920 e 1950, e oito autobiografias escritas por pessoas comuns. Segue abaixo alguns dados relativos às obras analisadas:

<sup>8</sup> Como exemplo dessa história contada a partir de novas perspectivas, cito a obra *O queijo e os Vermes*, do historiador Carlo Ginzburg, que conta a história do moleiro Domenico Scandella, perseguido pela Inquisição.

Quadro 01: Autobiografias de autores (as) mineiros (as) nascidos (as) na primeira metade do século XX e publicadas no século XXI

<b>Título</b>	<b>Autor (a)</b>	<b>Editora/Local de publicação</b>	<b>Ano de publicação</b>	<b>N de páginas</b>	<b>Ano de nascimento do(a) autor(a)</b>	<b>Local de nascimento do(a) autor(a)</b>
Vá com Deus, mãe!	Vicente de Souza	Imprensa Oficial de Minas Gerais Belo Horizonte	2003	207 páginas	1935	Água Comprida, zona rural de Boa Esperança/MG
Rascunho de uma vida	Allyrio Nunes Coelho	Mazza Edições Belo horizonte	2001	128 páginas	1921	Guanhães/Mg
Sem medo de se encontrar	Therezinha Gonçalves	Mazza Edições Belo Horizonte	2003	135 páginas	1930	Pirapora/MG
Outono Dourado em prosa e verso	Maria Horta Cabral Fernandes	Líthera Maciel Belo Horizonte	2000	159 páginas	1909	Santa Maria de Itabira/MG
Minha vida & Crônicas	Abram Ribeiro	Sografe Belo Horizonte	2002	165 páginas	1920	Amparo do Serra/MG
Trajetória de Lutas	Olney Jardim	Sografe Belo Horizonte	2006	141 páginas	1925	Araçuaí - Vale do Jequitinhonha/MG
Impressões de uma vida	Vicente Guabiroba	Gil Braz Belo Horizonte	2006	196 páginas	1922	Itamarandiba/MG
Minha vida, meu tesouro!	Maria da Conceição de Oliveira Teles	Redação! Belo Horizonte	2003	184 páginas	1917	Bom Despacho/MG

Fonte: Autobiografias impressas. Acervo pessoal e acervo da pesquisa “*Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)*” (GALVÃO, 2010).

Assim, neste estudo, utilizarei oito autobiografias publicadas em Belo Horizonte, escritas por cinco homens e três mulheres, nascidos (as) no interior de Minas Gerais, que se mudaram para a capital em algum momento de suas trajetórias, em sua maioria, buscando melhores condições de vida, com a continuação dos

estudos e/ou melhores empregos. A mudança para a capital ocorreu entre 1929 e 1970 (VER QUADRO 04).

Além disso, as autobiografias analisadas foram escritas quando os (as) autores (as) possuíam 65 anos ou mais e, como veremos, tratam-se de autores (as) que apresentavam alguma experiência prévia com a escrita, seja através da profissão, ou mesmo a redação de outras obras, poemas, crônicas, peças teatrais, etc.

Esse conjunto de 8 autobiografias resultou de uma busca exaustiva realizada em sebos, no acervo adquirido para a pesquisa anterior, em arquivos públicos e privados. Foram selecionadas as que preencheram os requisitos anteriormente apontados, como época de publicação, idade do (a) autor (a) quando escreveu a obra, local e época de nascimento dos mesmos. Além disso, foram descartadas as que, mesmo possuindo as características do gênero autobiografia, não traziam elementos suficientes para realizar a análise proposta. Isto porque, como dito anteriormente, existe uma variedade de obras inscritas no gênero autobiográfico e memorialístico. Durante a busca, foi possível identificar, por exemplo, obras voltadas exclusivamente para a descrição de cidades, bem como aquelas escritas em verso.

Esta dissertação está organizada em 3 capítulos. O primeiro deles, intitulado “Autobiografia e o idoso no século XXI”, discute sobre as novas configurações em torno dessa etapa da vida, constituídas a partir da década de 1960/70, no Brasil, e a relação desse fenômeno com a crescente publicação de caráter autobiográfico no país. Além disso, analiso o perfil desse conjunto de autores (as), buscando identificar elementos comuns e idiosincrasias que auxiliam a compreensão da relação com a prática da escrita e, especificamente, da escrita autobiográfica, para além das motivações e endereçamentos explicitamente declarados.

No capítulo 2, são analisados os pertencimentos identitários eleitos na reelaboração do passado. Considerando que os (as) autores (as), ao elaborarem/inventarem suas vidas através da escrita, o fazem a partir de um pertencimento identitário, busco identificar e analisar de que forma esses pertencimentos costuram suas narrativas, dando sentido às suas existências. Como poderá ser visto adiante, esse pertencimento poderá ser apreendido não só através

da narração 'pura', mas também pela análise dos recursos mobilizados, como o uso de citações, fotos, documentos e falas de terceiros, que atuam como elementos complementares na narrativa. Além disso, as próprias motivações para a escrita autobiográfica constituem elementos para a apreensão desse lugar a partir do qual o (a) autor (a) reconstrói sua trajetória.

Já no capítulo 3, busco identificar e analisar as referências ao envelhecer e ao ser idoso que aparecem nas obras quando os (as) autores (as) constroem suas narrativas. Seriam elas delineadas sob influência das reconfigurações em torno do ser idoso nas últimas décadas? De que forma as transformações ocorridas a partir de meados do século XX em torno dessa etapa da vida interferem na forma como os(as) autores(as) se veem e inventam? Nesse sentido, busco identificar como a escrita de si possibilita uma reflexão daquele que narra, constituindo-se como um processo autoeducativo.

## 1. AUTOBIOGRAFIA E O IDOSO NOS SÉCULOS XX E XXI

### 1.1 A autobiografia no mercado editorial brasileiro

Ao estudar o gênero autobiográfico, que tem, ainda, como principal suporte, o livro impresso, é importante compreender de que forma o livro e o texto impresso se estabeleceram no Brasil.

Na obra *O livro e a leitura no Brasil*, El Far (2006) faz uma breve retrospectiva da história do livro e da leitura em nosso país. Conforme a autora, embora alguns especialistas apontem que a China já usufruía da tecnologia dos tipos móveis na impressão dos livros, é consensual a ideia de que foi a partir do século XV, na Europa, com a descoberta de Johann Gutenberg, que essa tecnologia ganhou espaço.

A difusão da impressão pelos tipos móveis, ao longo dos séculos, o barateamento no custo das impressões e a maior rapidez na elaboração do livro fez com que o texto impresso se tornasse cada vez mais acessível no ocidente. Contudo, embora essa tecnologia tenha possibilitado um maior acesso aos textos impressos na Europa, o mesmo não ocorreu no Brasil. Como El Far (2006) aponta, a política colonial portuguesa, que não permitia nenhum tipo de impressão na colônia, ao lado do restrito acesso à instrução nas terras brasileiras, fez com que os textos impressos se tornassem objetos raros nas casas das pessoas, especialmente para mulheres – o que não quer dizer que não existissem aqueles que enfrentassem com paciência as burocracias de se importar livros de Portugal ou que encontrassem outras formas de adquirir suas obras. Nesse sentido, Bragança(2010) chama-nos a atenção para o papel precursor de Antônio Isodoro da Fonseca, que instala a primeira oficina tipográfica em terras brasileiras, em 1747, publicando os primeiros livros impressos no país.

Este cenário de começa a se modificar efetivamente a partir de 1808, com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil que, entre outras deliberações, funda a Impressão Régia no país. Inicialmente com o intuito restrito de divulgação de textos relativos ao serviço real, a Imprensa Régia passa, ao longo do tempo, a

ampliar sua utilização, incluindo a impressão de outros tipos de textos. Além disso, a instalação da Real Biblioteca no Rio de Janeiro também contribuiu para a ampliação da valorização da cultura impressa na colônia portuguesa, ao trazer para o país uma maior variedade de títulos. Conforme El far(2006), esse cenário atraiu a atenção de livreiros e tipógrafos estrangeiros que apostaram na venda de importantes obras à camada mais nobre da população.

Assim, embora no século XIX o Brasil ainda fosse um país marcado pelo baixo acesso à instrução, já se podia observar, nesse momento, a presença da palavra impressa cada vez mais próxima do cotidiano das pessoas<sup>9</sup>. Em pleno processo de difusão do impresso, com o surgimento de tipografias em diversas províncias e a edição de obras com temáticas variadas, passando pela moral, religião, história, direito entre outros (HALLEWELL, 1985), surge, na década de 1870, os livros “para todos os bolsos e gostos”, que buscava atender não mais apenas uma camada específica da população, ampliando ainda mais a variedade de assuntos tratados nos livros e textos publicados. Com a ampliação da camada leitora, novos editores foram surgindo e o mercado editorial no país foi se diversificando. Segundo El Far (2006):

Num processo crescente, o mercado editorial brasileiro, que pelo menos até as primeiras décadas do século XX situava-se basicamente em algumas poucas ruas do centro do Rio de Janeiro, apesar de ainda concentrar boa parte da sua produção no Sudeste do país, ampliou de maneira considerável suas fronteiras e diversificou sua produção. Segundo dados da Câmara Brasileira do Livro, existem hoje em todo território nacional 530 editoras ativas, ou seja, empreendimentos comerciais que publicam pelo menos cinco livros por ano ou que alcançam uma tiragem de dez mil exemplares (EL FAR, 2006, p.45).

Proliferaram-se, assim, principalmente nas capitais, editoras de médio e pequeno porte, voltadas à publicações de obras e textos variados, ampliando o catálogo editorial para além das obras consagradas, de autores renomados, que já possuíam espaço nesse mercado.

É o caso das editoras nas quais foram publicadas as obras analisadas neste estudo, que abrem suas portas aos sujeitos comuns que desejam escrever suas memórias e autobiografias. São elas: Líthera Maciel, Sografe, Redação, Mazza Edições, Gil Braz e Imprensa oficial de Minas Gerais, ainda ativas em Belo Horizonte.

<sup>9</sup> Temos que considerar também o surgimento e a rápida expansão dos impressos periódicos pelos principais centros urbanos nas primeiras décadas do século XIX.

Com exceção da Imprensa oficial do Estado de Minas Gerais<sup>10</sup>, que se estabeleceu há mais de 120 anos no Brasil, e da Mazza Edições, que vem se estabelecendo há mais de trinta anos no país, com a priorização da cultura brasileira e afro-brasileira, as demais são editoras de pequeno porte. Vale observar que, embora a Mazza Edições não se inscreva no conjunto das pequenas editoras, ela apresenta um diferencial que permite que autores(as) comuns, não contemplados por grandes editoras, ganhem voz. Conforme aponta-nos o histórico inscrito no site da editora<sup>11</sup>:

A MAZZA EDIÇÕES reflete em seu catálogo o empenho de escritores e leitores, que acreditam na construção de uma sociedade baseada na ética, na justiça e na liberdade. Acreditando nisso, investiu na publicação de autores / autoras negro(a)s e de livros que abordam os diversos aspectos da cultura afro-brasileira relacionada, por sua vez, a um largo segmento das populações excluídas no Brasil. No tocante a essa temática, a Editora se tornou referência nacional e internacional, na medida em que contribui para os debates acerca da diversidade sócio-cultural de nosso país.

Assim, podemos pensar que esse contexto de ampliação do estabelecimento de mercados editoriais no país, com o barateamento do texto impresso e a busca por um público consumidor cada vez mais diversificado, permitiu que as editoras admitissem uma maior variedade de títulos e temas, resultando numa maior abertura e acesso para aqueles que desejassem publicar seus textos. Dessa forma, o mercado editorial abre suas portas não só para obras conhecidas e de autores de grande relevância, como também para diferentes gêneros textuais, escritos por pessoas diversas.

Neste contexto em que escrever e publicar um texto ou obra torna-se algo possível a uma pessoa comum, a “consagração do lugar do indivíduo” (Gomes, 2004) que se delineou a partir da modernidade deu ensejo, a partir da década de 1990, ao aumento significativo de publicações e vendagens de caráter autobiográfico no Brasil. Ao buscar compreender esse fenômeno, Brisolara (2012) chama a atenção para o considerável interesse pela esfera do privado na contemporaneidade, que se alia, segundo ela ao que Remédios (1997) aponta em seu estudo sobre literatura confessional:

<sup>10</sup> A Imprensa Oficial do estado de Minas Gerais foi criada em 1891, com o objetivo de divulgar os atos governamentais. Segundo informações contidas no atual site da Imprensa, um dos seus valores é “difundir a cultura mineira”. <http://www.iof.mg.gov.br/index.php?/institucional-2/missao/missao.html> Acesso em: 20 de Junho de 2017.

<sup>11</sup> Contido em: <http://www.mazzaedicoes.com.br>. Acesso em: 15 Dezembro de 2016.

Parece que a literatura confessional é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que diante do leitor desnuda sua vida, estabelecendo-se então, uma perfeita união entre autor e leitor (REMEDIOS apud BRISOLARA, 2012, p.502).

Assim, a escrita de cunho memorial, que, segundo Brisolara (2012), era considerada uma escrita menor ao longo da história, passa a ganhar espaço e importância tanto como obras para deleite, quanto como fontes e objetos de estudos nas diversas áreas de pesquisa.

Vale observar que, a despeito desse *boom* de publicações de caráter autobiográfico a partir da década de 1990, verifica-se uma tendente crise na economia do livro no Brasil. Segundo Earp e Kornis (2010), a crise é resultado, entre outros fatores, da variação nos preços do produto e da renda dos consumidores, ao lado do surgimento de bens substitutos aos livros, como é o caso da Internet.

Embora a atual crise no mercado editorial não possa ser desconsiderada, para o presente estudo, importa compreender o reconhecimento que autobiografias e memórias passam a alcançar neste espaço.

## **1.2. O idoso no século XXI: uma voz que começa ser ouvida**

Concomitante a essas mudanças no mercado editorial mundial e brasileiro, observa-se, nas últimas décadas, um crescente interesse nos estudos que tratam do idoso e dessa etapa da vida no Brasil e no mundo. Entre outros fatores, que aprofundaremos no terceiro capítulo deste trabalho, no Brasil, esse fenômeno pode ser compreendido quando se leva em consideração que, a partir da década de 1960/70, a população com mais de 60 anos passou a crescer significativamente, o que fez com que essa parcela da população ganhasse maior visibilidade numérica e também simbólica.

Segundo Debert (2000), de forma geral, pode-se dizer que os estudos que tratam do idoso tem substituído a abordagem que o caracterizava como “fonte de miséria por uma perspectiva do idoso como fonte de recursos”. Vale dizer que tal substituição de perspectiva só pode ser compreendida quando se leva em consideração as mudanças e conquistas ocorridas no país, principalmente a partir



dos anos de 1960, no que diz respeito aos direitos e ao lugar do idoso na sociedade.

Para Teixeira:

A difusão da velhice em cena pública com grande expressividade é marcada por uma revolução demográfica e cultural. A primeira responsável pela longevidade, e a segunda, marcada pela criação de novos valores culturais, sociais acerca da velhice, contrários aos estereótipos de pobreza e miséria, cujas expressões como 'terceira idade', 'melhor idade', 'maturidade', ou 'envelhecimento ativo', 'saudável' cunhado pelas organizações internacionais, são significativas dessa mudança, de uma nova sensibilidade em relação à vida adulta e à experiência de envelhecimento (TEIXEIRA, 2003, p.114).

Inicialmente através das lutas operárias, com a reivindicação da aposentadoria, e posteriormente com a intensificação dos movimentos da sociedade civil em favor do idoso, ele passa a vislumbrar lentamente a sua inclusão na pauta das políticas públicas e sociais.

Ao analisar o estatuto do idoso, Justos e Rozendo (2010) chamam a atenção para o fato desse artefato se constituir, ao mesmo tempo, produto e produtor de significados e valores na sociedade. Buscando analisar alguns "marcos históricos da gestão e da produção de sentidos da velhice", o autor recorre a Néri (2005) quando aponta o final do século XIX, com a instalação da categoria social 'pobre' no Brasil, como o momento em que a velhice passa a ser associada a um estereótipo negativo:

Para Neri, no final do século XIX se instaurou, no Brasil, a categoria social "pobre", que passava a ser vista, pela aristocracia, como um problema. A solução encontrada para administrar a pobreza foi o asilamento desta população, composta por órfãos, imigrantes, leprosos, mendigos e velhos. Para a autora, neste mesmo período, foram construídas associações "negativas" entre asilo, pobreza e velhices, presente no próprio Estatuto do Idoso (JUSTOS e ROZENDO, 2010, p. 473).

Por outro lado, segundo os autores, o asilo, a aposentadoria, a Gerontologia e a Geriatria, como importantes produtores de sentido no que se refere ao envelhecimento, acabaram por reforçar a ideia do envelhecimento como um momento de perdas e inatividade:

O asilo veicula fortes imagens de uma velhice decrépita, disfuncional e inapta para a vida, necessitando, portanto, de um amparo total que demanda e legitima a tutela, a reclusão e o confinamento. A aposentadoria, na mesma linha de invalidação, ao desqualificar o idoso para as atividades

produtivas, o desqualifica também para outras atividades e funções sociais. O estigma que pesa sobre o aposentado é o da inatividade, uma inatividade não só relacionada ao trabalho, mas a outras esferas da vida. A gerontologia, por seu turno, valendo-se da autoridade galgada pelo cientificismo no mundo moderno, irá difundir as imagens do envelhecimento como um período de perdas e limitações, além de ditar as normas de tratamento do idoso (JUSTOS e ROZENDO, 2010, p.475).

Prosseguindo a análise, o autor destaca que ao final dos anos 60, inicialmente com o surgimento do SESC<sup>12</sup>, seguido do surgimento das Universidades abertas à terceira idade, o atendimento à velhice começou a ganhar novas perspectivas no Brasil. O objetivo deste atendimento passou a ser “a promoção do bem estar social, a ocupação do tempo livre e a refuncionalização da velhice” (JUSTOS e ROZENDO, 2010, p.474). Neste momento, então, novas categorias vão surgindo e ressignificando esta fase da vida:

Este modelo de atendimento à velhice colaborou para a criação de uma nova categoria social: “a terceira idade”. Diferente da categoria “velhice”, a terceira idade passa a ser retratada como uma fase ativa da vida repleta de realizações. Podemos encontrar tais representações nas nomenclaturas vinculadas, ao público idoso, na contemporaneidade: “melhor idade”, feliz idade”, “maturidade” e outras designações acompanhadas de valores meliorativos (JUSTOS e ROZENDO, 2010, p.474).

Com a criação do Estatuto do idoso em 2003, novas perspectivas passaram a marcar o entendimento da velhice no Brasil. Sem desconsiderar outras fontes de produção de sentido na sociedade, JUSTOS e ROZENDO (2010) ressaltam a força do Estatuto do Idoso como “expressão e, ao mesmo tempo, produção da maneira como a sociedade e a cultura brasileira concebe, representa, produz sentidos sobre a velhice”. Segundo os autores, o Estatuto, como desdobramento da Constituição 1988, ao colocar a velhice como objeto de preocupação do Estado, dá a este segmento da população uma maior visibilidade e importância, como uma “categoria social de prestígio e consideração” (JUSTOS e ROZENDO, 2010, p. 485).

Por outro lado, feitas as devidas ponderações e ressalvas, após a análise do conteúdo do Estatuto do idoso, os autores chamam a atenção para o fato dele ainda se apresentar como um veiculador de uma imagem limitante da velhice. Esta

<sup>12</sup> O Serviço Social do Comércio (SESC) é uma entidade privada, que atua na promoção do bem-estar e qualidade de vida, promovendo ações no campo da Educação, Cultura, Lazer e Assistência.

constatação se dá, além de outros fatores, pelo fato desse artefato apresentar mais categorias que vinculam o idoso à ideia de dependência e fragilidade, quando comparado àquelas que o consideram como indivíduos autônomos e independentes.

De qualquer forma, apesar das lacunas e “contradições” ainda existentes na formação de um novo olhar sobre o idoso no país, deve-se considerar um conjunto de mudanças e transformações significativas na sociedade brasileira que, ao se encaminhar para o envelhecimento, busca cada vez mais legitimar essa parcela da população.

Neste ponto, para este estudo é forçoso considerar que, ao buscar analisar o processo de 'invenção de si' nas autobiografias, embora os autores estejam relatando acontecimentos passados, é a partir das referências do presente que eles constroem suas narrativas. É o que Aquino, Oliveira e Rego(2006) afirmam quando dizem que a escrita autobiográfica não descreve os acontecimentos tal qual ocorreu no passado, mas sim faz uma revisão desses acontecimentos com os olhos do presente. Além disso, a própria prática da escrita autobiográfica na terceira idade não deve ser compreendida de forma descontextualizada já que, como vimos, diversos fatores estão envolvidos neste processo.

Assim, escrever e publicar uma autobiografia na terceira idade só é possível por existir um espaço para isso no mercado editorial brasileiro. Espaço este que entendo ser fruto tanto da maior flexibilidade e abrangência relativa aos textos publicados pelas editoras, quanto das transformações ocorridas na concepção do papel do idoso, que ganha voz na sociedade.

Diante disso, em que medida essas mudanças no papel e lugar do idoso em nossa sociedade interferem na forma como eles se vêem? As referências à idade, presentes nas obras, possuem marcas de um estereótipo negativo sobre a velhice ou de uma perspectiva positiva em formação, de um idoso participativo e atuante na sociedade? Este tema será melhor desenvolvido no capítulo 3 desta dissertação. Por ora, apresento os autores das autobiografias analisadas:

### **1.3. Os (as) autores (as)**

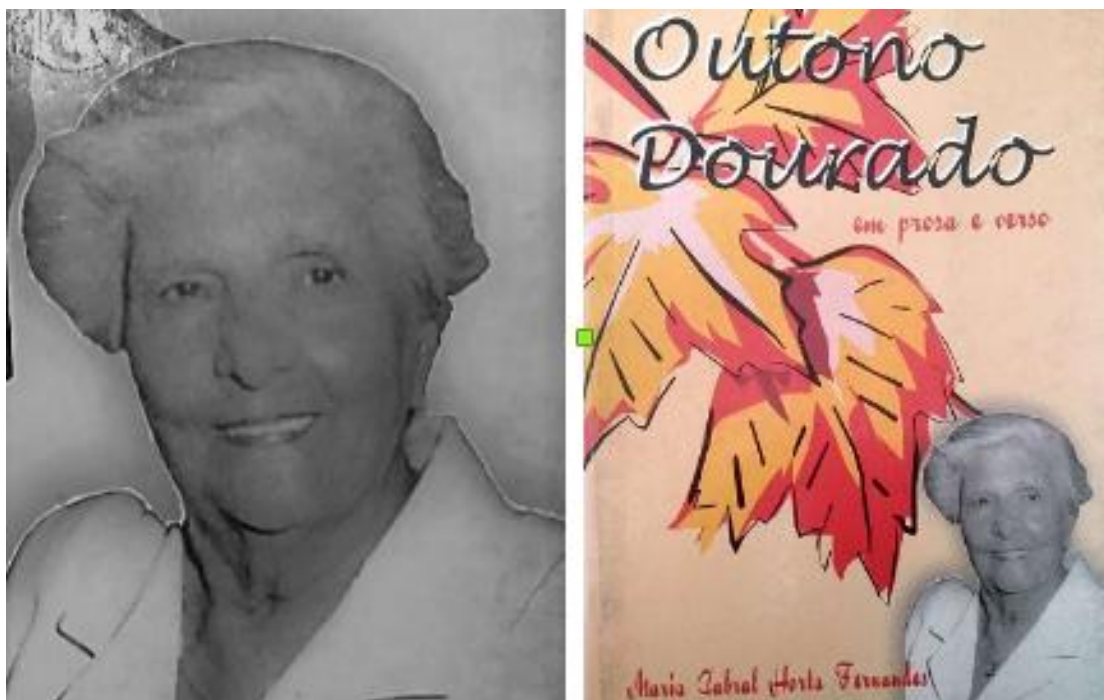
Maria Cabral Horta Fernandes

Filha de Jorge Pires Horta e Emília Margarida, Maria Cabral Horta Fernandes nasceu em 1909, em Santa Maria de Itabira/Minas Gerais. Casada com Ilson Fernandes de Araújo, a autora afirma que teve onze filhos.

Tendo concluído o curso primário em Ferros – MG, Maria Cabral Horta começou a trabalhar aos 14 anos de idade numa fábrica de tecidos em Itabira. Por volta de 1928, com sua vinda para a capital de Minas Gerais, passou a trabalhar num atelier de costura e, mais tarde, abriu uma loja de reformas de roupas e lavanderia com seu marido.

Com a morte do marido em 1978, quando ela tinha 68 anos, a autora começou a frequentar o SESC, onde se descobriu “atriz”, atividade para a qual ela relata apresentar grande inclinação, passando a se dedicar ao teatro e aos muitos comerciais de televisão para os quais foi requisitada. Aos 90 anos de idade, *Maria Cabral Horta* escreve *Outono Dourado* em prosa e verso, publicado pela editora Líthera Maciel, no ano de 2000.

Figura 01: capa e foto ampliada da autora de *Outono Dourado*.

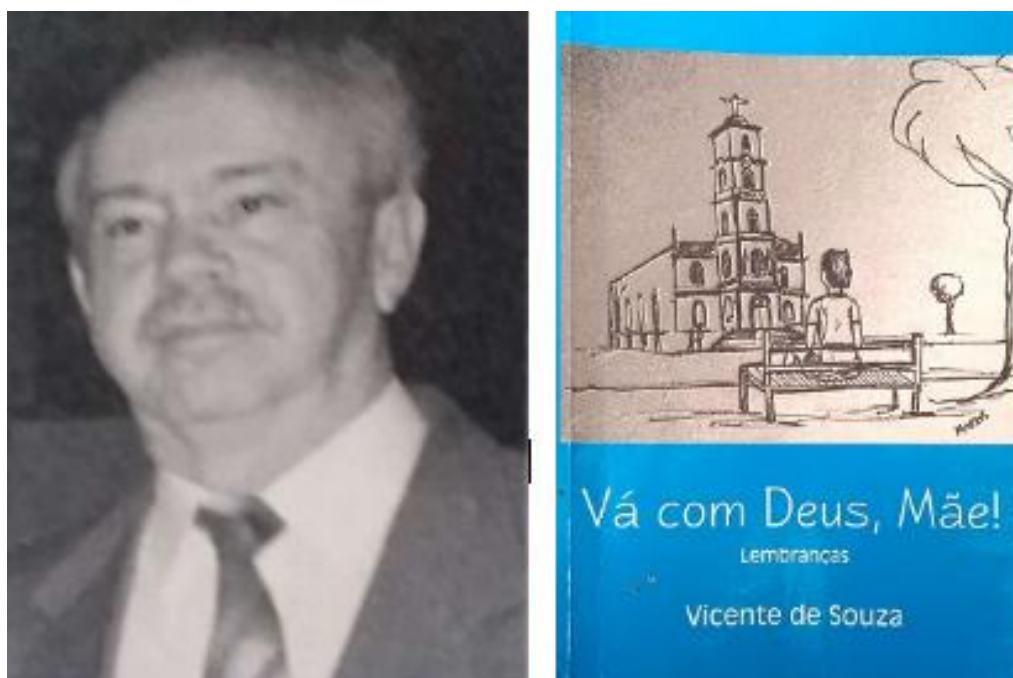


Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pela autora.

## Vicente de Souza

Nascido em 1935, na zona rural de Boa Esperança/MG, Vicente de Souza escreveu sua autobiografia aos 68 anos de idade. Filho biológico de Maria Antônia de Jesus e Nervito Mendes Rosa, aos 8 anos de idade, com a morte de sua mãe, o autor é entregue à sua madrinha de batismo, Dona Chicota, fato que, como ele mesmo coloca, mudou radicalmente os rumos de sua vida. Tendo concluído o primário em 1947, Vicente mudou-se para Rio de Janeiro a fim de continuar seus estudos no Ginásio Marista e, posteriormente, para Curitiba, onde conclui o científico. Em 1959 o autor transferiu-se para Belo Horizonte, onde cursou Direito na Universidade Federal de Minas Gerais. Durante sua trajetória o autor teve, entre outras ocupações, a de professor no Colégio Marista de Nossa Senhora da Penha, em Vila Velha/ES; trabalhou no Banco da Lavoura; foi escriturário do Banco do Brasil; promotor de Justiça, tendo, finalmente, se tornado juiz de Direito, cargo que deixou precocemente, aos 56 anos de idade, vítima de depressão profunda. Sua autobiografia foi publicada em 2003, pela Imprensa Oficial de Minas Gerais.

Figura 02: capa e foto ampliada do autor de *Vá com Deus, Mãe!*

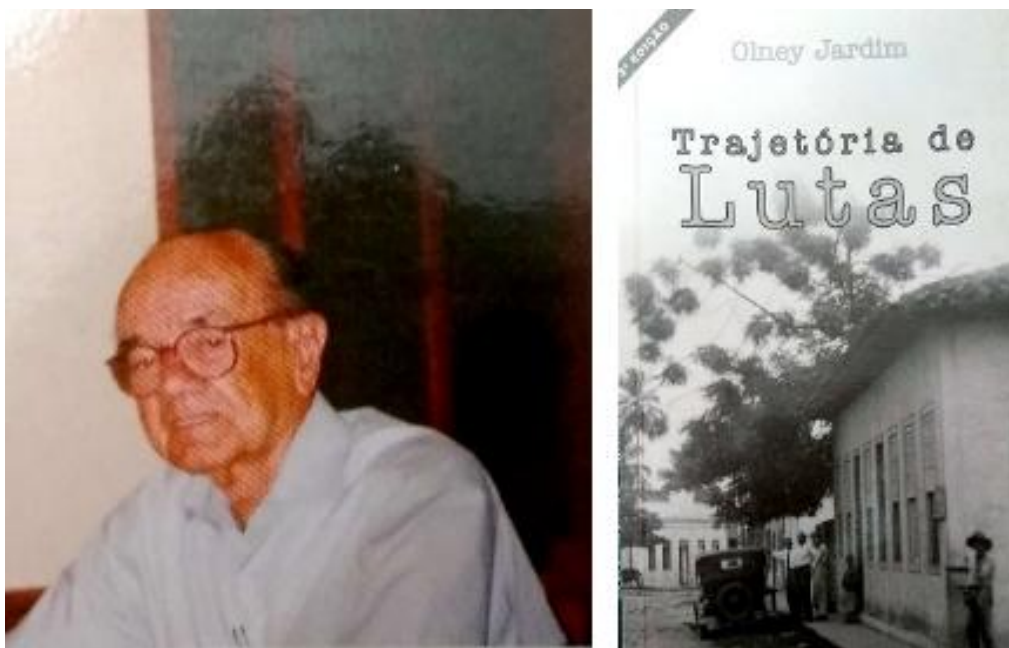


Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pelo autor.

## Olney Jardim

Autor de *Trajatória de Lutas*, Olney Jardim escreve sua autobiografia aos 80 anos de idade. Nascido em Araçuaí/MG, no ano de 1925, o autor mudou-se para Belo Horizonte em 1947. Na capital, o autor é aprovado no vestibular de Odontologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, chegando a alcançar, mais tarde, o título de doutor. O autor teve dois filhos com a esposa Maria Auxiliadora Guimarães, tendo também criado uma sobrinha como filha. Tendo começado a trabalhar aos 8 anos de idade, Olney exerceu as atividades de lavador de vidros de remédios na farmácia, vendedor, ajudante no escritório da fábrica de cigarros Souza Cruz, professor da Faculdade de Odontologia e Farmácia, dentista do I.A.P.C e, finalmente, responsável técnico no Centro de Radiografias Odontológicas. Sua obra foi publicada pela editora Sografe, no ano de 2006.

Figura 03: capa e foto ampliada do autor de *Trajatória de Lutas*.



Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pelo autor.



### Maria da Conceição de Oliveira Teles

Também escrevendo sua autobiografia aos 80 anos de idade, Maria da Conceição de Oliveira Teles nasceu em 1923, no município de Bom Despacho/MG. Filha de Olímpia Maria Couto e Gervásio Cardoso de Oliveira, a autora se casa com Emídio Teles de Carvalho, com quem teve quinze filhos, sendo alguns deles donos da Rede de livrarias Leitura. Em 1937, Maria da Conceição cursa a escola Normal em Dolores do Indaiá, tendo exercido a profissão de professora por pouco tempo. Com o objetivo de possibilitar melhores condições de estudos para os filhos, sua mudança para Belo Horizonte se deu em 1970. Na capital, a autora passou a trabalhar como costureira e bordadeira. Maria da Conceição de Oliveira Teles é autora, também, de *Histórias da Vovó: Contos populares passados de pais para filhos*, publicado em 2001, pela editora Leitura. Escreveu sua autobiografia dois anos após sua publicação anterior, pela editora Redação.

Figura 04: capa e foto ampliada da autora de *Minha vida, Meu tesouro!*



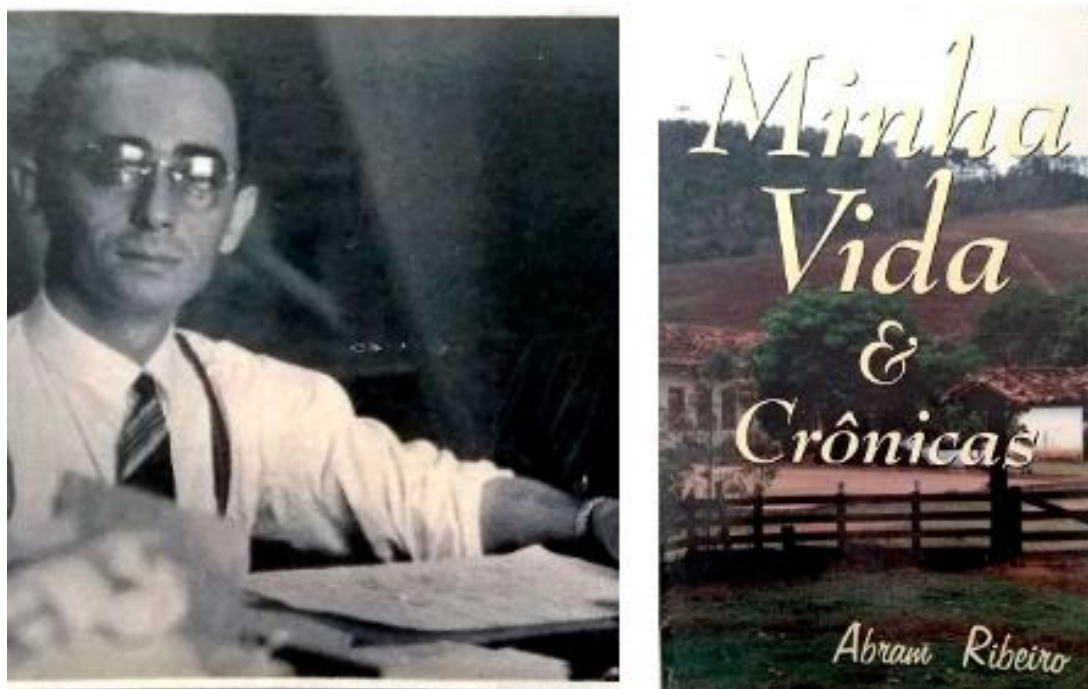
Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pela autora.

## Abram Ribeiro

Natural de Amparo do Serra, Abram Ribeiro nasceu em 1920. Filho biológico de Pedro Ribeiro de Paula e Maria Augusta de Oliveira, com a morte da sua mãe passou a morar com os pais adotivos, Dona Geraldina e Eugênio Toledo. Por volta de 1954, juntamente com a esposa, Maria de Lourdes Motta, com quem já tinha um filho, Abram adotou uma filha.

Tendo frequentado até o segundo ano primário, o autor exerceu inúmeras ocupações durante sua vida, sendo algumas delas a de sapateiro, balconista de armazém, vendedor, representante comercial e gerente de um depósito da Zíper. Com a aposentadoria, em 1980, passou a trabalhar com o seu filho numa clínica médica, na qual ele diz atuar como diretor financeiro até os dias em que escreve a obra. Sua vinda para Belo Horizonte se deu aos 18 anos de idade, quando o autor decidiu buscar melhores condições de vida. Sua autobiografia foi publicada em 2002, pela editora Sografe.

Figura 05: capa e foto ampliada do autor de *Minha vida & Crônicas*.



Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pelo autor.



### Allyrio Nunes Coelho

Allyrio Nunes Coelho nasceu no ano de 1921, em Guanhães/MG. Filho de Aggeu e Elvira, o autor casou-se com Tonha, com que teve quatro filhos. Em 1938, o autor foi diplomado normalista pela Escola Normal Getúlio de Carvalho, em Guanhães. Entre as diversas atividades que exerceu durante a vida, encontra-se a de candeeiro, vaqueiro, vendedor de pães, auxiliar de engenheiro, agente municipal de estatística, marinheiro escriturário, professor, secretário da Prefeitura de Buritizeiro - MG e chefe de gabinete da Assembleia Legislativa. Além disso, o autor, que escreve sua autobiografia aos 80 anos de idade, diz ter sido diretor e um dos fundadores do Ginásio Pirapora. Sua aposentadoria se deu aos setenta anos de idade e quarenta anos de serviço público. Publica sua autobiografia no ano de 2001, pela Mazza Edições.

Figura 06: capa e foto ampliada do autor de *Rascunho de uma vida*.

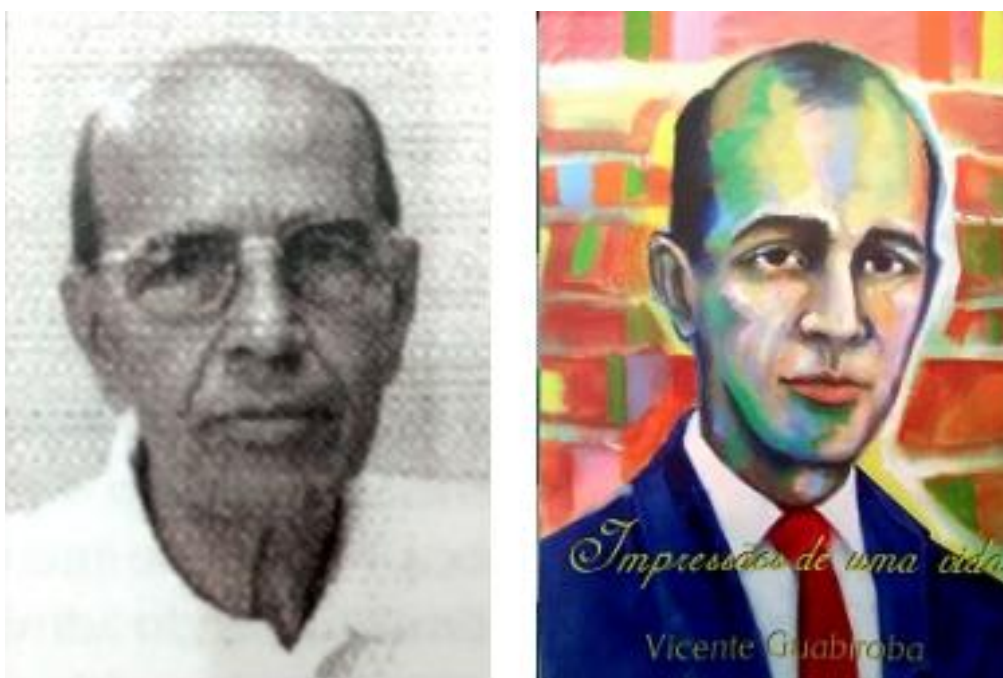


Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pelo autor.

## Vicente Guabiroba

Natural de Itamarandida, Vicente Guabiroba nasceu em 1925. Filho de Marcos Fernandes Guabiroba e Ubaldina Campos, o autor conta que estudou por sete anos no seminário e concluiu o bacharelado em Direito, teve uma efetiva participação na política como prefeito de Guanhães, foi diretor comercial da CAMIG (Companhia Agrícola de Minas Gerais), presidente da CODEVALE (Companhia de Desenvolvimento do Vale do Jequitinhonha), Deputado estadual e Deputado Federal. Além dessas atividades, Vicente menciona sua atuação como professor, diretor e contador. O autor escreveu a autobiografia após os 65 anos de idade e publicou sua obra pela editora Gil Braz, em 2006.

Figura 07: capa e foto ampliada do autor de *Impressões de uma vida*.



Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pelo autor

### Therezinha Gonçalves.

Finalmente, autora de *Sem medo de se encontrar*, aos 73 anos de idade, Therezinha Gonçalves é de Pirapora/MG, onde viveu até os dezessete anos, quando se mudou para Belo Horizonte. Filha de Maria Rosa da Conceição e Eulálio, a autora que nasceu em 1930, conclui o primário aos 11 anos de idade. Divorciada, a autora conta que teve seis filhos. Sua autobiografia foi publicada no ano de 2003, pela Mazza Edições.

Figura 08: capa e foto ampliada da autora de *Sem medo de se encontrar*.



Fonte: Foto da capa da autobiografia produzida pela autora.

#### **1.4. Os(as) autores(as) relação com a escrita e a leitura**

Para a análise da escrita autobiográfica desses autores, um elemento relevante é a relação que os (as) mesmos (as) estabeleceram com a escrita e com a leitura, uma vez que nenhum deles é escritor por ofício. Conforme apontado na

introdução deste trabalho, a escrita da autobiografia não constitui a primeira ou única experiência de escrita para a maior parte deles. Em quase todas as obras, há exemplos e indícios de que estes sujeitos possuíam intimidade com a escrita e com a leitura, tendo o hábito de escrever textos de diversos gêneros e até publicado em algum momento de suas trajetórias. Cabe lembrar que alguns (as) autores (as) inserem esses textos, geralmente crônicas e poesias, nas próprias autobiografias; outros autores mencionam essas produções e ainda há uma autora que teve uma obra publicada antes da autobiografia. Dois autores que não mencionam o hábito da escrita desenvolveram atividades profissionais que demandavam o contato diário e intenso com a leitura e a escrita. Um deles fez o equivalente ao doutorado em odontologia e o outro atuou como juiz de direito em Belo Horizonte. Abaixo apresento uma síntese de outras produções escritas desses (as) autores(as):

Quadro 02: Relação dos autores das autobiografias e seus outros textos

<b>Autor (a)</b>	<b>Ano de nascimento</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Outros textos do(a) autor(a)</b>
Abram Ribeiro	1920	Primário	<b>Crônicas</b> 1- João de Barro(*) 2- Simpatia(*) 3- Sonhos(*) 4- Varanda de minha casa(*) 5- Criancinha linda(*) 6- Abrigo-verde(*) 7-Teria sido outro mundo?(*) 8- Mas...não tem relógio(*) 9- Pedra do Anta(*) 10- Cidade de Ponte Nova (bairro das palmeiras)(*) 11- Fazenda do Paraíso(*) 12- João(*) 13- Amparo do Serra(*) 14- Auto crítica(*) 15- Fazenda(*) 16- Adeus, Igor!(*) 17- Homem doido(*) 18- Belo Horizonte(*) 19- Reflexão e saudosismo(*) 20 - Sabedoria(*)
Allyrio Nunes Coelho	1921	Normalista	<b>Crônicas</b> 1- Lenços Molhados (*) 2- O diálogo do amor e da morte (*)
Maria da Conceição de	1923	Normalista	<b>Poemas/versos</b> 1- Obrigada senhor 2- Nada tenho

Oliveira Teles			OBS: A autora escreve versos que não intitula <b>Livro:</b> Histórias da vovó – contos populares passados de pais para filhos, publicado pela editora Leitura
Maria Horta Cabral Fernandes	1909	Primário	<b>Peças teatrais</b> – a autora diz já ter escrito algumas peças (envolvimento com o grupo de teatro do SESC) <b>Poemas</b> 1- Casinha de repouso(*) 2- Para meu filhinho que morreu(*) 3- Cajueiro da Mata(*) 4- Berço do sol(*) 5- Para uma filha adotiva(*) 6-Minha infância(*) 7- Estrela D'alva(*) 8- Um homem nesta vida(*) 9- Márcia(*) 10- Um outro dia(*) 11- Renascer do espírito(*) 12- Triste doce seresteiro(*) 13- Balada de Natal(*) 14- Morada no interior(*) 15- Ipê florido(*) 16- Belo Horizonte(*) 17- Apaixonada despedida(*) 18- Buscando a felicidade(*) 19-Redenção(*) 20- Brasília(*) 21- Rio Santo Antônio(*) 22- Duas estrelinhas(*) 23- Cidade no interior(*) 24- A Fazenda da Mata(*) 25- Transfiguração(*) 26- Agradecimento a meu pai(*)
Olney Jardim	1925	Doutorado	
Therezinha Gonçalves	1930	Primário	<b>Poemas</b> 1-Marcas dos anos(*) 2-A vida e o tempo(*)  Texto sobre alimentação saudável: “Alimentos: um reino que se doa”(*)
Vicente Guabiroba	1925	Bacharelado em Direito	
Vicente de Souza	1935	Bacharelado em Direito na UFMG	

Fonte: Autobiografias impressas. Acervo pessoal e acervo da pesquisa “*Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)*” (GALVÃO, 2010).

Em (\*) textos inseridos nas autobiografias.

É importante ressaltar que, mesmo quando os textos foram incorporados à autobiografia, é possível perceber que esses escritos não foram produzidos para compor a obra, mas foram escritos em momentos anteriores, durante a trajetória dos (as) autores (as). Sendo assim, embora alguns desses textos atuem como um complemento das narrativas autobiográficas, nem todos apresentam relação explícita com o conteúdo das obras.

#### 1.4.1. Poesias e crônicas:

Maria Cabral Horta Fernandes, nascida em Santa Maria de Itabira<sup>13</sup>, na primeira década do século XX, traz ao final de sua narrativa diversos poemas escritos por ela ao longo de sua trajetória. Como veremos, embora estes poemas não tenham sido redigidos para compor a autobiografia, as temáticas desenvolvidas por eles complementam sua narrativa, uma vez que tratam de assuntos abordados por ela ao longo da obra. Assim, encontraremos poemas dedicados aos filhos: “Para meu filhinho que morreu”(p.130), “Para uma filha adotiva”(p.133), “Márcia” (p.139); ao esposo: “Um homem nesta vida”(p.136); à infância: “Minha infância”(p.134); bem como aqueles dedicados aos lugares em que viveu como o poema “Belo Horizonte” (p.145):

Belo Horizonte

Ergue-se arquitetônica, modernamente  
traçada, majestosa e linda.  
Metrópole dos meus sonhos  
e dos meus amores!

És jóia preciosa,  
de ouro e brilhantes,  
jovem centenária  
incrustada nas verdes, curvas,  
redondas montanhas.

Dama preferida do meu Brasil!  
Teu povo unido a conclama.  
Reparte tuas riquezas, amores,

<sup>13</sup> Desmembrando-se de Itabira, o município de Santa Maria de Itabira (antigo distrito de Santa Maria) foi criado em 1943 e situa-se na Zona do Rio Doce do Estado de Minas Gerais, com 1034 quilômetros quadrados. Em 1950 a população da cidade era de 18009 habitantes, sendo que a maior parte dela, por volta de 88%, situava-se na zona rural da região. Neste mesmo período, o município apresenta como base de sua economia a agricultura (IBGE).



belezas as mãos cheias,  
 princesa bela, cidade alterosa,  
 amiga e hospitaleira!  
 De Deus um sorriso!

Porque o sol a ilumina,  
 batido no leste,  
 doira matutino as cúpulas  
 dos vetustos, seculares palácios  
 e aquece de esperanças renascidas  
 as trágicas, suaves, alegres favelas.

Belo Horizonte,  
 horizonte sempre belo,  
 cantando dos poetas!  
 Cidade jardim  
 de praças adornada  
 de amores enfeitada.  
 Eu te abraço! (FERNANDES, 2000, p.145)

Analogamente, Abram Ribeiro, nascido em Amparo do Serra <sup>14</sup>/MG, apresenta algumas crônicas redigidas por ele ao final de sua narrativa. Conforme informações trazidas na orelha do livro, de autoria de seu filho, Abram já tinha como hábito a escrita de “causos”, o que ganha ainda mais força quando aquele resolve presentear-lo com um computador no seu aniversário de 80 anos, resultando na escrita da autobiografia. Assim, numa parte intitulada “crônicas”, o autor reúne diversos textos de sua autoria que apresentam, entre outras temáticas, os lugares por onde passou/viveu: “Pedra do Anta”(p.144), “Cidade de Ponte Nova (Bairro das Palmeiras)” (p.146), “Fazenda do Paraíso” (p.148), “Amparo do Serra” (p.152), “Belo Horizonte” (p.161) e perdas familiares como é o caso do texto intitulado “Adeus, Igor!” (p.157).

Maria da Conceição de Oliveira Teles, nascida em Bom Despacho/MG<sup>15</sup>, que já havia publicado *Histórias da Vovó: Contos populares passados de pais para filhos*, pela editora Leitura em 2001, também complementa sua narrativa com poemas e versos compostos ao longo de sua vida. Contudo, diferente de Maria Cabral Horta e Abram Ribeiro, que trazem seus poemas e crônicas ao final da obra, os poemas e versos inseridos pela autora aparecem incorporados à própria narrativa:

<sup>14</sup> Antigo Distrito de Ponte Nova, Amparo do Serra foi elevado à categoria de município apenas em 1962. Situado na Zona da Mata de Minas Gerais, possui uma área de 136,04 km<sup>2</sup>.

<sup>15</sup> Bom Despacho está situado na zona oeste do Estado de Minas Gerais e, segundo censo realizado em 1950, contava com uma população de 25279 habitantes.

Desse período, guardo no coração as lembranças do nosso irmãozinho Tarcísio. Ele era um belo bebê, que enchia de alegria os nossos dias. Nas noites enluaradas, eu o fazia dormir, andando no terreiro de um lado para o outro, cantando versinhos que eu mesma compunha:

Lua, luar, lua, luar,  
Tome este neném  
E me ajude a criar...

Oh lua, por favor,  
Vem buscar o meu neném,  
O meu amor...

Ele está muito chorão,  
Sua irmãzinha ainda não brincou  
Nem passeou...  
E ele só quer ficar na mão (TELES, 2003, p 32).

Assim também, Therezinha Gonçalves, nascida em Pirapora<sup>16</sup> /MG, apresenta, durante sua narrativa, outros textos escritos por ela em outros momentos. A autora inclui em sua obra um texto sobre alimentação saudável escrito por ela a pedido de uma creche, além de poemas de sua autoria na abertura de alguns capítulos, como por exemplo o poema *A vida e o tempo*, que antecede o capítulo “Dar tempo ao tempo”:

A vida e o tempo

Em um contido viver  
Deixei o tempo chegar  
Com as lições da vida  
Querendo me ensinar

Deste tempo presente  
Me tornei aliado  
Com fé e confiança,  
Ando sempre a seu lado.

Há tempo para plantar,  
Também para colher,  
Na espera, meditar  
Para com ele aprender (GONÇALVES, 2003, p.99).

Por outro lado, temos autores(as) que incluem em suas obras textos redigidos por eles em algum momento de suas trajetórias, mas que não apresentam

<sup>16</sup> Localizado na Zona do Alto São Francisco do Estado de Minas Gerais, Pirapora conta com uma área de 7.398 quilômetros quadrados. Em 1950 a população do município era de 28.282 habitantes, distribuídos entre a zona rural e urbana da região. As principais atividades econômicas da Pirapora são a agricultura, pecuária e silvicultura.



relação com o conteúdo das narrativas autobiográficas. É o caso de Allyrio Nunes Coelho, nascido em Guanhães/MG<sup>17</sup>, que traz ao final de sua autobiografia duas crônicas redigidas por ele: *Lenços Molhados* (p.55) e *O diálogo do Amor e da Morte*(p.87). A primeira crônica conta a história de um homem que obtém sucesso na carreira profissional, mas que não realiza seu sonho de ser pai. Já em *O diálogo do Amor e da Morte*, o autor apresenta um diálogo entre uma mãe solteira e um embrião que será abortado. Ambos os textos são apresentados em sequência, sem haver conexão entre si, nem à escrita de si; as crônicas são extensas, ocupando quase metade das 128 páginas da autobiografia.

#### 1.4.2. A escrita como parte da atuação profissional

Os demais autores, embora não evidenciem terem tido outras experiências de escrita e publicação, exerceram profissões em que a escrita e a leitura eram parte fundamental da atividade. É o caso de Vicente de Souza, nascido em Água Comprida<sup>18</sup>, zona rural de Boa Esperança. Embora não apresente e cite nenhum outro texto de sua autoria na obra, o autor foi seminarista e formou-se em direito pela UFMG, atuando como professor particular, promotor e, finalmente, como juiz de Direito.

Em que pese Olney Jardim não citar outros textos de sua autoria em sua autobiografia, o autor possui uma relação de intimidade com a leitura e a escrita uma vez que cursou níveis mais elevados de estudo. Nascido em Araçuaí<sup>19</sup>, Olney cursou odontologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, alcançando, em 1958, o equivalente ao doutorado nos dias de hoje.

<sup>17</sup> Ocupando uma área de 1.575 km<sup>2</sup> na Zona do Rio Doce do Estado de Minas Gerais, Guanhães apresentava em 1950 uma população de 35.208 habitantes, com sua maior parte – 83% - situada na zona rural da cidade. A agricultura e pecuária constituem a principal atividade econômica do município. (IBGE)

<sup>18</sup> Criada pela Lei estadual nº 1039, em 1953, Água Comprida pertencia ao município de Uberaba. Com uma área de 389 km<sup>2</sup>, a cidade está localizada na zona do Triângulo Mineiro. Segundo o censo de 1950, a população do Distrito de Água Comprida contava com uma população de 8426 habitantes e sua economia local baseava-se, principalmente, na agricultura e pecuária.

<sup>19</sup> Desmembrando-se do município de Minas Novas, Araçuaí está localizado na zona do Mucuri do Estado de Minas Gerais. O recenseamento de 1950 a população da cidade contava com 25.405 habitantes. As principais atividades econômicas da cidade são a agricultura, pecuária e silvicultura. Atividades relacionadas à indústria de transformação e ao comércio de mercadorias também se sobressaem neste período.

De Itamarandiba<sup>20</sup>, Vicente Guabiroba também teve um contato próximo com a leitura e a escrita em sua trajetória. O autor que estudou no seminário até os vinte anos, cursou Direito e atuou durante muito tempo na política.

Desse modo, podemos afirmar que este conjunto de autores e autoras se caracterizam como um grupo de sujeitos que estabeleceram uma relação de proximidade com a escrita e a leitura, seja pela profissão em que atuaram, seja por interesse próprio.

Ainda em relação às práticas de escrita, além da escrita e publicação da própria autobiografia, é interessante observar que boa parte desses autores “anônimos” tinham suas habilidades de escrita reconhecidas, ao menos por um círculo mais próximo de pessoas, geralmente a própria família. É o caso de Therezinha Gonçalves que relata a demanda de uma escola por um texto seu que trata de alimentação saudável. Para Abram Ribeiro e Maria da Conceição de Oliveira Teles, este reconhecimento parece vir dos familiares, especialmente dos filhos, que buscam a publicação da obra de seus respectivos pais<sup>21</sup>. Já Maria Cabral Horta tem sua habilidade de escrita reconhecida no teatro do SESC, ao atuar como escritora de algumas peças.

O reconhecimento pelo outro é um fator que também se relaciona com a produção das obras, relacionada ao endereçamento e à motivação, que será propriamente desenvolvido no capítulo 2 deste trabalho.

#### **1.4.3. Indícios das leituras realizadas pelos autores(as)**

No caso da leitura, por meio da análise das citações feitas pelos(as) autores(as), pode-se perceber que são leitores, seja de textos religiosos, seja de autores canônicos e de prestígio nacional e internacional. Se por um lado o recurso à citação, bastante presente nas obras analisadas, trazem indícios das leituras realizadas e do possível repertório frequentado pelos(as) autores(as), por outro lado, podemos também dizer que, ao utilizar a intertextualidade, os autores procuram

<sup>20</sup> Anteriormente conhecido como São João Batista, Itamarandiba recebeu este nome em 1923. O município, situado na zona do alto jequitinhonha do Estado de Minas Gerais e com uma área de 4.241 km<sup>2</sup>, contava com uma população de 30.010 habitantes, em 1950. A base econômica do município são a agricultura e pecuária.

<sup>21</sup> Maria da Conceição de Oliveira Teles é mãe dos proprietários da editora Leitura. Já Abram Ribeiro teve sua obra publicada graças à ajuda de seu filho e de um amigo.

demonstrar erudição, buscam ser reconhecidos como pessoas instruídas e cultas, indicando que valorizam a prática da escrita e da leitura. O uso de citações é, aliás, um recurso bastante utilizado pelos (as) autores (as). Como podemos observar no quadro abaixo, boa parte das narrativas apresentam citações de autores canônicos ou de prestígio nacional e/ou internacional:

Quadro 03: Utilização de citações nas autobiografias

Autor(a)	Citação:
Abram Ribeiro  Allyrio Nunes Coelho	Poema <i>Simpatia</i> , de Cassimiro de Abreu (p.132)  Cita a composição <i>Felicidade</i> , de Lupicínio Rodrigues (p.51)
Maria da Conceição de Oliveira Teles	Cita os poemas: - O gatinho teimoso – não cita a autoria (p.21); - O sábio – não cita a autoria (p.30); - Recordar é viver, do seu marido Emídio (p.52); - Devo partir, de seu marido Emídio (p.53); - Nada tenho, de seu marido Emídio (p.148);  A autora também cita cânticos católicos e serenatas feitas por seu marido na época do namoro (p. 15; 16;17;27;28;36;42).
Maria Horta Cabral Fernandes	- Poema <i>O Jardineiro</i> , de Rabindranath Tagore (Prêmio Nobel de literatura) – na abertura da obra (p.8); - Trecho de <i>Boêmios Errantes</i> , de John Steinbeck (Prêmio Nobel de literatura) – na abertura do capítulo 1 (p.13) - Poema <i>Oceano sob a pele</i> , de Sólton Borges dos Reis – na abertura do capítulo 2 (p.59) - Salmo 128 – na abertura do capítulo 3 (p.105) - Pensamentos de Leonardo da Vinci e de Moya (p.115)
Olney Jardim  Therezinha Gonçalves	- Cita trechos do livro de sua cunhada, intitulado <i>O Romanceiro do Jequitinhonha</i> ; - Cita outras duas obras de sua cunhada: <i>Por que mares navega o meu vento?</i> e <i>Cristais de sonho e História do Jequitinhonha</i> .  - Faz diversas citações Bíblicas durante a obra; - Cita Zíbia Gasparetto (p.84); - Cita o poema de Santa Tereza de Ávila (p. 110)

Vicente Guabiroba	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cita Guimarães Rosa (p.121);</li> <li>- Cita Schoppenhauer (p.175);</li> <li>- Cita Lavoisier (p.176);</li> <li>- Cita a fábula da lebre e da tartaruga, de Esopo</li> </ul>
Vicente de Souza	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poema <i>Meus oito anos</i>, de Cassimiro de Abreu (p.61);</li> <li>- Obra Póstuma <i>CONFITEOR</i>, de Paulo Setúbal. Ele cita filósofos e passagens em latim.</li> </ul>

Fonte: Autobiografias impressas. Acervo pessoal e acervo da pesquisa “*Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)*” (GALVÃO, 2010).

### 1.5. Escolarização dos autores

Considerando que estes(as) autores(as) nasceram na primeira metade do século XX, num momento em que as taxas de analfabetismo eram bastante significativas, especialmente quando pensamos na zona rural do país, podemos dizer que o grupo de autores aqui em análise representa a pequena parcela da população que, tendo acesso aos primeiros anos do ensino primário, nas localidades de origem, no interior de Minas Gerais, teve condições de galgar níveis mais elevados de ensino, como o curso normal e o seminário, alcançando até mesmo a pós graduação, como é o caso de Olney Jardim. Não por acaso, a busca por melhorias nas condições de estudo e de vida foram as principais justificativas para a vinda a Belo Horizonte.

No estudo intitulado “Autobiografias e “novos letrados”: um estudo comparativo (Minas Gerais, Brasil; Illinois, Estados Unidos, primeira metade do século XX)”, ao analisar as intâncias de aproximação de autores de autobiografias, de Minas Gerais e Illinois, com as culturas do escrito, GALVÃO(2017) mostra que, embora a família seja umas das instâncias privilegiadas nessa aproximação<sup>22</sup>, no Brasil, nem sempre isso ocorre. Por outro lado, conforme a autora aponta, mesmo os indivíduos em que as famílias não tiveram uma aproximação efetiva com a leitura e a escrita podem desenvolvê-la ao longo de suas trajetórias:

<sup>22</sup> Ver também MANKE; PERES; THIES (2009).

Muitos estudos têm mostrado (Bourdieu, 1998a; Melo, 2008; Silva, 2005) que a família é um dos principais agentes de letramento em um sentido positivo. De modo geral, há uma correlação entre a escolarização dos pais, as práticas de leitura familiares, a presença de materiais escritos na vida das pessoas ainda na infância, e os níveis de letramento construídos pelos indivíduos na vida adulta (Ribeiro, 2003). Em muitos casos, entretanto, principalmente em determinadas épocas, lugares e para/em determinados grupos sociais, esse modelo de família, frequentemente associado, em nossa representação, com as famílias contemporâneas, urbanas e de classe média, é raro ou inexistente. Em países como o Brasil, por exemplo, em que a imprensa e um projeto escolarização universal desenvolveu-se tardiamente, é comum, mesmo nos dias atuais, encontrar famílias que não estão estabelecidas nas culturas do escrito há muitas gerações.[...] Mesmo assim, alguns estudos têm mostrado que, contrariamente a certas expectativas, muitos indivíduos com pais com baixos níveis de escolarização e/ou que não usam frequentemente a leitura e a escrita em sua vida cotidiana podem construir uma relação de forte aproximação com as culturas do escrito ao longo de suas vidas (Lahire, 1997; Galvão e Oliveira, 2007; Galvão, 2003; Silva, 2005) (GALVÃO, 2017, *no prelo*).

Sabendo que alguns dos(as) autores(as) analisados nesta pesquisa são filhos de pais com baixa ou nenhuma escolarização, como é o caso de Vicente de Souza, que relata ser filho biológico de trabalhador braçal e dona de casa, este se torna um grupo ainda mais diferenciado. No quadro abaixo apresento uma síntese da formação desses(as) autores(as) e do momento em que se transferiram para a capital mineira:

Quadro 04: Escolarização dos (as) autores(as) das autobiografias e mudança para Belo Horizonte

<b>Obra</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano Nasc. autor</b>	<b>Cidade natal</b>	<b>Escolaridade do autor</b>	<b>Mudança para Belo Horizonte</b>
Vá com Deus, mãe!	Vicente de Souza	1935	Água Comprida, zona rural de Boa Esperança/MG	Bacharelado em Direito pela UFMG (1960-1964)	1959 – Muda-se para Belo Horizonte para estudar. (muda-se diversas vezes em função dos concursos, quando em 1982 finalmente se estabelece na capital.)
Rascunho de uma vida	Allyrio Nunes Coelho	1921	Ganhães/MG	Diplomado Normalista em 1938	Muda-se para Belo Horizonte, mas na obra não traz informações sobre quando isso ocorre.

Sem Medo de se encontrar	Therezinha Gonçalves	1930	Pirapora/MG	Primário – 1937 a 1941	Muda-se com a família para Belo Horizonte aos 17 anos (+/- 1947).
Outono Dourado em prosa e verso	Maria Horta Cabral Fernandes	1909	Santa Maria de Itabira/MG	Primário - 1917	Muda-se para Belo Horizonte em 1929.
Minha vida & Crônicas	Abram Ribeiro	1920	Amparo do Serra/MG	Primário	Muda-se para Belo Horizonte 1939 – segundo ele a capital estaria “a pleno vapor”.
Trajatória de Lutas	Olney Jardim	1925	Araçuaí/MG MG	Superior em Odontologia – (1951) Doutorado (1958)	Muda-se para Belo Horizonte em 1947 para servir ao exército.
Impressões de uma vida	Vicente Guabiroba	1922	Itamarandiba/MG	Seminário Bacharelado em Direito	Muda-se para Belo Horizonte, mas na obra não traz informações sobre quando isso ocorre
Minha vida, meu tesouro!	Maria da Conceição de Oliveira Teles	1923	Bom Despacho/MG	Forma-se normalista – 1937 a 1940	Muda-se para Belo Horizonte em 1970. Vários dos filhos já haviam se transferido para capital em função dos estudos.

Fonte: Autobiografias impressas. Acervo pessoal e acervo da pesquisa “*Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)*” (GALVÃO, 2010).

Segundo o recenseamento do IBGE, em 1920, no Brasil, apenas um quarto da população sabia ler e escrever. Este nível cai um pouco quando analisamos Minas Gerais, onde o alfabetismo representa pouco mais de 20% da população. A discrepância entre esses índices é ainda maior quando comparamos a capital e os demais municípios do estado:

Tabela 01: População segundo o grau de instrução, em 1920.

<b>Localidade</b>	<b>Sabem ler e escrever</b>	<b>Não sabem ler e nem escrever</b>
Brasil	7.493.357	23.142.248
Minas Gerais	1.216.641	4.671.533
Belo Horizonte	33.678	21.885
(Ponte Nova) Amparo do Serro	18.785	43.881
(Minas Novas) Araçuaí	5.199	45.542
Uberaba (Água Comprida)	19.074	40.733
Bom Despacho	2.673	9.949
Conceição do Serro (Guanhães)	12.138	49.739
Itabira (Santa Maria de Itabira)	9.616	26.038
São João Baptista (Itamarandiba)	2.861	21.771
Pirapora	4.242	12.995

Fonte: Recenseamento do Brasil realizado em 1 de Setembro de 1920. Volume IV. Rio de Janeiro, 1929. Disponível na Biblioteca do IBGE.

Esses índices consideram a população total (a partir de 0 anos). É importante observar que, por se tratar do recenseamento de 1920, em alguns casos os dados referem-se às cidades da qual alguns municípios foram desmembrados. Logo, fornecem estimativas de como se caracterizava a população das regiões dos autores das autobiografias na época aproximada em que nasceram e viveram a infância.

Embora em 1950 já seja possível observar um aumento significativo no número de pessoas de 5 anos ou mais que sabem ler e escrever nas capitais e municípios, esse número é bastante discrepante quando comparamos os quadros urbanos e rurais das cidades:

Tabela 02: Índice de alfabetismo de pessoas de 5 anos ou mais (Quadro urbano X rural) - 1950

Localidade	Quadro urbano		Quadro rural	
	Sabem ler e escrever	Não sabem ler e nem escrever	Sabem ler e escrever	Não sabem ler e nem escrever
(Ponte Nova) Amparo do Serra	11.715 (66,29%)	5.960 (33,71%)	13.113 (39,54%)	20.043 (60,46%)
Araçuaí	2.408 (50,89%)	2.324 (49,11%)	2.042 (13,16%)	13.476 (86,84%)
Água Comprida (Zona rural de Boa Esperança)	-	-	139 (59,14%)	96 (40,8%)
Bom Despacho*	-	-	10.146 (48,83%)	10.632 (51,17%)
Guanhães	3.062 (62,77%)	1.855 (39,73%)	6.078 (24,59%)	18.634 (75,41%)
Santa Maria de Itabira	1.049 (60,8%)	605 (36,58%)	3.653 (27,03%)	9.859 (72,97%)
Itamarandiba	1.736 (52,05%)	1.599 (47,95%)	1.540 (6,92%)	20.707 (93,08%)
Pirapora	5.923 (55,24%)	4.799 (44,76%)	2.883 (22,43%)	9.965 (77,57%)

FONTE: Enciclopédia dos municípios brasileiros, IBGE, 1959.

(\* Os índices para Bom Despacho dizem respeito à população de 10 anos ou mais.)

Esses dados reforçam a ideia de que se trata de um grupo de sujeitos 'atípicos' no que diz respeito à relação que estabeleceram com a leitura e com a escrita, especialmente quando pensamos que alguns deles são originários da zona



rural, onde o número de pessoas que sabem ler e escrever é significativamente menor quando comparados às zonas urbanas. É o caso de Vicente de Souza, nascido em Água Comprida, zona rural de Boa Esperança/MG e de Abram Ribeiro, nascido em Garapa, próximo ao arraial de Amparo do Serra/MG.

Outro fator importante que deve ser observado é o fato de três obras terem sido escritas por mulheres. Como é possível observar no quadro abaixo, os níveis de alfabetismo se tornam ainda menores quando comparamos homens e mulheres, de 5 anos ou mais que sabem, ou não, ler e escrever:

Tabela 03: Pessoas de 5 anos ou mais que sabem ou não ler e escrever (Homens X mulheres) - 1950

<b>Censo de 1950 - Quadro rural e urbano</b>				
<b>Localidade</b>	<b>Sabem ler e escrever (Homens)</b>	<b>Não sabem ler e nem escrever (Homens)</b>	<b>Sabem ler e escrever (Mulheres)</b>	<b>Não sabem ler e nem escrever (Mulheres)</b>
(Ponte Nova) Amparo do Serra	13.579	11.560	11.249	14.443
Araçuaí	2.345	7.477	2.105	8.325
Água Comprida (Zona rural de Boa Esperança)	90	34	49	62
Bom Despacho	-	-	-	-
Guanhães	4.935	9.658	4.205	10.831
Santa Maria de Itabira	2.519	4.888	2.183	5.615
Itamarandiba	1.682	10.559	1.594	11.747
Pirapora	4.633	7.001	4.173	7.763

FONTE: Enciclopédia dos municípios brasileiros, IBGE, 1959.

Por fim, neste capítulo, busquei analisar a escrita autobiográfica a partir dos perfis de seus autores e autoras. O conjunto das oito obras analisadas resulta da confluência de alguns fatores que as tornaram possíveis: a expansão do mercado editorial que, ao longo do século XX e sobretudo no final desse século, possibilitou a tendência a dar visibilidade a escritores anônimos, como é o caso dos autores aqui analisados; o contexto de envelhecimento da população nos países desenvolvidos e

em desenvolvimento, que contribui para a construção de um novo lugar e de novos olhares em torno do envelhecer e do idoso; histórias de vida atípicas - se comparadas à maioria da população com as mesmas condições, nos mesmos contextos geográficos e históricos de origem – de sujeitos que galgaram melhores condições de vida por meio da migração, sendo a trajetória de alguns marcada pela longevidade escolar e de outros pelo autodidatismo. Trata-se de sujeitos para os quais a escrita de si se insere num conjunto maior de práticas de escrita que foi sendo desenvolvida ao longo de suas vidas, seja por motivos profissionais ou por afinidades e interesses pessoais.

## 2. OS PERTENCIMENTOS IDENTITÁRIOS COMO EIXO DA INVENÇÃO DE SI

Ao analisar uma narrativa autobiográfica, deve-se considerar que o (a) autor (a), ao dizer de si, fala a partir de um lugar que não é neutro. Esse lugar, que aqui entenderemos como pertencimento (ENNES e MARCON, 2014), constitui o eixo pelo qual o (a) autor (a) reelabora, no presente, contextos e situações vividas por eles (as) ao longo de suas vidas. Trata-se de um processo subjetivo que ocorre a partir de elementos objetivos, ou seja, a partir de situações reais vividas pelo (a) autor (a), ele ressignifica a sua existência no momento em que escreve, dando centralidade a esse aspecto.

Vale dizer que, por se tratar de um processo subjetivo, esse pertencimento diz muito mais daquilo que impacta o sujeito intimamente - a ponto de se tornar o eixo da releitura de sua vida -, que de suas condições materiais aparentemente mais significativas, embora, na maioria das vezes, observa-se que ambos elementos apresentem relação. Dessa forma, um indivíduo pode ter nascido em condições de extrema pobreza, mas ressignificar sua vida a partir do pertencimento religioso, por este apresentar maior impacto na sua forma de ser, estar e entender o mundo no momento da escrita. O presente atua, nesse sentido, como ponto de partida no processo de recordar, constituindo-se no ponto de referência a partir do qual a releitura da vida será construída<sup>23</sup>. Segundo Bosi:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista (BOSI, 1994, p.55).

<sup>23</sup> O argumento central deste capítulo foi desenvolvido e publicado em GALVÃO, Ana Maria de., NEIVA, Larissa M. e JINZENJI, Mônica Y., 2017.

Assim, devemos considerar que, se em diferentes momentos da vida, releituras distintas podem ser feitas, conseqüentemente o mesmo pode ocorrer em relação ao pertencimento escolhido no momento desta reconstrução.

No estudo *O lugar dos pertencimentos sociais do escritor-adulto na reconstrução das memórias de infância* (GALVÃO, NEIVA e JINZENJI, 2017), ao analisar a autobiografia de Carolina de Jesus, as pesquisadoras chamam a atenção para as fortes referências à condição étnico-racial da autora na reconstrução de suas memórias de infância, embora esta também tenha sido marcada pela pobreza. Conforme se verificou no estudo, Carolina de Jesus reelabora suas vivências a partir, principalmente, “do conflito e questionamento das condições a que se via submetida em razão de sua condição racial” (GALVÃO, NEIVA e JINZENJI, 2017, *no prelo*). Assim, podemos pensar que, no momento em que a autora escreveu a autobiografia, o pertencimento que atuava como fio condutor de sua narrativa foi o pertencimento étnico-racial. Ou seja, este se constituiu o eixo norteador no movimento de se inventar realizado pela autora.

O referido estudo apontou, ainda, alguns artifícios utilizados pelos (as) autores (as) na construção desta identidade, como a utilização da fala de terceiros tanto ao longo das narrativas, como nos prefácios e introduções das obras. Como se verificou, tais artifícios atuam reforçando esse ‘lugar’ pelo qual o (a) autor (a) se reinventa através da escrita. Como veremos, esses artifícios, aqui entendidos como “recursos”, são incorporados à narrativa como complementos da ideia e da imagem que o (a) autor (a) pretende transmitir ao leitor e, nesse sentido, podemos pensar que estão intimamente relacionados ao pertencimento eleito pelo (a) autor (a) no momento da narração. No quadro abaixo é possível visualizar alguns dos recursos utilizados por nossos (as) autores (as) durante as narrativas:

Quadro 05: Recursos utilizados pelos(as) autores(as) na invenção de si

Autores/ Recursos	Abram Ribeiro	Allyrio Nunes	Maria da Conceição	Maria Horta	Olney Jardim	Therezinha Gonçalves	Vicente de Souza	Vicente Guabiroba
Árvore Genealógica			X					
Citações de textos, frases, e/ou obras lidas	X	X	X	X	X	X	X	X
Decálogo		X						
Imagens de documentos impressos, reportagens de jornais, etc.		X					X	X
Fala de terceiros	X	X		X		X	X	
Fotos	X	X	X	X	X		X	X
Glossário (produzido pelo próprio autor)					X			
Prefácio		X		X	X	X	X	X
Inclusão de outros textos de sua autoria (crônicas, poemas, etc)	X	X	X	X		X		

Fonte: Autobiografias impressas. Acervo pessoal e acervo da pesquisa “*Modos de participação nas culturas do escrito por “novos letrados”: Um estudo sobre memórias e autobiografias (Minas Gerais, primeira metade do século XX)*” (GALVÃO, 2010).

Conforme poderemos perceber mais adiante, embora a utilização de determinados recursos estejam presentes em mais de uma obra, a forma como eles foram utilizados pelos (as) autores (as), assumem funções distintas.

Outro elemento importante quando se busca compreender essa construção de um pertencimento identitário, é a motivação que os (as) autores (as) apresentam para a escrita de uma autobiografia. Como veremos, esse estímulo, quando aparece explicitado nas obras, possui uma íntima relação com o pertencimento que atua como fio condutor da escrita. Nesse sentido, quando se pretende compreender esse movimento de ‘se inventar’ através da escrita, é forçoso identificar a partir de que pertencimento o (a) autor (a) constrói sua narrativa, dando sentido às suas vivências e experiências, bem como os elementos que contribuem nesse processo. Como veremos a seguir, na análise das oito obras escolhidas para esta pesquisa, cinco pertencimentos se destacaram: o religioso; o socioeconômico; o familiar; o trabalho e o geográfico.

## **2.1. Pertencimento religioso**

Em *Sem medo de se encontrar*, Therezinha Gonçalves, que escreve aos 73 anos de idade, faz uma releitura de sua vida a partir dos saberes adquiridos através da filosofia Seicho-No-Ie<sup>24</sup> e das várias leituras e experiências religiosas vivenciadas ao longo de sua trajetória. Sua narrativa é marcada pelo sincretismo religioso que, no texto, se traduz em diversas citações de passagens bíblicas, obras espiritualistas e ensinamentos do Seicho-No-Ie, entre outras, de difícil identificação. Embora, em alguns momentos, a autora utilize outros recursos, como a lembrança da fala de terceiros e a inclusão de textos de sua própria autoria, como, por exemplo, os poemas “Marcas dos anos” e “A vida e o tempo”, que foram incluídos em sua

<sup>24</sup> Fundada em 1930 e presente em todo mundo, trata-se de uma filosofia de origem japonesa caracterizada pela busca do autoaperfeiçoamento espiritual e harmonia entre a natureza e o ser humano.

autobiografia, a utilização de citações religiosas é o principal artifício utilizado por ela no processo de ‘se inventar’.

Assim, em sua narrativa aparecem citações de leituras tanto de livros de autoconhecimento/autoajuda, como o de Zíbia Gasparetto<sup>25</sup>, quanto de textos bíblicos, como quando ela cita o poema de Santa Tereza de Ávila:

Ninguém consegue viver bem sem fé, aquela fé que Santa Teresa de Ávila quis passar, ao fazer seu poema:

Nada te turbes,  
Nada te espante,  
Tudo passa,  
Deus não muda,  
Quem a Deus tem,  
Nada lhe falta,  
Só Deus basta.” (GONGALVES, 2003, p.110)

É interessante observar que, mesmo quando a autora inclui na narrativa um texto de sua autoria sobre alimentação saudável, ele se relaciona com um texto religioso lido por ela em algum momento de sua vida. É o que acontece quando uma creche solicita a ela um texto sobre alimentação saudável, que seria publicado num jornalzinho da instituição. Ao transcrever seu texto “*Alimentos: Um reino que se doa*”, a autora diz ter se inspirado numa mensagem extraída do Evangelho dos Essênios:

Alimentando com amor

Uma boa alimentação é uma prioridade para um melhor viver. É importante que seja vista com respeito, procurando sempre alimentos puros e saudáveis, que irão contribuir para que nossos órgãos funcionem harmoniosamente. Caso contrário, intoxicamos nosso organismo, dando origem a diversas doenças.

O nosso alinhamento inclui que sejamos comidos ao alimentarmos, tendo cuidado para não alimentarmos desejos ou gula, podendo com isso sofrer as consequências no físico. É preciso que respeitemos essa veste que recebemos, para matricular-nos nessa dimensão.

Quando não fazemos uma boa alimentação, sentimos o corpo pesado, ofuscando nosso campo energético.

Não existem receitas básicas de como nos alimentarmos melhor, a não ser estarmos amando e reverenciando nosso alimento em glória ao Pai, pelo reino que prazerosamente nos doa.

Se bem sintonizados, desenvolvemos amor ao preparar nossos alimentos, seremos intuitivos de como poderemos fazer o melhor, mesmo que haja carência desses. Quando se alimenta por amor à vida, o que nos é necessário nunca nos faltará, não devendo nos esquecer de que somos sempre agraciados pelo maná do céu.

Luz, amor e vida (GONÇALVES, 2003, p.122).

<sup>25</sup> Zíbia Gasparetto é uma escritora brasileira, natural de Campinas/SP. É reconhecida nacionalmente por suas obras espiritualistas e mediúnicas.

A motivação da autora para escrever uma autobiografia também encontra relação com seu pertencimento religioso. Ao julgar que se encontra num lugar privilegiado de saber e autoconhecimento, resultado de suas inúmeras experiências e leituras religiosas, Therezinha busca transmitir às pessoas esses conhecimentos para que possam melhor se conhecer, tendo uma vida mais harmoniosa. É assim, por exemplo, que baseada na técnica aprendida numa cerimônia Seicho-No-Ie, a autora justifica a escrita de si:

Havia em certas ocasiões, uma cerimônia na qual todos escreviam suas dificuldades, frustrações, culpas e todas as situações que foram vistas de forma negativa. Todos aqueles papéis escritos eram reunidos e, com um ritual próprio, eram queimados, acreditando-se que uma força ali existente eliminava nossos carmas (GONÇALVES, 2003, p.31).

Conscientemente ou não, é a partir do pertencimento religioso que a autora ressignifica suas vivências passadas com os olhos do presente, dando nova roupagem àquilo que, no momento vivido, parecia destituído de significado. É o que acontece quando ela relembra um episódio da sua infância:

Sabia que não era uma criança bonita, pois não ouvia essas palavras. Ao contrário: certa vez, estava com minha mãe em um parque de diversões e fui sorteada com um lindo elefante vermelho. Uma senhora, que também participava do sorteio, descontente por não ter ganhado, olhou para mim dizendo: 'Que menina feia foi sorteada!' Na hora, ser feia tirou-me a alegria do presente que ganhara, e o mais triste: toda vez que olhava para o elefante vermelho me lembrava da 'menina feia'. Hoje já não existe o elefante vermelho e nem a menina feia...Existe um ser adulto, que aprendeu a buscar o belo na grandeza da vida, onde nos unimos a Deus (GONÇALVES, 2003, p. 31).

Neste trecho, a autora relaciona a superação dos sentimentos de inferioridade e de baixa autoestima, vivenciados na infância, com a descoberta de Deus, na vida adulta. Da mesma forma, é na religiosidade que a autora diz encontrar sua satisfação na maturidade:

Com minhas experiências de vida, acredito ser importante conquistar todas as realizações terrenas, principalmente enquanto somos jovens; mas, ao chegar à aquela altura da vida, a nossa realização está em Deus. Quando aprendemos a buscar Deus, um sentimento de fé é despertado em nós. Porque, se há fé, não se tem insatisfação nem medo. Só a fé elimina o medo que o homem carrega (GONÇALVES, 2003, p.17).



Da mesma forma, noutro momento, é a religiosidade que demarca a leitura que a autora faz sobre papel da família na sociedade:

Muitos não sabem que, mesmo inconscientes, somos vistos e guiados por uma grande hierarquia e que, dentro desta, hierarquias menores são formadas. A família é uma hierarquia, havendo no centro uma energia a ser reverenciada. Quando isso não acontece, por exemplo, no caso de um pai, o grupo dispersa. Esta reverência dá-se quando o pai, ou mesmo o responsável por liderar o grupo, esteja fazendo um trabalho de Amor, com Sabedoria, facilitando para que o grupo entre em sintonia com a energia do centro. [...] Se o homem, em suas reflexões, buscasse entender o propósito divino ao criar todas as coisas do universo, entenderia seu lugar nesse todo, conduzindo-se dentro de uma ordem dos princípios hierárquicos. Com uma percepção mais ampla, poderia ser intuído pra um melhor proceder, evitando assim grande parte de seus desajustes. A mulher tem um papel muito importante neste trabalho, por representar a fundação ou alicerce do homem e do mundo. Seu equilíbrio ensina a todos a darem continuidade a esse processo hierárquico. A falta de religiosidade dos pais está fazendo falta aos filhos. A maioria diz ter religião, acredita em Deus e no santo de sua preferência, mas só demonstra isso quando seus desejos não estão sendo realizados [...] Uma formação religiosa deve ser a prioridade na família, e não uma coisa supérflua, como fazemos no supermercado quando o dinheiro está curto, deixando o supérfluo para depois, caso o dinheiro dê para comprá-lo (GONÇALVES, 2003, p.35).

A influência desse sincretismo religioso também integra o pano de fundo do perfil que a autora busca traçar para si:

Tenho o temperamento do sexto raio, visto como a energia da devoção. Essa energia me conduz a uma vida mais interiorizada e voltada para a vida espiritual. Sempre tive forte inclinação para a Vida Criativa [...] (GONÇALVES, 2003, p. 72).

Dessa forma, para a autora, o processo de se inventar através da escrita é permeado por sua experiência religiosa. É a partir da religião que Therezinha ressignifica os acontecimentos de sua vida, conferindo coerência às suas vivências e construindo uma “identidade” para si.

## **2.2. Pertencimento socioeconômico**

Já escrevendo aos 68 anos de idade, Vicente de Souza, em *Vá com Deus, Mãe!*, tem sua narrativa marcada pela resiliência diante da extrema pobreza vivida

na infância. O autor, que em função das precárias condições a que se via submetido junto à sua família após a morte de sua mãe, passou a viver com uma família substituta, e atribui a esses fatos, a razão de se tornar quem foi na vida adulta:

Durante toda minha vida foi desejo dar às pessoas de meu relacionamento mais próximo conhecimento, sobretudo, de dois fatos que abalaram as estruturas de minha personalidade: a morte da minha mãe e a minha entrega a uma família substituta (SOUZA, 2003, p.05).

Embora esses fatos constituam o ponto inicial a partir do qual o autor constrói sua narrativa, é através do tom de superação da pobreza que ele ressignifica esses eventos e faz toda a releitura de sua vida. Esse tom acompanha toda a obra, constituindo-se, inclusive, numa das motivações para a escrita autobiográfica. Ao justificar sua iniciativa de escrever uma autobiografia, Vicente afirma:

Tive também em mente o sincero desejo de inculcar nos leitores que passam por dificuldades a ideia de que sempre deve haver esperança de melhores dias (SOUZA, 2003, p. 07).

Assim, as referências à pobreza aparecem em diversas passagens de suas lembranças, como nas de infância, quando o autor ressignifica sua capacidade e inteligência como resultado da necessidade imposta por suas condições de vida:

Eu, no entanto, tinha de me contentar com brinquedos bem mais simples, de preferência criados por mim e tais invenções muito contribuíram para desenvolverem minha imaginação e inteligência. Assim, o fato de ter vivido na roça até os oito anos, sem o mínimo recurso até para a alimentação, contribuiu muito para meu desenvolvimento pessoal, pois as crianças na minha situação eram forçadas a criarem seus próprios brinquedos (SOUZA, 2003, p.44).

Por outro lado, o autor também confere às humilhações vivenciadas em função da pobreza a responsabilidade por sua personalidade tímida, introvertida e insegura:

Assim morreu minha mãe, sozinha e sem assistência médica, mesmo porque nunca um médico esteve em nossa casa. Deixou-me com pouco mais de sete anos de idade tendo este acontecimento marcado pela vida afora minha personalidade de criança muito traumatizada pelas reiteradas manifestações de dó e compaixão das pessoas.

Como é natural, isto abalou profundamente os alicerces de minha vida cravando em minha personalidade um total sentimento de insegurança, profunda humildade, explicável timidez, receio de encarar pessoas, sentimentos estes que ficaram fixados em minha consciência por décadas (SOUZA, 2003, p.16).

A referência à personalidade insegura, resultado das dificuldades financeiras vividas na infância, é retomada mais tarde na narrativa, ressignificando também as dificuldades encontradas pelo autor no trabalho, como promotor e, posteriormente, como juiz:

Sentia-me muito inseguro quanto ao exercício da profissão que estava abraçando. É que a vida da roça na mais extrema pobreza, a perda de minha mãe aos sete anos com as conseqüentes demonstrações de dó por parte dos que de mim se aproximavam, a vida religiosa de onze anos sem qualquer contato com o mundo exterior, tudo contribuiu para dificultar o exercício de uma profissão cuja principal arma é a combatividade, até com certa agressividade e iniciativa de ação. Este não era meu temperamento de homem de extrema timidez, conseqüência desses traumas acumulados (SOUZA, 2003, p.160).

Para a construção de um argumento de que foi marcado pela extrema pobreza, o autor ainda lança mão de recursos como a utilização de documentos, fotos, citações e lembranças da fala de terceiros. É interessante observar que esses recursos atuam de forma a legitimar ou reforçar a ideia que o autor busca passar ao leitor.

É o que acontece, por exemplo, logo no início da obra, quando Vicente apresenta a cópia de um documento chamado de “Conhecimento n. 2”, emitido pela Prefeitura Municipal de Boa Esperança. Tal documento se refere ao talão de recolhimento da Renda do cemitério. Ao utilizar este documento, o autor pretende conferir maior credibilidade às suas lembranças, apresentando provas materiais das precárias condições a que se via submetido na infância. Ao apresentar o documento, Vicente ressalta: “infelizmente os sete filhos da viúva não tiveram tão ínfima quantia para custear-lhe o enterro” (SOUZA, 2003, p.09).

Figura 09: Guia de recolhimento nº2.

**Prefeitura Municipal de Boa Esperança**  
**RECEITA DO CEMITERIO**

TALÃO N. 10 CONHECIMENTO N.º 2

CONTRIBUINTE José Carlos de Oliveira

NOME DO FALECIDO	IDADE	Área em m.²	TAXAS				TOTAL
			SEPULTURA RAZA	JAZIGO TEMP.	JAZIGO PERPETUO	EMOLU-MENTOS	
Maria Antônia de Jesus	45 Anos					2216,50	

OBSERVAÇÕES:

Importa o presente conhecimento em *Área cemitério*  
Prefeitura Municipal de Boa Esperança, em 15 de Junho de 1947

O Encarregado *Francisco O. Silva* O Coletor

“Fac-símile do documento referido à página 9”

VICENTE DE SOUZA

Fonte: Souza, Vicente de. 2003, p.08.

Analogamente, a lembrança da fala de terceiros é incorporada à narrativa com a função de fortalecer a ideia de superação da pobreza e dificuldade:

Nessas visitas eu já era Juiz de Direito no interior de Minas. Pois bem, tanto ela quanto sua filha Dona Amélia, minha ex-professora, demonstrava espanto ao me ver Magistrado. 'Como você pôde chegar a esta situação?' diziam. E acrescentavam com sinceridade: 'Sua vida precisa ser mostrada na televisão para exemplo dos mais pobres e humildes. Você deve ser visto no programa Esta é sua vida'. Não sei se lhe fiz considerações a respeito, mas bem que poderia ter-lhe externado meu pensamento, Dir-lhe-ia que, para iniciar minha trajetória, foi preciso que minha mãe tivesse morrido; caso contrário, certamente ainda estaria na roça sendo um sem-nada, talvez analfabeto. Acrescentaria mais que, em consequência dessa morte, fui recebido com todo carinho pela Dona Chicota. Lá era considerado da família, sendo conhecido por Vicente Chicota, ou, mesmo, Vicente Figueiredo, adotando o sobrenome dela (SOUZA, 2003, p.77).

Outro recurso utilizado por Vicente neste processo de 'se inventar' é a citação do significado do seu nome. O autor não só cita o significado do seu nome,

como também reproduz a fala de seu filho, ressaltando uma identidade de vencedor e traçando, para si, um perfil de superação das dificuldades enfrentadas na infância e juventude.

VICENTE vem do latim VICENS, VICENTIS, que vence, vencedor, participio presente de VINCO, VINCIS, VICI, VICTUM, VINCERE, vencer, ser vencedor. Coloquei o mesmo nome em meu penúltimo filho VICENTE REZENDE DE SOUZA. Ele já me perguntou: 'Pai, por que você não me registrou como VICENTE DE SOUZA JÚNIOR?' E eu lhe respondi: 'É que meu nome é muito pobre, não tem patrocínio. Sua mãe tem parte na sua concepção; por isso dei-lhe também o sobrenome dela'. Ele que já está encaminhado na vida, como funcionário público federal, às vezes me pergunta: 'Pai, que quer dizer Vicente?' Após minha resposta, ele logo conclui: 'Então, somos vencedores, não é?' (SOUZA, 2003, p.31).

A ideia de uma infância marcada pela pobreza e dificuldade é tão forte em sua narrativa, que até mesmo quando o autor cita Casimiro de Abreu, ele o faz com o intuito de salientar esse aspecto de sua vida:

Neste final de capítulo, fase mais sentimental de minha retrospectiva de vida, vê-se que não foi nada poética a minha infância como declamou Casimiro de Abreu em "Meus oito anos". Entretanto, devo admitir que muita saudade ficou daqueles momentos felizes, mas nem tanto, na convivência da família (SOUZA, 2003, p.61).

Assim, as lembranças de Vicente são ressignificadas e organizadas em torno de sua condição socioeconômica. É a partir da ideia de que teve uma infância difícil, de escassez e sofrimentos que o autor vai ressaltar seu mérito em alcançar a condição de juiz de Direito e, nesse sentido, ele se considera um "vencedor". Por outro lado, é também através desse pertencimento que o autor justifica as dificuldades que encontrou mais tarde na carreira, bem como seu temperamento e personalidade, oferecendo aos seus colegas magistrados e amigos uma espécie de satisfação.

### **2.3. Pertencimento profissional**

Por sua vez, é a partir do trabalho que Allyrio Nunes Coelho, aos oitenta anos de idade, ressignifica suas lembranças em *Rascunho de uma vida*. Embora analogamente a Vicente de Souza o autor também confira à sua trajetória um tom de

superação, esta se dá em relação ao acidente automobilístico sofrido pelo autor no ano de 1949, aos 28 anos de idade, evento a partir do qual o autor constrói sua história. O acidente, que segundo o autor lhe tornou deficiente ao deixá-lo numa cadeira de rodas, faz com que Allyrio se veja obrigado a se adaptar a uma nova dinâmica de vida e trabalho. É o que Allyrio diz no trecho:

Senti que minha vida havia sido cortada ao meio. Aos 28 anos de idade, semi-invalído, vi ruírem-se os planos, os castelos de um homem trabalhador em plena capacidade de trabalho. Vi escapar-se a possibilidade de lutar. Estava preso a uma cadeira, sem nada poder fazer, senão pedir: 'Leva-me para o banheiro, leva-me para a mesa, leva-me para a porta da rua, leva-me para a cama'. Somente quem já passou por esse pedaço sabe como é cruel depender de tal ajuda. Não renunciei ao direito de andar. Muita gente nas mesmas condições, aceita acomodar-se numa cadeira de rodas. A deficiência física não me desesperou. Amargurava-me, às vezes. Venci todos os obstáculos, os íntimos e os físicos; venci todos os desafios (COELHO, 2001, p.42).

Diferentemente de Vicente de Souza, que tem como eixo norteador de sua narrativa a resiliência diante da pobreza, Allyrio faz a releitura de sua vida, ressaltando o valor do trabalho que aparece como o grande propulsor dessa superação. Durante toda a obra o autor busca caracterizar sua existência como uma "vida vivida, trabalhosa, cansada, mas boa." (COELHO, 2001, p.43). É assim, por exemplo, que o trabalho ganha destaque quando o autor justifica sua escrita:

[...] com as cordas do coração e da recordação vibrando, tangidas pelas lembranças de um passado ora triste, ora alegre, como que principiando outra vez a caminhada da vida, quem sabe, quem sabe possa guardar para mim ou legar aos meus filhos e aos meus netos, como que testemunho das marcas com que, como um ferro em brasa, o trabalho me marcou, um exemplo ou um ato de ousadia de quem, embora tropeçando e caindo tantas vezes, tantas se levanta e levantar-se-á, ainda que de novo caia (COELHO, 2001, p.25).

As fortes referências ao trabalho também marcam as lembranças juvenis do autor. Ao relembra-las, Allyrio enfatiza as atividades exercidas (como candeeiro, vaqueiro, vendedor de pães em Guanhões, auxiliar de engenheiro, agente municipal de estatística, marinho escritor, professor e diretor do Ginásio Pirapora e secretário municipal de Buritizeiro) ressaltando, ao mesmo tempo, sua identidade de 'incansável trabalhador'.



É também a partir desse pertencimento que o autor avalia sua condição atual. Com 80 anos de idade, Allyrio demarca o vazio sentido com o afastamento do trabalho e desabafa:

Sinto muita saudade dos colegas, cujos nomes gostaria de ter espaço para citar, e da falta do trabalho, a qual me sufoca. A criatura humana não deveria ser forçada à aposentadoria, à ociosidade. Aos 80 anos, sinto que tenho muito para dar ainda, com a experiência adquirida e a coragem e vontade que me ordenam: 'Vá, Lute. Trabalhe'. O trabalho se tornou um hábito em mim e sinto muita vontade de servir. Vou viver muito, ainda. Quero retornar ao trabalho e servir. E isso vai acontecer, se Deus quiser. A vida é pra mim a amante pela qual sou apaixonado e luto por tê-la dia e noite. Não haverei de perde-la fácil (COELHO, 2001, p. 21).

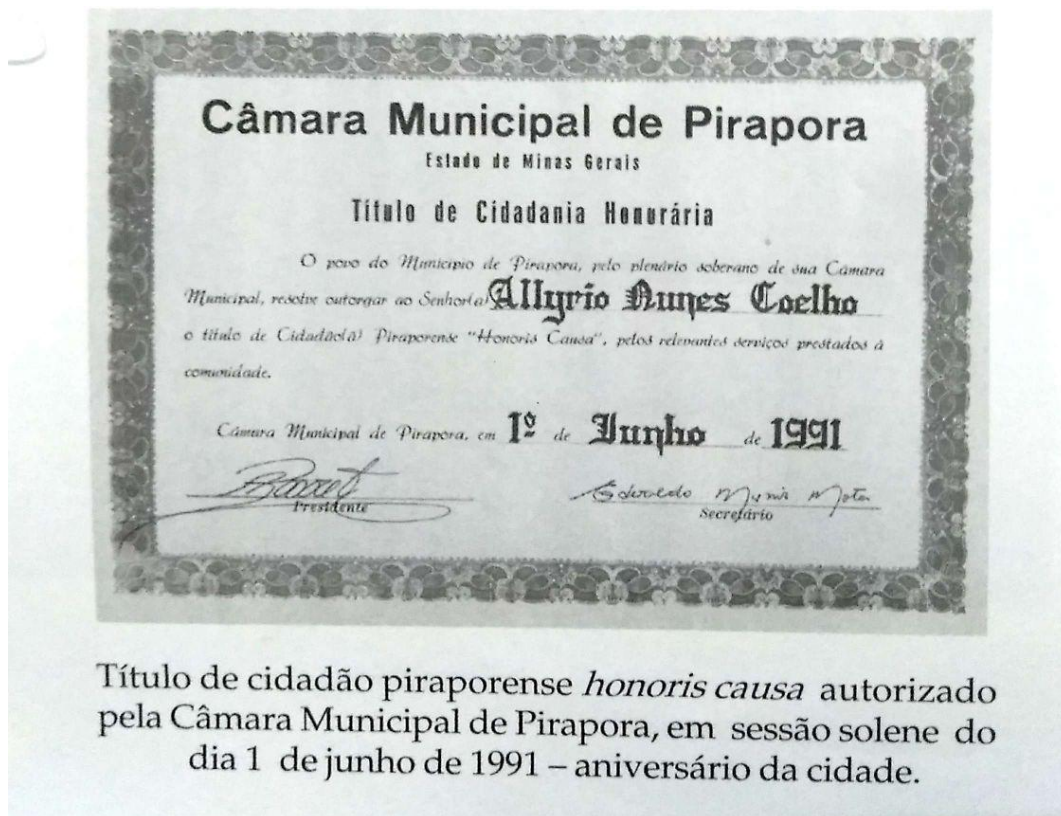
O valor do trabalho, para Allyrio, também se verifica na utilização de outros recursos na narrativa. Assim, na reconstrução de sua trajetória, o autor lança mão de documentos como o Diploma de normalista pela Escola Normal Oficial Getúlio de Carvalho, de Guanhães e o título de cidadão piraporense Honoris Causa:

Figura 10: Diploma de normalista do autor.



Fonte: Coelho, Allyrio Nunes. 2001, p.103.

Figura 11: Título de Cidadania Honorária, recebido pelo autor.



Fonte: Coelho, Allyrio Nunes. 2001, p. 103.

A fala de terceiros é outro recurso utilizado por Allyrio para reafirmar seu perfil de trabalhador. Ao relembrar os Cumprimentos do Comandante Armando Braga, quando de posse no cargo de Representante da Comissão de Marinha Mercante de Pirapora, o autor destaca:

Recordando com lágrimas de saudade uma infância bem alegre e feliz, de uma adolescência de estudos e de trabalho, com os olhos fixos no futuro, rememorando os fugazes tempos de rapaz, até no Braz; tempos de serviço, peão, vaqueiro, tropeiro, dançarino, cheio de luxo, namorador e de uma vida de incansável trabalhador, de inequívoca idoneidade moral, como escreveu o comandante Armando Braga em seu memorável cartão de próprio punho, capitão de Fragata da Marinha do Brasil, sob às ordens e comando de quem estive em tempos que já lá se vão – aqueles tempos, aquele comandante – de quem colhi e auri ensinamentos inesquecíveis pois, passaram a fazer parte de minha vida e ajudaram-me na formação da minha personalidade; tempos e Comandante dos quais tenho tantas recordações saudáveis (COELHO, 2001, p.12).



O prefácio da obra contribui com essa ideia. Também compreendido como “fala de terceiros”, esse recurso utilizado pelos(as) autores(as) nas narrativas, corrobora com a elaboração de uma identidade para os autobiógrafos. O prefácio da obra de Allyrio, escrito por uma amiga do seu tempo de Assessoria Técnico-Consultiva da Assembleia Legislativa, é marcado por apreciações que denotam sua eficiência, polidez e determinação. A prefaciadora, Natália de Miranda Freire, busca exaltar a “indiscutível vocação para bem servir as causas do Município, do Estado e do País”(p.13). A própria escolha da prefaciadora, alguém ligada ao trabalho, indica a força desse pertencimento no processo de se inventar.

Analogamente, aos 82 anos de idade, Abram Ribeiro também organiza sua narrativa a partir do trabalho. Embora utilizando menos recursos e sem conferir muitos significados às vivências relatadas em sua autobiografia, a trajetória de Abram é organizada em torno das ocupações profissionais que o autor teve durante a vida. Os relatos que envolvem o trabalho e os respectivos deslocamentos entre eles ocupam boa parte de sua obra e demarcam as passagens de sua vida.

Nesse sentido, é possível perceber a preocupação do autor em detalhar as diversas profissões exercidas, como quando conta que por volta dos 13 anos de idade aprendeu o ofício de sapateiro:

Comecei a aprender o ofício de sapateiro, (mais talvez, para estar sempre calçado), já que naquele tempo, era muito comum ver as pessoas descalças andando nas ruas. Não era moda, mas pobreza mesmo. Na oficina de sapateiro do Sr. Antônio Gomes e de seu filho Misael, fiquei pouco tempo, mas foi bom; gostei muito e aprendi bastante. Até hoje, costumo fazer pequenos consertos em sapatos de minha mulher e meus. “o saber não ocupa lugar” (RIBEIRO, 2002, p.28).

Pode-se perceber que, embora a pobreza possa ser também um pertencimento “elegível” para guiar sua narrativa, o trabalho acaba sendo central. Noutro momento, o autor relata que passou a trabalhar num armazém:

A convite, passei depois a engraxar no interior da melhor barbearia do bairro, pertencente ao Sr. Antônio Queirós, que se mostrava muito meu amigo. Lá eu engraxei calçados das pessoas mais representativas do bairro e acabei recebendo um convite do Sr. Álvaro Netto para trabalhar com ele em seu armazém e gêneros. Aceitei seu oferecimento, pois na época, quem trabalhava em estabelecimento comerciais, era pessoa considerada de bem.” (RIBEIRO, 2002,p.30)

Entre as ocupações que se seguem, encontram-se as de vendedor do Bazar Palmeirense, vendedor numa loja de gêneros, em Amparo do Serra, balconista numa loja do Mercado Central em Belo Horizonte, secretário num escritório de representações, representante da Zíper (fecho-Eclair), bem como gerente de um depósito da Zíper – REOR, em Belo Horizonte.

Abram diz ainda que, após se aposentar pelo INSS, aos 60 anos de idade, passou a trabalhar como Diretor da Clínica Médica de seu filho, atividade que exerceu até o momento da escrita da obra, aos 80 anos.

O trabalho é também o eixo pelo qual Vicente Guabiroba vai construir seu relato autobiográfico. Entretanto, diferentemente de Allyrio e Abram, o trabalho na obra do autor é acompanhado de suas realizações na vida pública, uma vez que Vicente teve boa parte de sua vida dedicada à política.

Assim, em diversos momentos na obra, o autor ressignifica episódios de sua vida através da ideia de uma vocação para a vida pública que, segundo ele, o acompanha desde a infância. É o que podemos perceber quando Vicente comenta as lições recebidas por sua professora no primário:

Foram com D. Isabel, também, as primeiras noções de sociabilidade e vida comunitária. Ela sempre citava como exemplo o trabalho comunitário na limpeza do ribeirão: -'Vocês vejam bem, todos ajudam a todos em prol de todos. É isso que faz uma convivência saudável. Todos podem brincar à beira do ribeirão, as mulheres podem lavar roupa, os pais podem pescar lambari, tudo porque as margens estão limpas, bem capinadas, sem perigo de cobras ou outro bicho peçonhento. E todo mundo colaborando!' Aprendi com ela a cartilha, a tabuada, várias noções de vida. Foi base sólida para os castelos de areia dos meus sonhos. Agora sei que o primeiro passo em qualquer direção, por mais que pareça bobagem, é na verdade, o alicerce sobre o qual se vai construir o futuro. A vontade só pode frutificar graças a um embasamento firme (GUABIROBA, 2006, p.24).

A ideia de um dom para o trabalho político foi também a justificativa apresentada pelo autor quando decidiu abandonar o seminário, aos 20 anos de idade:

Tudo isto me fazia muito feliz e, além da liderança, me despertava indagações a respeito de uma organização social mais ampla, inatingível para mim naquela forma em que eu me encontrava. Comecei a me sentir pequeno, atado àquele lugar onde muito pouco podia fazer num mundo tão grande, tão carente de quem pudesse trabalhar em seu favor e acrescentar algo às suas necessidades imperiosas. Aquilo me inquietava muito e gerava em mim uma ansiedade esmagadora. Por várias vezes comentei com meus colegas esta mágoa latente que até me transtornava.

O que eu poderia fazer? Como poderia me realizar como homem diante deste problema: Como poderia eu, frente a um mundo tão desigual e carente, viver com a ação limitada, naquela penitência oblativa sem atuar fundamentalmente?

Todas essas questões me puseram em dúvida quanto à minha real vocação nessa vida. Eu não queria mais viver às custas do seminário, precisava ganhar mundo, fazer algo mais, sentia um novo chamado, uma nova missão. Resolvi, então, abandonar o seminário e tornar-me mais operante. (GUABIROBA, 2006, p.40)

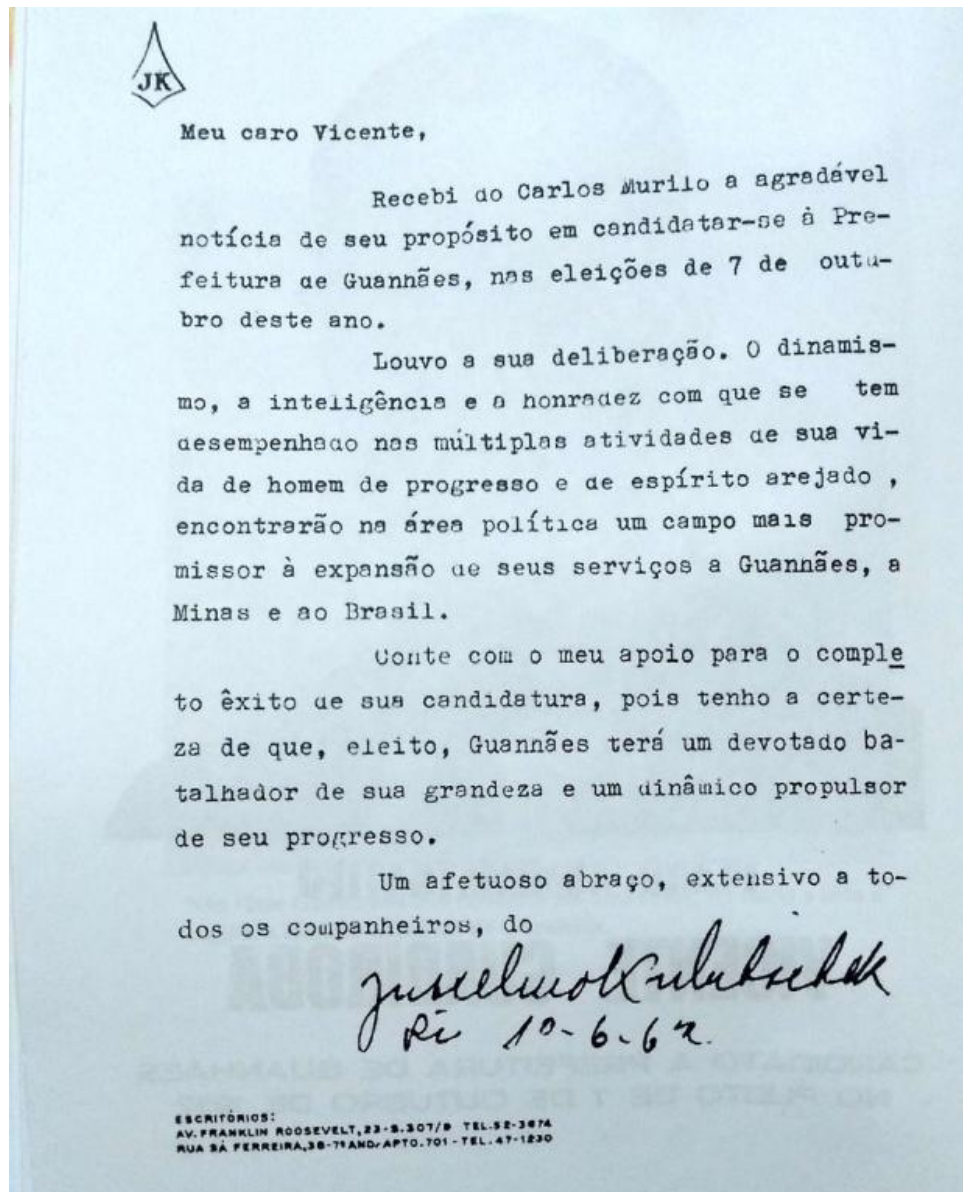
Embora atravessado pelo viés da política, é a partir das realizações conquistadas como fruto de seu trabalho que Vicente organiza sua narrativa. Noutro momento, o autor ressalta sua aptidão para o trabalho:

Meu dinamismo era muito, muito grande. O trabalho era minha diversão e meu lazer. Eu estava sempre pronto a empreender coisas, a me empenhar por uma causa, sem descanso ou lassidão (GUABIROBA, 2006, p.142).

Buscando complementar essa ideia, o autor lança mão recursos como fotos de obras realizadas por ele durante seu mandato na prefeitura de Guanhães, bem como diversos documentos (como cartas, reportagens de jornais, panfletos de propaganda política) que, em sua maioria, estão reunidos ao final da obra, numa parte intitulada “Fotobiografia”.

Como já vimos, esses recursos atuam de forma a legitimar a imagem que o autor busca traçar para si, como é o caso da carta de Juscelino Kubitschek, recebida pelo autor quando se candidatou à prefeitura de Guanhães. Na carta, Juscelino ressalta o seu espírito de “devotado batalhador”:

Figura 12: Carta de Juscelino para o autor.



Fonte: Guabiroba, Vicente. 2006, p.88.

Além da carta, documentos como o de Sócio Fundador Benemérito do Guanhães Esporte Clube, e de Ordem ao Mérito, recebida pelo Magnífico Reitor da Universidade Vale do Rio Doce, compõem a obra de Vicente, como comprovações de seus trabalhos prestados:

Figura 13: Título de Sócio Fundador Benemérito.



Fonte: Guabiroba, Vicente. 2006, p.58.

Figura 14: Documento de Ordem ao Mérito.



Fonte: Guabiroba, Vicente. 2006, p.158-159.



Assim, embora os três autores inventem seu passado dando destaque às atividades profissionais que exerceram, possuem nuances que merecem ser destacadas. Allyrio iniciou suas atividades como candeeiro, vaqueiro e vendedor de pães em Guanhães, atividades relacionadas à vida do campo e que exigiam pouca qualificação. Após o acidente, que sofreu ainda jovem, precisou investir em outras alternativas, se tornando professor, diretor, e um dos fundadores do Ginásio de Pirapora e, posteriormente, tornando-se chefe do gabinete do presidente da Assembleia Legislativa. Seu status de trabalhador rural pouco qualificado é substituído pelo status de alguém de relevância social, a serviço do povo, ao fundar o Ginásio de Pirapora e trabalhar na Assembleia. É desse lugar, do topo onde chegou, que ele faz a releitura de sua vida.

Enquanto para Allyrio o acidente parece ter justificado seu envolvimento com a vida pública, Vicente Guabiroba, que se destaca na atuação política, constrói sua participação por meio da ideia de vocação. É a partir do argumento de que possui um dom especial para exercer o “bem público” que o autor busca, em sua narrativa, significar e justificar os acontecimentos de sua trajetória, como o seu bom desempenho escolar e a decisão pela saída do seminário. O reconhecimento público, inclusive de figuras de autoridade, conferem ainda mais legitimidade à escolha por esse eixo para a invenção de si. Já Abram Ribeiro demonstra sua valorização do trabalho ao conferir um grande espaço de sua obra ao relato e descrição de suas experiências profissionais. Exerceu atividades que exigiam pouca qualificação e destaca o fato de ter conseguido a confiança dos patrões pela qualidade do trabalho realizado e por ser “boa pessoa”.

#### **2.4. Pertencimento Familiar**

Por outro lado é a partir do eixo família que Maria da Conceição de Oliveira Teles narra sua vida em *Minha Vida, meu Tesouro!*. A obra, uma homenagem dos filhos aos oitenta anos da autora, é inteiramente dedicada à sua história familiar.

Talvez o fato de se tratar de uma obra endereçada à família justifique a escrita de Maria da Conceição, que busca relatar sua trajetória de forma mais objetiva e enxuta, com a descrição de fatos e episódios vivenciados por ela e pela

família e com a exaltação das qualidades dos filhos e parentes mencionados no relato.

Na obra, é possível observar o tom conferido à figura materna da autora como alicerce ou base familiar. Maria aparece como uma figura que viveu e vive para a família, não mencionando fatos ou lembranças que fogem ao círculo familiar. Esta, aliás, parece ser a expectativa da família – especialmente dos filhos – que, já na apresentação da obra, anunciam:

A edição e publicação deste livro  
é um presente e uma homenagem  
aos oitenta anos de nossa mãe,  
Maria da Conceição de Oliveira Teles.

Oitenta anos de lutas,  
de sonhos realizados  
e desfeitos,  
um vida inteira dedicada aos seus.

Oitenta anos de presença  
forte, serena e constante  
em todos os momentos  
de nossa existência.

Oitenta anos como elo de união da família  
Incentivando, se necessário,  
ralhando na hora certa,  
intercedendo, se preciso,  
ouvindo, rezando,  
compartilhando sempre  
nossas vidas.

A você, mãe,  
devemos muito e  
agradecemos a Deus  
por você existir!

Que essa fortaleza continue intacta,  
Que sua beleza prevaleça no tempo,  
Que sua generosidade se propague por nossos corações,  
Que sua fé seja exemplo vivo de amor  
a Deus e aos seus (TELES, 2003, p.05).

Para a construção desse pertencimento a autora lança mão de recursos como as 46 fotos dos filhos, netos, casamentos etc., bem como de poemas escritos por ela ou pelo marido, que remetem a situações familiares vivenciadas em sua trajetória, como é o caso do poema de sua autoria:

Obrigada Senhor,

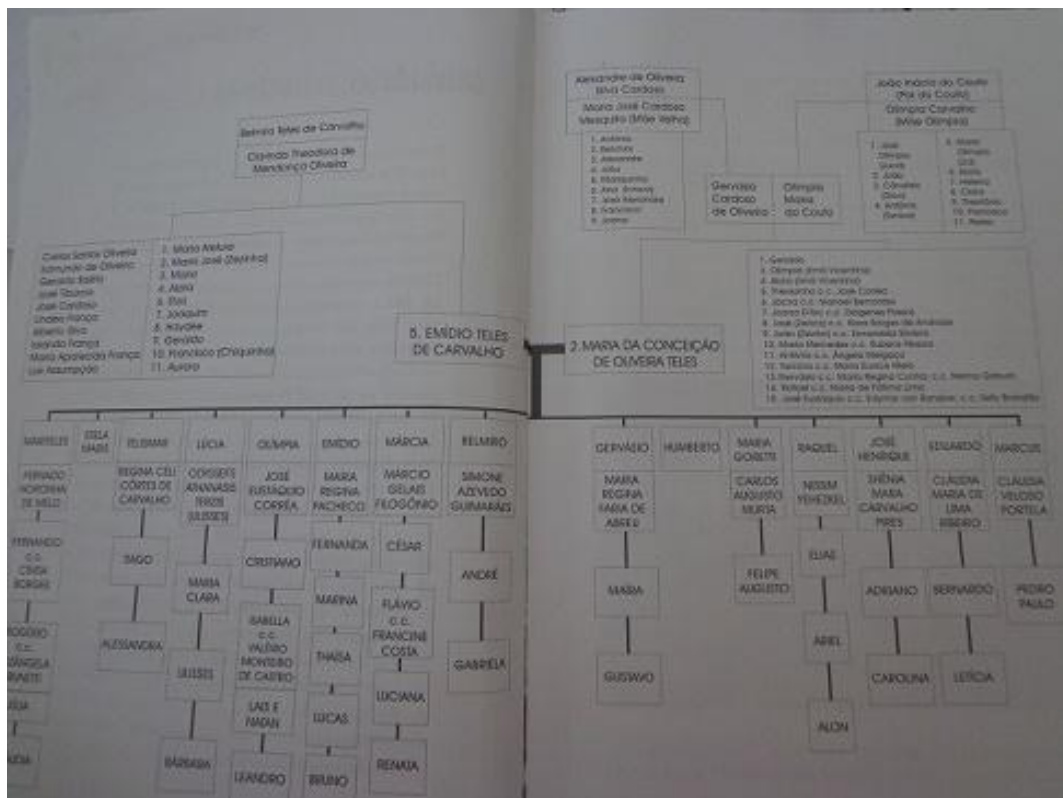
Ser esposa e amiga é ser feliz sem medidas,  
É dar e receber amor sincero...  
É colher do amor os frutos da vida:  
Nossos filhos amados, a quem tanto quero!

Obrigada, Senhor, por crianças tão lindas,  
Que em nós confiam, com tanta ternura.  
Belos olhares, para gente sorrindo,  
Anjos do céu, com almas tão puras!

Obrigada, meu Pai, por tudo que temos:  
Coragem, saúde, fé e amor.  
Juntos a vós, sei que venceremos,  
E por tudo isso bendigo ao Senhor! (TELES, 2003, p.54)

Outro recurso utilizado pela autora é uma árvore genealógica, apresentada já no início da obra, o que ilustra o que está presente no título do livro: tesouro. Trata-se da autobiografia em que mais se evidencia o aspecto da resposta da autora a uma demanda explícita da família, uma edição comemorativa enaltecendo a família, considerada como o bem mais precioso, o patrimônio.

Figura 15: Árvore Genealógica.



Fonte: TELES, Maria da Conceição de Oliveira. 2003, p.08-09.



Assim, ao ler a obra, é possível perceber a pretensão da autora em corresponder às expectativas anunciadas pelos filhos, assumindo o papel de mulher, esposa, mãe e avó resignada e feliz, mesmo diante de situações difíceis, como a responsabilidade pela criação dos quinze filhos sozinha, com o distanciamento do marido em função do trabalho.

Apesar de uma escrita “protocolar”, que acaba transmitindo ao leitor a sensação de que filhos e netos nascem todos idênticos, com pele clara, olhos claros e cabelos loiros, rostos angelicais, em algumas passagens pode-se perceber que alguns eventos do passado foram afetivamente mais significativos e deter-se sobre eles não seria censurado pela expectativa familiar; pelo contrário, trariam significado à própria trajetória desse grupo. É o caso do enamoramento e do casamento, escrito em detalhes e marcado pela intertextualidade, com a presença de poesias de sua autoria e do marido, escritos aparentemente àquela época:

Recordar é viver

Desde criança, vagando vivia,  
À procura de alguém que não encontrava  
Namorava muito, mas não via  
A santa criatura que procurava

Criança era quando estive em seu lar paterno,  
Lagoa-Verde, fazenda velha,  
Sem saber, oh! Deus, Protetor Eterno,  
Que pequena ao meu lado estava quem por mim hoje vela!  
Com alegria, lágrimas e preocupação,  
Construímos o nosso lar feliz  
Onde vivem três em um só coração.

Onde a felicidade morar conosco quis,  
Eu vos imploro, Criador Onipotente,  
Meu Jesus, meu Deus e meu senhor...  
Que nos façais viver eternamente  
Com a mesma harmonia, tranquilidade e amor! (TELES, 2003, p.52-53).

Um outro acontecimento familiar, este vivido com extremo sofrimento, foi o adoecimento do filho caçula, desde os 12 anos de idade, que não conseguia diagnóstico nem tratamento eficaz. Esta situação fez com que a autora viajasse em busca de soluções para a doença, demonstrando seu grande desprendimento pela família, até o momento em que, não resistindo, o filho morre, levando a autora a uma imensa tristeza.

Por outro lado, Maria da Conceição parece não querer enfatizar um aspecto de seu casamento. Trata-se das inúmeras ausências do marido que, em razão do trabalho, precisava se afastar frequentemente do lar, fazendo com que a autora se visse obrigada a criar os filhos sozinha. Citada rapidamente pela autora, essa situação é também revelada na transcrição de um poema supostamente de autoria do marido, recebido pela autora:

Devo Partir

Meu pensamento vaga, vaga, mas não sai  
Do sagrado lar que Deus nos deu...  
Sem querer parto, mas meu coração não vai  
Ficará contigo e levarei o teu.  
Meus compromissos de vida  
Forçam-me a partir  
Mas em tua frente, ó querida,  
Deixo um beijo ardente de não querer sair!

Quando eu voltar, minha amada,  
Quero encontrar-te radiante  
Aguardando minha chegada,  
Alegre, feliz, confiante!(TELES, 2003, p.53)

O próprio título da obra é justificado ao final da obra, reforçando esse lugar assumido pela autora, quando ela diz: “Com Deus, prossigo firme e constante, amando e orientando minha família, que é tudo pra mim – Minha vida, meu tesouro!”.

Da mesma forma, é a partir do pertencimento familiar que Maria Cabral Horta Fernandes, escrevendo aos 90 anos de idade, conta sua história. Diferentemente de Maria da Conceição de Oliveira Teles, porém, a obra da autora é marcada pela tentativa de situar sua vida pessoal e familiar no conhecimento histórico que possui.

Em *Outono Dourado em prosa e verso*, ao falar de sua família a autora recorre a fatos históricos marcantes, como a Lei Áurea, a Lei do Ventre livre, a primeira e segunda guerras, etc. Há em sua narrativa um esforço em localizar suas vivências e a de seus antepassados familiares nesses acontecimentos históricos. Essa preocupação aparece em várias passagens da obra da autora, como, por exemplo, no trecho em que Maria Cabral descreve a sede em que seus avós viviam:

O sobrado, em estilo colonial, da primeira metade do século XIX, construído em pau-a-pique, com pé direito muito alto era todo branco, com pesadas portas pintadas de azul e talhadas e maciça madeira de lei. (FERNANDES, 2000, p.16)

Em outro momento, ao se referir a Filó, uma figura do tempo de seus avós, a autora diz:

A Princesa Isabel já proclamara a Lei Áurea, e a Filó agora era uma mulher livre. Como os demais ex-escravos, participaria da festa na Fazenda, organizada por eles, com a ajuda e o apoio do “Seu” Chiquinho em comemoração ao acontecimento. (FERNANDES, 2000, p.39).

A preocupação em situar os acontecimentos de sua vida num contexto histórico mais amplo, pode ser apreendido também quando, ao falar das dificuldades vivenciadas por sua família, Maria Horta afirma:

Para agravo da situação, com o fim da Guerra em 1918, a grande crise mundial de 1929 estava a caminho. Graças a Deus, mamãe, apesar de tudo, já tentava superar os sofrimentos passados e estava sempre alegre e cantarolando. Tinha o temperamento de nosso avô, sentia-se feliz mesmo nas dificuldades, o que nos dava forças para continuar a caminhar.(FERNANDES, 2000, p.87)

O peso da família em sua narrativa pode ser verificado, ainda, quando percebemos sua minuciosidade em detalhar os nomes dos familiares, como dos avós maternos e paternos, tios paternos e maternos, irmãos, filhos e esposo.

A ressignificação de sua vida através do eixo familiar explica também a interpretação dada pela autora a um evento ocorrido em sua infância, quando sua irmã corta lateralmente um carretel de linha branca, de sua mãe, tornando-o inutilizado. Ao relembrar o fato, a autora conclui:

Essa história me faz pensar: quantas vezes uma simples resposta indelicada, um gesto impensado, uma manifestação inferior da parte de alguém pode destruir amizades, trazer a desunião para dentro de uma família, enfim, criar ódios e desarmonias, destruindo todo o potencial de amor, de união e de sadia convivência. Foi maravilhosa a minha primeira infância, onde eu pude começar a colher, das cenas mais simples da vida, valores fundamentais que me fortaleceram a caminhada. Sentia-me segura por ter meus pais e o amor de minha família. (FERNANDES, 2000, p.68).

Noutro momento, a autora recorre à citação do Salmo 128 para destacar sua grande vocação e missão, que também se refere ao seu papel familiar:

Relembrando esse tempo, vem-me ao pensamento o Salmo 128. Realmente, eu ainda não tinha muita consciência disso, mas estava

iniciando minha missão maior, que seria a de esposa e mãe, lutadora incansável, oliveira fecunda na intimidade do lar. Unida ao Ilson, veria com ele, daí e diante, nossa mesa aos poucos rodeada pela nossa riqueza maior: nossos filhos e filhas. A partir de então, eles passaram a ser a razão de nossa vida e de toda a nossa alegria para o futuro. (FERNANDES, 2000, p.108).

Por outro lado, foi após a morte do marido que Maria Horta inicia uma nova etapa de sua vida, provavelmente a que possibilitaria se tornar autora e inventora de si: se tornou atriz e autora de peças teatrais e protagonista de propagandas de televisão. Da 'intimidade do lar' ao mundo dos espetáculos, a família deixou de ser vista como gestora dela mesma, que passou a ser analisada como parte de um cenário mais amplo de acontecimentos.

Assim, embora as duas autoras tenham a família como eixo norteador de suas narrativas, a ressignificação de suas vidas ocorre de maneira distinta. Enquanto Maria da Conceição de Oliveira Teles busca corresponder às expectativas dos filhos e familiares, ressaltando somente as qualidades dos parentes e conferindo a si um papel de esposa, mãe e avó dedicada, essa não parece ser a preocupação de Maria Cabral Horta Fernandes. A autora que se "descobre" atriz aos 68 anos de idade, busca situar seus familiares e antepassados nos acontecimentos históricos. Vale destacar que, embora a autora declare se reconhecer com uma "missão maior" de ser "mãe e esposa", é no teatro do SESC, após a morte de seu marido, que ela parece encontrar sua maior realização.

## **2.5. Pertencimento Geográfico**

Já Olney Jardim, que escreve os 80 anos de idade, tem sua narrativa marcada por seu pertencimento geográfico. O autor, nascido em Araçuaí/MG, região do Vale do Jequitinhonha, dedica boa parte de sua obra à sua terra natal. É a partir desse eixo norteador que o autor demarca as passagens de sua vida, organizando sua narrativa. Ao falar da infância, por exemplo, o autor ressalta a presença do Rio Araçuaí e das inúmeras fazendas frequentadas por ele, em suas lembranças:

O rio Araçuaí, assim como também as fazendas, têm muito a ver com minha infância. Foi no rio Araçuaí que aprendi a nadar. Minha mãe tinha pavor da água do rio. Meus irmãos não aprenderam a nadar. Eu, por ser mais

rebelde, ia para a casa de meus primos Nala e Maninho, filhos de Narciso Colares, e com eles ia para o rio nadar. (JARDIM, 2006, p.34).

Assim, em *Trajétoria de Lutas* é recorrente a abordagem de assuntos voltados para a descrição dos lugares e acontecimentos de Araçuaí. Dessa forma, boa parte da obra é dedicada às lembranças relativas às sete fazendas frequentadas quando criança, além das inundações ocorridas em Araçuaí.

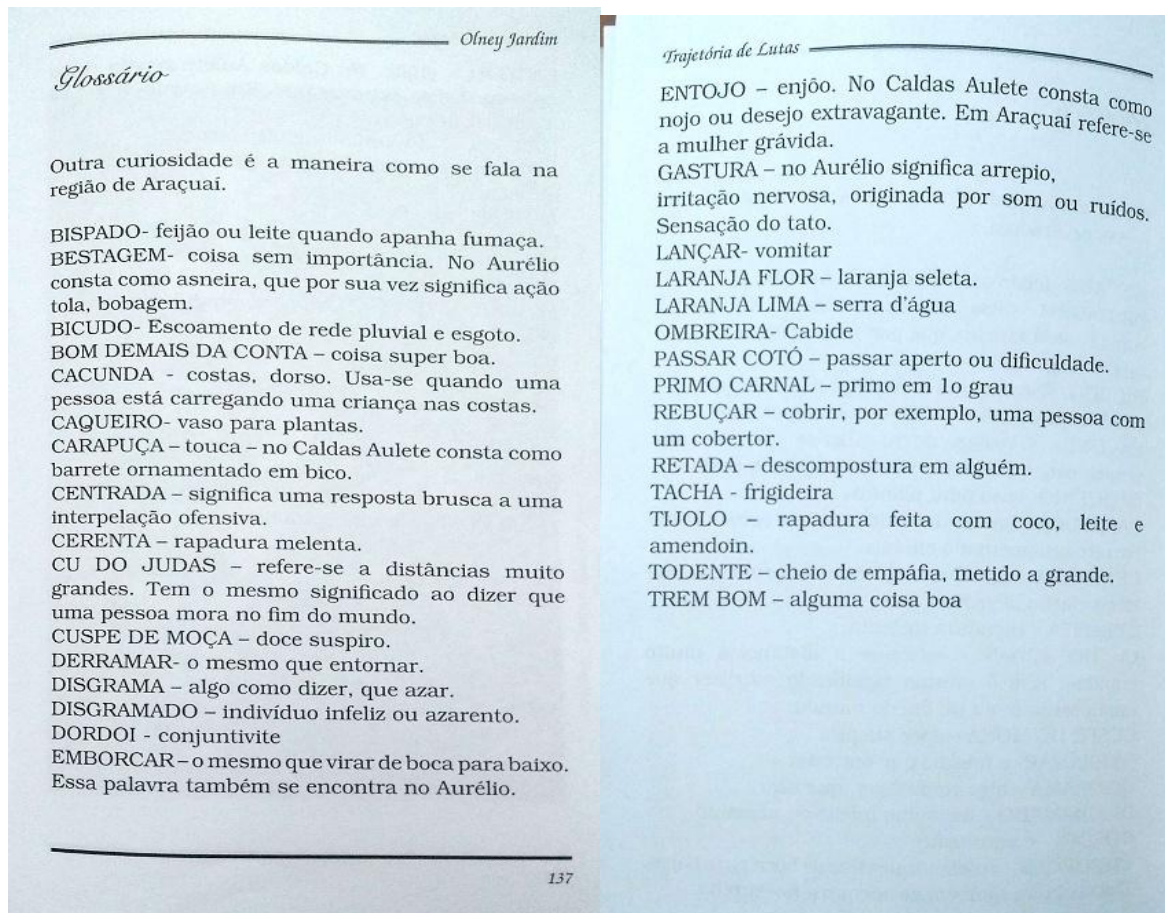
É interessante observar que, ao reforçar suas origens – Olney nasceu numa das regiões consideradas mais pobres de Minas Gerais -, o autor busca potencializar sua posição atual de “Doutor” em Odontologia, delineando uma ideia de vencedor que justifica o título da obra: *Trajétoria de Lutas*.

Embora o autor não explicita a motivação pela qual escreveu a obra, no prefácio da autobiografia encontramos uma possível justificativa para a escrita que, segundo sua esposa Dora, a prefaciadora, foi “a saudade de Araçuaí e de Belo Horizonte dos anos 40”.

Reforçando o peso da própria origem em suas memórias, ao se referir ao transporte de canoa no Rio Araçuaí de sua infância, Olney ocupa oito páginas de sua obra com a transcrição de trechos de um livro escrito por sua cunhada Nelly, intitulado “O Romanceiro do Jequitinhonha”.

Finalmente, outro recurso utilizado pelo autor é a inclusão, na obra, de um glossário de expressões utilizadas em Araçuaí. Esse elemento reforça não só a proximidade com sua localidade de origem, mesmo tendo saído de lá em 1947, mas seu estranhamento com a MG em que se formou e envelheceu. Por meio desse glossário, o autor busca mostrar as particularidades de sua terra natal, apresentando um pouco de sua essência regional para os leitores:

Figura 16: Glossário.



Fonte: JARDIM, Olney. 2006, p.137-138.

O pertencimento identitário é, dessa forma, o eixo pelo qual os (as) autores (as) constroem suas narrativas, significando suas vivências e delineando um perfil para si. Vale ressaltar que este perfil/identidade é dinâmico, uma vez que é construído no momento da narrativa autobiográfica, o que permitiria que em contextos diversos, noutros momentos da trajetória dos (as) autores (as), pertencimentos distintos norteassem a construção de suas narrativas.

Por outro lado, é interessante observar que, embora dinâmicos, esses pertencimentos não são neutros. Ao construir uma narrativa autobiográfica, o indivíduo lança mão do conteúdo social que o permeia. A lembrança é, assim, ao mesmo tempo individual e coletiva, e sua análise não pode se dar de forma descontextualizada. Nesse sentido, os pertencimentos elencados pelos(as) autores(as) nas narrativas não são aleatórios e expressam, em grande medida, a realidade social que os cerca.

Nesse sentido, não é por acaso que a religião e a família atuaram como fios condutores das narrativas das autoras, enquanto os pertencimentos profissional,



socioeconômico e regional delinearão a construção autobiográfica dos autores. Ao analisar o que representava ser mulher na década de 1950, Bassanezi(2004) diz que:

Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. Na ideologia dos Anos Dourados, maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. [...] A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade.(BASSANEZI, 2004, p.609).

É o espaço público, ocupado historicamente pela figura masculina, que aparece como pano de fundo das narrativas dos homens, enquanto o privado, traduzido pelo espaço da família e, em certa medida, da religião<sup>26</sup>, atravessa o processo de se inventar das mulheres.

Assim, ao se inventar através da escrita, embora o processo de rememoração seja individual e, nesse sentido, subjetivo, as lembranças evocadas pelos(as) autores(as) expressam, nas entrelinhas, uma realidade mais ampla e social. Ao falar de si, os(as) autores(as) não falam apenas de suas histórias individuais, mas de uma história coletiva que, conscientemente ou não, interfere na forma como cada um se vê e se coloca na vida e através da escrita.

26 Ver Perrot (2016).

### 3. O IDOSO/VELHO NAS AUTOBIOGRAFIAS

#### 3.1. O social nas memórias

O conteúdo principal da escrita autobiográfica é a memória que, como vimos no capítulo anterior, são organizadas e significadas a partir de um eixo norteador que dá vida e sentido às vivências do indivíduo. Esse eixo – que neste trabalho identificamos como *pertencimento identitário* - é fruto tanto do contexto em que o sujeito está inserido no momento da escrita, quanto de sua forma particular de vivenciá-lo e interpretá-lo.

Assim, o indivíduo, ao falar de si, tem sua narrativa marcada pelas inúmeras experiências e papéis vivenciados por ele na sociedade. Por outro lado, a forma como o indivíduo registra determinados acontecimentos e vivências é particular e, por isso mesmo, subjetiva. Este, aliás, foi um dos motivos pelos quais diferentes pertencimentos permearam as narrativas dos autores analisados nesta pesquisa. Embora originários de contextos similares - autores nascidos no interior de Minas Gerais, na primeira metade do século XX - e vivenciando papéis e situações com valores socialmente compartilhados (como filhos, maridos, esposas, mães, estudantes, trabalhadores e religiosos), diferentes pertencimentos foram eleitos, conscientemente ou não, para a releitura e invenção de suas vidas.

Nesse sentido, podemos pensar que a lembrança individual tem seus traços de memória coletiva, mas não se restringe a ela. Um acontecimento pode marcar profundamente um indivíduo e não apresentar relevância para outro a ponto de ganhar espaço em suas recordações. Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*, ao falar da substância social da memória, chama a atenção para este fato quando diz que:

Por muito que se deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador e das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são, para ele, e só para ele, significativos dentro de um tesouro comum (BOSI, 1994, p.411).



Da mesma forma, leituras distintas de um mesmo fato/contexto são comuns quando ouvimos relatos autobiográficos. No caso das autobiografias, vimos que é a partir daquilo que impacta o sujeito no momento da escrita, ou seja, do pertencimento identitário do (a) autor (a), que ele evoca suas lembranças, significando-as. É o que Bosi (1994) afirma, quando recorre a Halbwachs:

Para Halbwachs, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. (BOSI, 1994, p.413).

Ainda conforme a autora, outro aspecto deve ser considerado quando analisamos o conteúdo social das recordações: o fato de que muitas delas não dizem respeito a fatos vivenciados por aqueles que narram. Muitas lembranças podem ser narradas por um indivíduo, sem se referirem a acontecimentos presenciados por ele próprio, mas sim por testemunhas que compartilharam suas vivências e experiências de vida com ele. Ao serem compartilhadas, essas lembranças encontram ressonância naquele que a escuta, sendo incorporadas às suas próprias recordações.

[...] muitas recordações que incorporamos ao nosso passado não são nossas: simplesmente nos foram relatadas por nossos parentes e depois lembradas por nós [...] É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas ideias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo, elas passam a ter uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente (BOSI, 1994, p.407).

Assim, as recordações são, ao mesmo tempo, individuais e coletivas, não sendo possível desconsiderar, na análise das autobiografias, o que Bosi denominou como *substância social da memória*. Apoiada na hipótese psicossocial da memória, elaborada pelo sociólogo Halbwachs, Bosi chama a atenção para o fato de que as lembranças estão intimamente ligadas ao contexto vivenciado pelo indivíduo:

Halbwachs não vai estudar a memória, como tal, mas os 'quadros sociais da memória'. Nesta linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já

não ficarão adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo. (BOSI, 1994, p.54)

Compartilhando dessa ideia, Aquino, Oliveira e Rego (2006) recorrem a Bakhtin quando dizem que:

[...] de acordo com as teses de Bakhtin, aquilo que o sujeito narra sobre si mesmo não deve ser entendido como uma expressão de um discurso solitário e individual, já que outras vozes se incorporam permanentemente ao discurso do narrador. É por essa razão que o autor chama a atenção para a polifonia de vozes e para a intertextualidade envolvidas na construção da memória (AQUINO, OLIVEIRA, REGO, 2006, p.129).

Mas seria esse “quadro social da memória” constituído por referências sociais do passado, quando o (a) autor (a) vivenciou determinada experiência ou acontecimento? Ou por referências do presente, que no caso da escrita autobiográfica se refere ao momento em que o (a) autor (a) registra suas memórias? Ou ainda - uma outra hipótese possível - uma mistura composta por referências sociais e culturais do passado e do presente?

Muitos autores<sup>27</sup> vêm mostrando que as referências do presente atuam como “filtros” no processo de lembrar. Esse processo é tão intenso e ao mesmo tempo tão sutil que, ao lembrar determinados acontecimentos, aquele que recorda tem a ilusão de que suas lembranças são totalmente fiéis ao que ocorreu no passado, como quando uma das autoras analisadas afirma, em relação a um episódio da infância, que “Naquele tempo já sabia pensar como adulta”. (FERNANDES, 2000, p.93).

Entretanto, é interessante observar que, embora as referências do presente atuem como ponto de partida no processo de lembrar, selecionando e ressignificando as lembranças, elas não somente interferem na releitura que faremos de determinado acontecimento ou fato, como também, em um diálogo permanente com o passado, coloca-nos novas questões acerca do momento atual. Segundo Aquino, Oliveira e Rego (2006):

<sup>27</sup> Ver BOSI (1994); AQUINO; OLIVEIRA; REGO (2006).

O passado tem uma existência material concreta e está inscrito nas estruturas do presente, mas não é sua reedição. Ele é uma reconstrução filtrada pelas seleções que a memória opera. Há, portanto, um diálogo permanente entre essas duas instâncias: enxergamos e questionamos o passado com os olhos do presente, e o passado sempre nos coloca condições e novas questões no presente. O conteúdo das memórias sempre será avaliado com base nos recursos, imagens e ideias atuais, pois lembrar não é reviver, mas re-fazer, re-construir e re-elaborar as experiências do passado (POLLAK, 1989; THOMPSON, 1992). Sendo assim, o indivíduo, ao elaborar uma narrativa autobiográfica, pode subestimar ou superestimar aspectos que considera mais – ou menos – legítimos na sua trajetória, pertinentes ao contexto em que a narrativa é produzida (LAHIRE, 2004; FERRAROTI, 1983) (AQUINO; OLIVEIRA; REGO, 2006, p.128).

Assim, falar das referências do presente no processo de se inventar através da escrita autobiográfica não é afirmar a aceitação e reprodução dos valores e práticas atuais, por parte dos (as) autores (as) das obras. É antes buscar identificar de que forma eles apreendem e ressignificam suas trajetórias, tendo como referência o momento e o contexto em que escrevem suas narrativas.

Assim, tendo o presente como ponto de partida no processo de se inventar através da escrita, de que forma as transformações ocorridas na concepção de velhice impactaram a forma como nossos (as) autores (as) se percebem?

### **3.2. Velho ou Idoso?**

Ao analisar autobiografias de sujeitos que escreveram com 65 anos ou mais, estamos tratando de sujeitos vivenciando uma etapa da vida específica, o que traz implicações na forma como eles se veem e inventam na sociedade.

Mercadante (1996), ao fazer uma breve análise da velhice em diferentes sociedades, chama a atenção para o fato de que, embora ela seja um fato biológico, e por isso natural e universal, estes fatores são insuficientes para defini-la. Isso porque, uma visão pautada apenas no aspecto biológico da velhice, não dá conta de explicar a forma de ser e estar no mundo desses indivíduos, o que só é possível com a compreensão dos valores e práticas correntes numa sociedade:

Uma definição, apoiada somente na biologia, explicaria parcialmente a velhice; não seria capaz de dar uma visão mais ampla dos comportamentos, das atitudes e dos pensamentos dos indivíduos. O envelhecimento humano sempre ocorre em uma determinada sociedade, em uma determinada cultura e em um determinado tempo histórico (MERCADANTE, 1996, p. 24).

Nesse sentido, pensando que as referências do presente atuam como pontos de partida no processo de lembrar e se inventar através da escrita, ao buscar compreender como os sujeitos idosos/velhos se inventam nas autobiografias, é fundamental identificar as concepções de envelhecimento presentes no contexto de produção da obra.

Muitos estudos<sup>28</sup> vêm mostrando que houve uma mudança na forma como o velho/idoso é concebido em nossa sociedade. No geral, pode-se dizer que essas pesquisas ressaltam a ideia da substituição de uma concepção negativa de envelhecimento, marcada por estereótipos de inaptidão, decadência e tristeza, por uma noção positiva, em que o avanço da idade passa a ser visto como um momento de possibilidades, atividade e liberdade.

Guita Grin Debert é uma importante referência no assunto, ao dedicar mais de uma década ao estudo do processo de envelhecimento no Brasil. Em *A reinvenção da velhice* (2004), buscando fazer uma análise crítica sobre as transformações que esta temática vem sofrendo no país, a antropóloga nos oferece um “pano de fundo” para a compreensão dos autores das obras que analisamos nesta pesquisa.

Em primeiro lugar, a autora chama a atenção para o fato da velhice vir se apresentando, nos últimos anos, como tema privilegiado nos diversos campos de estudos. Antes relegado ao que Simone de Beauvoir<sup>29</sup> denominou como a “conspiração do silêncio”, o processo de envelhecimento tem se tornado cada vez mais objeto de discussões e debates.

Segundo Debert, embora a mudança demográfica<sup>30</sup> advinda com o processo de envelhecimento da população brasileira seja, sem dúvida, importante fator nesse processo de “quebra da conspiração do silêncio” em relação à velhice, ela não deve ser compreendida como o único fator responsável por essa transformação:

Considerar que as mudanças nas imagens e nas formas de gestão do envelhecimento são puros reflexos de mudança na estrutura etária da

<sup>28</sup> Ver Justo e Rozendo (2010); Mike Featherstone (1995); Mercadante (1996); Teixeira (2003); Debert (2000 e 2004).

<sup>29</sup> Conforme Debert (2004), a autora da obra intitulada *A velhice: Realidade Incômoda* tinha como objetivo “quebrar a conspiração do silêncio que caracterizava o tratamento dado ao tema”.

<sup>30</sup> Segundo Debert (2004), os estudos mostraram que, a população idosa, que representava 6,1% da população total, em 1980, a partir do ano 2000, passaria a crescer a taxas de oito vezes mais que a população jovem.

população é fechar o acesso para a reflexão sobre um conjunto de questões que interessa pesquisar [...] Tratar da velhice, dessa perspectiva, é buscar acesso privilegiado para dar conta de mudanças culturais nas formas de pensar e de gerir a experiência cotidiana, o tempo e o espaço, as idades e os gêneros, o trabalho e o lazer, analisando, de uma óptica específica, como uma sociedade projeta sua própria reprodução (DEBERT, 2004, p. 12-13)

Tratada durante muito tempo como responsabilidade da família, a gestão da velhice se transformou, ao longo dos anos, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, numa questão pública.

Segundo Mercadante, a sociedade ocidental moderna, pautada numa economia voltada para o mercado de trabalho, fundamentou sua lógica a partir de uma cronologia que organizava “as pessoas no sentido de estabelecer qual a idade escolar, qual a idade que uma pessoa pode entrar no mercado de trabalho, e quando deve se retirar desse mercado, aposentando-se” (MERCADANTE, 1996, p.25).

Discutindo a implicação de uma organização social baseada na cronologia, Debert afirma que:

Essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais no interior de uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios. A fixação da maioridade civil, do início da vida escolar, da entrada no mercado de trabalho é, na nossa sociedade, fundamental na organização do sistema de ensino, na organização política, na organização dos mercados de trabalho. Mecanismos fundamentais de distribuição de poder e prestígio no interior das classes sociais têm como referência a idade cronológica. Categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos. (DEBERT, 1994, p. 12).

Essa compreensão é importante quando pensamos que é a partir dessa organização cronológica que se organizariam, também, os papéis sociais para cada etapa da vida. Conforme Mercadante:

A perspectiva do tempo cronológico assume papel importante na medida em que possibilita a padronização da infância, da adolescência, da idade adulta e da velhice. Assim, a concepção cronológica enaltece uma ordem onde o mundo econômico e o mundo do trabalho ocupam um lugar central. O trabalho é tão valorizado que se torna um fator essencial para valorizar também os indivíduos que estejam trabalhando. (MERCADANTE, 1996, p.28).

Dessa forma, o não trabalhar é atrelado a uma ideia de inaptidão para a vida social, o que, por consequência, contribuiu para que a velhice passasse a denotar um conjunto de estereótipos negativos na sociedade moderna.

Este processo, ao lado de outros fatores, como o próprio envelhecimento da população brasileira, contribuíram para o reconhecimento da velhice como um problema social e, portanto, de responsabilidade do Estado, demandando ações por parte do poder público. Segundo Debert (2004), nesse momento, “um conjunto de orientações e intervenções, muitas vezes contraditório, é definido e implementado pelo aparelho do Estado e outras organizações privadas.”. Assim, conforme o autor, surge a partir da década de 1930, a gerontologia como um campo de saber específico, com “profissionais e instituições encarregadas da formação de especialistas no envelhecimento”:

É a partir dos anos 30 deste século, com a emergência progressiva da velhice como um problema social, que a reflexão sobre o tema passa a ocupar um espaço maior no interior de disciplinas como a sociologia e a psicologia. Esse interesse leva à criação da gerontologia como um campo interdisciplinar de estudos e pesquisas, cuja legitimidade dá um novo interesse à geriatria, ramo da medicina voltada para a velhice (DEBERT, 2004, p.196).

Contudo, a primeira sociedade de geriatria no Brasil só foi fundada em 1961 e, somente a partir da década de 1970 é que o envelhecimento se tornou um assunto acadêmico.

Para Debert (2004), esse movimento que marcou a sociedade moderna a partir da segunda metade do século XIX, ao mesmo tempo que contribuiu para a legitimação dos direitos dos mais velhos, foi responsável pela atribuição de valores negativos ao envelhecimento:

Nesse movimento que marca as sociedades modernas, a partir da segunda metade do século XIX, a velhice é caracterizada pela decadência física e pela ausência de papéis sociais. O avanço da idade como um processo contínuo de perdas e de dependência – que daria uma identidade de condições aos idosos – é responsável por um conjunto de imagens negativas associadas à velhice, mas foi também um elemento fundamental de legitimação de direitos sociais, como a universalização da aposentadoria. (DEBERT, 2004, p.14).

Entretanto, conforme nos mostra Mercadante (1996), a divisão de papéis e funções sociais baseada numa cronologia, predominante numa lógica econômica

de organização da sociedade, tem se modificado cada vez mais, dando lugar ao reconhecimento do “tempo interno” do indivíduo. Recorrendo a Featherstone, a autora diz que:

Esta situação, de predomínio total da dimensão econômica sobre as outras dimensões sociais, está sendo modificada. Estamos em transição para a pós-modernidade; portanto, para situações de maior flexibilidade. Afirma Featherstone: “Assistimos a reversão daquelas tendências com uma maior diversidade e embaçamento das grades etárias. Por exemplo, há modelos mais variados de empregos com o ingresso dos jovens no mercado e a finalização automática da transição entre a escola e o trabalho. Há mais mulheres de meia idade retornando ao mercado de trabalho e educação superior, e mais homens se aposentando mais cedo” (FEATHERSTONE *apud* MERCADANTE, 1996, p.28).

Ao analisar as transformações ocorridas na sociedade ocidental, no que se refere ao uso da idade cronológica como organizadora dos papéis sociais, Debert distingue três etapas:

A pré-modernidade, em que a idade cronológica é menos relevante do que o status da família na determinação do grau de maturidade e do controle de recursos de poder; a modernidade, que teria correspondido a uma cronologização da vida; e a pós-modernidade, que operaria uma desconstrução do curso de vida em nome de um estilo unietário. (DEBERT, 2004, p.56).

Recorrendo a Moody (1993), Debert aponta que, para o autor, na pós-modernidade “é possível escapar dos constrangimentos e dos estereótipos, das normas e dos padrões de comportamento baseado nas idades”. Seria, então, a pós-modernidade marcada pelo desaparecimento das fronteiras delineadas pela faixa etária e, portanto, de maior flexibilidade e possibilidades ao processo de envelhecimento?

Debert (2004) relativiza essa questão, ao dizer que as idades ainda são fundamentais quando pensamos na organização da vida social. A autora chama a atenção para o fato de que, mesmo quando pensamos na reinvenção da velhice como uma etapa de vida produtiva, o direito à aposentadoria - importante fator nessa nova configuração do envelhecer - é determinado a partir de uma idade cronológica.

De qualquer forma, esse relativo “embaçamento” das classificações baseadas em faixas etárias, não pode ser desconsiderado quando pensamos no lugar ocupado pelo idoso na sociedade contemporânea.



Ao analisar o processo de envelhecimento na contemporaneidade, muitos autores defendem a ideia da substituição de uma “perspectiva da miséria” por uma perspectiva do idoso como “fonte de recursos”<sup>31</sup>. Segundo Debert:

A tendência contemporânea é rever os estereótipos associados ao envelhecimento. A ideia de um processo de perdas tem sido substituída pela consideração de que os estágios mais avançados da vida podem ser momentos propícios para novas conquistas, guiadas pela busca do prazer e da satisfação pessoal. As experiências vividas e os saberes acumulados são ganhos que oferecem oportunidades de explorar novas identidades, realizar projetos abandonados em outras etapas, estabelecer relações mais profícuas com o mundo dos mais jovens e dos mais velhos. (DEBERT, 2000, p. 148).

Resultado de uma série de fatores, como a constituição de um grupo de aposentados aptos a consumir; além da criação de instrumentos de prolongamento da saúde e do bem-estar dessa população, a terceira idade apresenta-se como um momento propício à realização pessoal.

Embora não haja um consenso quanto ao momento exato da substituição de expressões como “velho” e “velhice”, pelo uso dos vocábulos “idoso”, “terceira idade” e “melhor idade”, de uma forma geral, pode-se dizer que os novos termos dizem respeito a uma visão otimista de envelhecimento.

Por outro lado, Debert chama a atenção para o fato de que esse processo não pode ser observado de forma acrítica, uma vez que embora a idade avançada não seja mais, necessariamente, vinculada à ideia de inaptidão para a vida social, ao aparecer como um valor não mais restrito a grupos etários específicos, a juventude passa a ser a grande meta para a qual todos os indivíduos devem se dirigir.

Assim, um envelhecimento bem sucedido passa a ser de responsabilidade de cada um, configurando o que Debert vai denominar como um movimento de “reprivatização da gestão da velhice”. Com essa concepção, os mais velhos que não conseguirem se enquadrar nessa nova dinâmica, sofreriam uma nova forma de segregação:

[...] não está ausente da perspectiva do idoso como fonte de recursos a criação de um novo ideal de produtividade que emerge de um conjunto de receitas que ensinam, aos que não querem se sentir velhos, a maneira adequada de dirigir a vida e participar de atividades preventivas. São

<sup>31</sup> Debert utiliza a expressão de Tornstam(1992).



considerados seres problemáticos que necessitam de motivação, os aposentados e velhos que não se empenham em desenvolver uma nova carreira ou um novo conjunto de atividades de lazer, ou, ainda, que não tenham se envolvido ativamente em programas de manutenção corporal. A perspectiva do idoso como fonte de recursos sociais encobre a perspectiva da miséria. A responsabilidade pela miséria do envelhecimento passa a ser uma responsabilidade individual. (DEBERT, 2000, p.152).

Assim, levando em consideração esses estudos acerca do envelhecimento no Brasil, e partindo da ideia de que as referências culturais - com seus valores, regras e práticas sociais -, evocadas pelos sujeitos no momento da rememoração, dizem respeito a um contexto mais amplo, do qual o (a) autor (a) faz parte no momento da escrita da autobiografia, que referências eles fazem a esta fase da vida? Seriam elas marcadas por quais concepções acerca do envelhecer? Afinal de contas, é possível identificar se os autores (as) se inventam como velhos ou como idosos?

Buscando responder a essas perguntas, dois elementos das narrativas autobiográficas se mostram profícuos: o primeiro, mais direto, diz respeito às referências explícitas que os (as) autores (as) fazem em relação ao envelhecimento; o segundo, refere-se às comparações feitas pelos autores(as) entre passado e presente. Alguns autores e autoras deixam mais explícitos na escrita elementos que possibilitam a análise do primeiro aspecto enquanto outros são mais ricos no que concerne ao segundo.

### **3.3. O envelhecimento como uma experiência positiva**

Rugas e cabelos brancos  
Marcas que o tempo deixou  
Neste semblante distante,  
Querendo da vida amor.

Amar é aprender a viver  
Entre verdades e sonhos,  
Procurando felicidade  
Para esses lindos anos

Quando esta vida deixares,  
Te encontrarás novamente  
Vivendo num mundo novo  
Do seu eterno presente

(Marcas dos anos. GONÇALVES, 2003, p.93).

## Therezinha Gonçalves

Escrevendo sua autobiografia aos 73 anos de idade, Therezinha Gonçalves faz uma reflexão comparando como se sentia em relação às pessoas mais velhas quando criança, e como se sente ao atingir esta idade:

Quando era jovem e ouvia alguém dizer que tinha setenta anos, sentia até tristeza em imaginar que uma pessoa vivesse tanto, tinha a impressão de que os idosos eram cansados e tristes. Talvez por suas limitações, tendo que ser menos úteis, ou mesmo pela carência de atenção e carinho. Como tudo na vida passa, assim também passaram os meus anos dourados... Somente não me vejo como via os idosos em minha juventude. Podem nem acreditar, mais ainda tenho muita energia e disposição para viver e sonhar! Costuma-se dizer que o jovem sonha, e o velho, recordando, espera...Esse sonhar a que me referi foi somente uma forma de expressão, porque sonhar vem da ilusão que alimentamos até certo tempo de nossa vida. Hoje, confio e espero o que esta nova etapa da vida vem trazendo, não me comportando como algo velho neste fechar de ciclo tão valioso da vida terrena, podendo devolver ao mundo ensinamentos retirados das lições recebidas. Hoje entrego minha vida em glória ao Pai! Sei que não penso como a maioria das pessoas, com a forma que vi passar as minhas etapas e experiências vividas, e como analisei cada uma delas(GONÇALVES, 2003,p.74).

Neste trecho, a autora deixa transparecer as referências ao idoso contidas em suas lembranças juvenis. Ao dizer que “tinha a impressão que os idosos eram cansados e tristes”, Therezinha fala de um envelhecer marcado por referências negativas de impossibilidades e inaptidão. Contudo, como seu relato mostra, ao atingir essa fase da vida, a autora se vê com “muita energia e disposição para viver e sonhar”.

Ao comparar sua percepção presente sobre o processo de envelhecimento com aquilo que sentia em relação aos mais velhos quando era mais jovem, a autora dá evidências de que houve uma mudança na forma de perceber esses indivíduos e essa etapa da vida na sociedade. Através de uma ideia de ciclos de vida, os 70 anos são, para Therezinha, uma nova etapa da sua existência, rica em oportunidades de “devolver ao mundo ensinamentos retirados das lições recebidas”.

O próprio destaque conferido a esta etapa da vida nos mostra que há uma internalização de valores positivos por parte da autora. Ao dedicar dois capítulos<sup>32</sup> inteiros da obra a reflexões acerca do envelhecimento, Therezinha demonstra uma

<sup>32</sup> A autora dedica dois capítulos da obra ao tema: “Como vejo meus setenta anos” e “Nova experiência”.

mudança de perspectiva na sociedade, em que falar desse momento da vida deixa de ser inadequado e passa a ser legítimo.

O capítulo intitulado “*Nova experiência*”, é rico ao apresentar a percepção da autora sobre o assunto:

Diante de um registro de nascimento, consta-me vivendo hoje meus setenta e três anos. Como eu havia dito antes, quando era jovem e ouvia dizer que alguém tinha setenta anos ou mais, sentia até tristeza por saber que alguém vivia tanto! Hoje o tempo passou... e esta mente mudou! Mudou, porque soube se preparar para tal. Por isso, não vou estranhar o modo que os mais jovens vêem os idosos. Só que nunca os vi com descaso ou indiferença, mas com um sentimento de carinho e, às vezes, de compaixão. Pela minha vivência, aprendi que não se pode generalizar o homem pela idade que tem(...). Desde jovens, devemos aprender a fazer um trabalho na mente, criando uma consciência de liberdade, independência e responsabilidade por nós mesmos para, quando chegarmos a uma idade avançada, não desenvolvermos carência de proteção, nos achando incapazes de conduzir nossas vidas. Essa consciência nos ajudará a não ficarmos apegados a ninguém, pelo medo da idade ou de se estar só (...). Você, que hoje ainda é jovem, deve procurar fazer um trabalho elevado consigo mesmo, se preparando para, quando os “muitos” anos chegarem, não se ver limitado a uma cadeira no canto da sala (GONÇALVES, 2003, p.86 – 92).

A partir dessas reflexões, podemos fazer algumas considerações a respeito da ideia de envelhecimento apresentada por Therezinha. Em primeiro lugar, a própria autora reconhece sua mudança de percepção sobre esta fase da vida, ao afirmar que com o passar do tempo sua “*mente mudou*”. Inicialmente percebida através de um sentimento de tristeza pelos mais velhos, a chegada da idade passa a ser vista como um momento de possibilidades.

Contudo, essa mudança de percepção parece ser compreendida através de um mérito pessoal, pela autora, especialmente através da sua busca pela religiosidade e autoconhecimento, elementos que marcam seu relato autobiográfico. Ou seja, a autora não identifica a transformação de sua percepção como fruto de mudanças sociais, mas de um movimento pessoal realizado conscientemente por ela.

Embora Therezinha atribua sua forma positiva de vivenciar a chegada da idade a seu mérito pessoal, como vimos, nossas concepções de vida são permeadas pelos valores culturais correntes em nossa sociedade. Assim, mesmo que a autora tenha encontrado na religiosidade e no autoconhecimento uma forma de interpretar positivamente essa etapa de sua existência, isso só é possível por haver um solo social fértil para isso. Além disso, ao atribuir a cada um a

responsabilidade pelo “bom envelhecimento”, como quando diz que “a diferença está na maneira de como se conduziu ou está se conduzindo, em razão de uma melhor qualidade de vida”, a autora compartilha da ideia de responsabilidade individual na administração do avanço da idade, fruto de uma concepção que, como vimos, vem se delineando na contemporaneidade.

Nesse sentido, outro importante aspecto trazido pelas reflexões de Therezinha, é a relação estabelecida entre a ideia de um envelhecimento bem sucedido com o envolvimento em atividades diversas, como “ler bons livros, estudar uma língua diferente, fazer algum artesanato, pintar, plantar uma horta com toda a técnica que essa necessita”.

Assim, para a autora, é através da vontade de cada indivíduo que sentimentos como “carência”, “dependência” e “solidão” podem e devem ser substituídos pela sensação de “realização” e “liberdade”, na velhice.

Além disso, ao dizer que “não se pode generalizar o homem pela idade que tem”, a autora reforça a ideia de uma sociedade em que a idade não é mais o fator preponderante de sua organização o que, como discutimos anteriormente, é uma tendência contemporânea; a juventude não mais se restringe a uma faixa etária, passando a ser um valor supostamente acessível a todos os indivíduos.

### Maria Cabral Horta Fernandes

Compartilhando de uma ideia positiva do envelhecimento, Maria Horta Fernandes define essa fase da vida como um momento de liberdade e estímulo. Escrevendo sua autobiografia aos 90 anos de idade, a autora relata que, após o vazio deixado pela perda de seu companheiro Ilson, quando ela tinha por volta de 68 anos, uma nova fase se estabeleceu em sua vida.

Inicialmente se virando sozinha, Maria Horta relata que teve que costurar e cozinhar para se sustentar até que passasse a receber a pensão do marido, seis meses depois. A partir de então, a autora diz que passou a enxergar novas possibilidades de realizações pessoais que, como veremos mais à frente, se traduzem numa espécie de “renascimento” da autora:

Depois que eu comecei a receber a pensão do meu marido é que pude ficar mais tranqüila. Passei, aos poucos, a pensar com mais lucidez na minha vida, no que eu poderia ainda realizar. Pouco a pouco, comecei a me sentir mais

leve, como se tivesse asas e quisesse voar. Não queria parar de viver, desejava ser independente, aspirava sim, a novas conquistas, que me fizessem sentir uma pessoa renovada, útil, inteligente e alegre. Foi então que eu vi na televisão o Programa da Terceira Idade do SESC. Começava a se delinear aquela doce caminhada que eu teria pela frente. Uma nova e estimulante trilha me esperava.

Lembrei-me de uns pensamentos que havia lido uma certa vez: 'Quando você tiver provado a sensação de voar, andarás na terra com os olhos voltados para o céu, onde já esteve e para onde deseja voltar' (Leonardo da Vinci) e 'quando se tem asas, o vôo é fácil' (Moya). E decidi ir em frente. Uma luz reacendeu diante de mim (FERNANDES, 2000, p.115).

As fortes referências positivas trazidas pela autora quando se refere a essa fase da vida podem ser apreendidas quando observamos seu discurso delineado por valores como “realização”, independência”, “conquista”, “renovação”, “utilidade” e “alegria”, definindo um envelhecimento em que é possível vivenciar, como a própria autora coloca, “uma nova e estimulante trilha” (p.115).

E seu estímulo parece ter encontrado no SESC a sua grande mola propulsora. Introduzindo o capítulo *Nasceu Maria Horta*, em que narra sua participação e atuação no SESC, a partir de 1979, quando tinha 70 anos, Maria Horta apresenta um trecho de uma entrevista dada por ela ao *Jornal Hoje em dia* em que convida a população idosa a se envolver em atividades prazerosas, dizendo: “Não fiquem nos asilos e lares. Já criamos nossos filhos e temos direito a gozar as belezas da vida! [...] Nasci artista, no SESC” (p.117).

A positividade com que a autora descreve essa etapa de sua vida, mostra-nos que seu relato é delineado pelas mudanças constatadas na concepção de envelhecimento na contemporaneidade, com a substituição de uma ideia de “velhice” de inutilidade e solidão, por uma “terceira idade” produtiva e de efetiva vida social. E nesse sentido, sua participação no SESC é de fundamental importância nesse processo de se reinventar. Segundo Debert, programas como o SESC foram criados no Brasil a partir da década de 1960 e atuam de forma a fortalecer uma nova identidade ao público idoso, contribuindo para a construção de uma imagem positiva do envelhecer. Segundo a autora:

No Brasil, proliferam, na última década, os programas voltados para os idosos, como as “escolas abertas”, e as “universidades para a terceira idade” e os “grupos de convivência de idosos”. Esses programas, encorajando a busca da auto-expressão e a exploração de identidades de um modo que era exclusivo da juventude, abrem espaços para que uma experiência inovadora possa ser vivida coletivamente e indicam que a sociedade brasileira é hoje mais sensível aos problemas do envelhecimento. (DEBERT, 2004, p.15).

Desse modo, o avanço da idade não é, para Maria Horta, um processo de decadência, embora ela reconheça as limitações físicas que o envelhecimento lhe trouxe. Assim, aos 90 anos de idade, a autora se declara uma pessoa “atualizada” e apta a participar da vida social, assumindo uma perspectiva contrária àquela que entende o idoso/velho como um indivíduo ultrapassado e que, por isso mesmo, deve viver segregado:

Hoje, estou com meus 90 anos. Completei-os no dia 30 de novembro de 1999. Com renovada alegria me vejo, no que se convencionou chamar ‘Outono da vida’. Sou uma mulher realizada. Ainda com relativa saúde, posso ver, como diz o salmo 128, os filhos dos meus filhos, nos netos e bisnetos que coroam essa fase desta minha caminhada terrestre. Tudo contribuiu e contribui para que eu seja feliz [...]. Apesar de tudo, as lutas e sofrimentos passados deram-me maturidade e clareza de idéias. Os desafios que superei enrijeceram-me o corpo e a mente, e eu posso ainda me sentir, nesse limiar do século XXI, já próxima do centenário, uma pessoa relativamente atualizada, capaz de acompanhar os diversos assuntos e temas do mundo de hoje. Se a audição e a vista começam a me trair, graças a Deus estou com a mente lúcida e ainda posso caminhar sempre para a frente (FERNANDES, 2000, p.125).

É interessante observar que mesmo quando a autora decide se afastar do teatro, atividade com a qual se envolve por meio do SESC a partir dos 70 anos, ela o faz em razão da preocupação dos filhos com ela, justificando que não quer se tornar um motivo de preocupação para eles:

Atualmente já não faço mais teatro. Aquela outra atividade da minha vida está quase completa. Digo quase, porque ainda continuo fazendo os meus comerciais para TV e “outdoors”. Quanto ao teatro, já fica difícil de acompanhar os ensaios constantes, devido à minha idade e aos cuidados que meus familiares têm comigo. Não quero causar-lhes maiores preocupações. Minha irmã Francisca continua morando comigo, porque somos excelentes companhias uma para a outra. Ela também, com a idade, deixou o teatro. É pena, mas foi muito bom enquanto durou (FERNANDES, 2000, p.125)

Assim como Therezinha Gonçalves, Maria Horta atrela a ideia de envolvimento em atividades ou vida ativa, a uma imagem positiva do envelhecimento. Dessa forma, mesmo afastada do teatro - sua grande paixão -, a autora procura se manter ocupada e ativa. A própria escrita de uma autobiografia é, para ela, não só uma atividade prazerosa, mas a realização de um sonho:

Agora tenho vida ativa em minha casa e na família, onde participo de tudo. A Francisca e eu cuidamos de nossa casa, eu preparo as refeições, recebemos as visitas, que são muitas, vemos televisão e eu me dedico ao meu quintal e às flores do meu jardim, como sempre fiz. No momento presente estou

realizando mais um grande sonho: a publicação deste meu livro de memórias, em prosa e verso.

Estou empolgada e agradecida a Deus até as últimas fibras do meu ser. Depois das realizações da minha existência, vislumbrando os traços de ouro de um outono de vida pleno, rico e completo, não desejo outra coisa senão partilhar com as pessoas as experiências que vivi e que ainda pretendo viver, deixando-lhes minha mensagem de fé e confiança no futuro (FERNANDES, 2000, p.126).

Além disso, ao definir a felicidade “como um estado de espírito”, a autora dá a entender que é possível ser feliz em qualquer momento da vida. Para ela a alegria é uma forma de posicionamento diante das experiências e desafios da vida, com a valorização de si próprio e o amor ao que faz, traduzindo novamente o esforço pessoal para se atingir a felicidade seja em qualquer idade:

[...] Se você não tiver encontrado a felicidade dentro de você mesmo, é inútil procurá-la fora. Tudo o que passamos na vida, seja de bom, seja do que chamamos de “negativo”, é experiência, é aprendizado, para o nosso crescimento pessoal e o aprimoramento de nosso espírito. Ser feliz não significa dinheiro, fama, diversões, comodismo. A gente é feliz quando sabe dar valor a si próprio, àquilo que se tem e ao que se faz.

Uma vez eu li em uma revista, não me lembro qual, um pensamento que dizia assim: a pessoa de sucesso é aquela que se levanta pela manhã, deita-se à noite e, nesse intervalo, ama aquilo que faz. Se a gente aprender a amar, vamos transferir esse amor a tudo que fazemos, a tudo que nos cerca. E, assim, com a nossa alma repleta desse sentimento tão magnífico, que é o amor, nos sentiremos felizes de verdade, não obstante as dores e adversidades que possam nos atingir. Creiam, amigos: a felicidade é antes de tudo, um estado de espírito (FERNANDES, 2000, p.125-126).

### Maria da Conceição de Oliveira Teles

Sem fazer referências ao avanço da idade, Maria da Conceição de Oliveira Teles, no processo de invenção de si, assume o papel de “boa mãe” numa tradicional família mineira do século XX. Como vimos no capítulo 2 deste trabalho, a autora, que tem a família como eixo norteador de sua narrativa, parece querer reforçar uma identidade de referência familiar, assumindo o papel de mulher, esposa, mãe e avó feliz. Sua primeira publicação, anterior à escrita da autobiografia, da obra intitulada *Contos populares passados de pais para filhos*, pela editora Leitura, coaduna com essa hipótese, ao passar a ideia de um apego às tradições familiares.

Por outro lado, a autora, que durante muito tempo foi amparada financeiramente pelo marido, mesmo durante o período em que passou a residir em



Belo Horizonte com os filhos – momento que se viu afastada do companheiro que exercia atividades no campo -, demonstra sua preocupação com a independência na velhice ao dizer:

Os anos passavam e eu nunca deixei de me preocupar com a minha independência durante a velhice. Ninguém sabe o dia de amanhã, por isso sempre me preocupei com minha aposentadoria. Procurei, então, me informar para atingir esse objetivo. Fui ao Ministério do Trabalho obter informações (TELES, 2003, p.145).

A preocupação explicitada pela autora é um aspecto importante quando pensamos que, embora ela pertença a uma família com uma condição financeiramente estável (é mãe dos proprietários da Livraria Leitura), sua independência aparece como um valor importante a ser cultivado e, nesse sentido, contrapõe à ideia de um envelhecimento de dependência e incapacidade.

### **3.4. A velhice como um lugar de inadequação**

Agora, já mais velho, recordo do que já passou como o bom tempo em que a gente era feliz e não sabia (RIBEIRO, 2002, p.103).

#### Abram Ribeiro

Ao contrário de Therezinha Gonçalves e Maria Horta, para Abram Ribeiro o avanço da idade parece acentuar uma situação desconfortável de conflito entre um passado bom e feliz e um presente não tão agradável. Escrevendo sua autobiografia por volta dos 80 anos de idade, ao dizer que “já mais velho”, recorda o passado “como o bom tempo em que a gente era feliz e não sabia” (p.103), o autor deixa transparecer sua nostalgia em relação a um passado que não volta mais.

Sua escrita sobre o processo de envelhecimento é marcado pelo sentimento de perda, especialmente das pessoas queridas, que ao se ausentarem pouco a pouco, deixaram uma sensação de vazio e solidão na vida do autor:



Nessas alturas de minha idade, normalmente fico pensando, pensando tanto nas inúmeras pessoas amigas que convivemos juntas nesta vida e que hoje já não existem mais. Foram centenas, as que foram mais minhas amigas (RIBEIRO, 2002, p.109).

Hoje, exatamente hoje, 03 de março deste ano de 2000, estou portanto completando 80 anos de vida. Nunca esperei, meu Deus, de alcançar esta idade! Agradeço, por isso, a Vossa infinita bondade. Quantas coisas aconteceram no decorrer desta minha vida. Coisas boas e coisas ruins. Tive muitas e muitas alegrias e com elas dei gargalhadas de satisfação. Tive também imensas tristezas e com elas muitas vezes chorei. Perdi meus queridos pais. Perdi meus prezados irmãos. Perdi muitos parentes e também grandes amigos e benfeitores, que não saem do meu pensamento. Às vezes, fico sozinho, em algum lugar, pensando e repensando com imensa saudade de todas essas pessoas que já partiram desta vida. É verdade que sempre peço a Deus, esperando que todas elas estejam em lugar de luz e muita paz. Quem sabe elas também possam se lembrar de nós que continuamos vivendo neste mundo tão bom, mas sem dúvida contraditório. Ah, meu Deus, deixa pra lá! (RIBEIRO, 2002, p.123).

Embora Abram declare “gozar de boa saúde” e fazer um trabalho que gosta – o autor trabalha como diretor financeiro na clínica médica do seu filho - a ideia de uma velhice de possibilidades e realizações não faz parte do seu discurso. Ao dizer, em certo momento, que vive “sem pretensões futuras”, o autor confere um tom de insatisfação em relação à atividade que exerce e certa indiferença com seu futuro.

Sua visão pessimista da velhice se delineia a partir de uma dicotomia entre sua vida juvenil e seu envelhecimento:

Olha eu aí, comemorando meus bem vividos 81 anos de idade. Sei que a maioria das pessoas não consegue chegar a esta idade. Agradeço muito a Deus pela vida que está me concedendo, mantendo-me respirando continuamente o ar puro, que tem me conservado com vida e saúde. Ar, sopro da vida, é a presença oculta do Criador. É verdade que, quando a gente era jovem, tudo era muita energia, era vigor, era saúde. A gente vibrava de alegria, mesmo sem motivos. Os dias eram grandes e claros pela luz do sol. As noites, muitas vezes tinham vaga-lumes e o céu que nos cobria era sempre muito estrelado, exibindo no centro a lua-cheia que iluminava os nossos passos. Tudo era música, era encantado, com muita alegria. Posso dizer que tenho grata recordação desse tempo que não volta mais. Pôr outro lado, sou feliz, pôr já ter vivido essa fase de ouro, sem cometer exagero. Para se chegar à idade que tenho hoje, passei por muitos perigos perigosos em que poderia ter perdido a própria vida; mas já vivi também gratos momentos de alegria; de sorrisos fáceis. Mas deixa isso de lado, foi bom enquanto durou, mas agora são águas passadas. Vamos em frente! (RIBEIRO, 2002, p.124).

Nesse trecho, transcrito de sua obra, é visível a valorização que o autor faz de seu passado, ao definir os dias juvenis como “grandes e claros”, afirmando

que nessa fase “tudo era música, era encantado, com muita alegria”. Entretanto, ele aparenta ser menos entusiasmado com o presente em que escreve; ressalta significativamente as perdas dos entes queridos e aparenta um certo “embotamento” afetivo, quando afirma, ao final do trecho abaixo, que “gosto da vida, mas não me apego a ela. Aceito com tranquilidade meu destino”:

Quero dizer que hoje já é dia 20 de março de 2002. No dia 03 deste mês de março, completei mais um ano de idade. Estou portanto, com 82 anos de idade. Bastante, não? Ainda gozo de boa saúde e trabalho na clínica médica do meu filho, Dr. José, na condição de sócio e Diretor-Financeiro. Vou quase diariamente para o trabalho, dirigindo meu próprio veículo. Fico feliz em ainda estar trabalhando ao lado de meu filho, José. Até quando só Deus sabe. Posso dizer que hoje sou uma pessoa realizada nesta vida. Sei que sempre foi muito protegido pôr Deus. Conforme já disse, frequentei a escola primária apenas 2 anos. Em compensação aprendi bem na Universidade do mundo. Gosto da vida, mas não me apego a ela. Aceito com tranquilidade meu destino. Gosto e amo as pessoas em geral; não importando se é rica, pobre, intelectual, analfabeta, bonita ou feia... (RIBEIRO, 2002, p.126).

### Allyrio Nunes Coelho

Já para Allyrio Nunes Coelho, o conflito vivenciado com o envelhecimento parece ser resultado entre a forma como o autor se sente, aos 80 anos de idade, e o lugar que lhe é reservado na sociedade. O autor, que como vimos no segundo capítulo, tem como eixo de sua narrativa o trabalho, lamenta a aposentadoria forçada, dizendo que sente que tem ainda muito a contribuir. Não trabalhar é, para ele, viver uma vida de ociosidade e destituída de significado:

Trabalhei vinte e cinco anos na Assembleia Legislativa. Aposentei-me com 70 anos e quarenta anos de serviço público. Aposentadoria: nostalgia, depressão, dor, doença, sofrimento. Deitado, o sono não vem, a madrugada não vem. Vem a solidão, a tristeza, a angústia, a vontade de chorar. Chorava. Preso em casa, sem condições de sair à rua sozinho, tenho a ansiedade por companhia. Vou sair desta situação e vou andar como outrora. Os desafios já vencidos me animam (COELHO, 2001, p.47).

A contradição experimentada pelo autor, em razão de se considerar “apto para a vida” mas, ao mesmo tempo, sem meios para desfrutá-la, parece resultar de uma dupla condição: a falta de ocupação a partir da sua aposentadoria e do

acidente que, quando mais jovem, lhe impôs algumas limitações ao deixá-lo numa cadeira de rodas.

O conflito também é visível num outro momento de sua narrativa, quando Allyrio diz:

Sou um incorrigível amante da vida; mesmo que ela me dê mostras de que não me quer mais, eu imploro o seu amor e luto por ele. É a grande e preciosa e insubstituível bem amada, da qual não quero me separar. O meu coração nunca foi e nunca será abrigo do ódio ou depósito de fel, ou a seara do mal, mais um paiol de recordação. Hoje contemplo os meus dias de vida e os divido em duas fases. Dessas duas fases, não sei qual a que quero mais: se da primeira, dos meus tempos de criança, adolescente e rapaz, ou se de agora, dos meus dias outonais (COELHO, 2001, p.53).

Nesse trecho, ao dizer que é um “incorrigível amante da vida”, embora ela “dê mostras de que não me quer mais”, o autor dá entender que, embora se sinta apto à vida, não encontra espaço para vivê-la plenamente, pois para ele, trabalho e atividade é vida. Além disso, parece querer ressaltar sua capacidade para o trabalho e como uma pessoa em plenas condições de atuar na sociedade, ao dizer que sente orgulho da boa memória que tem – ao contrário, provavelmente, de um suposto estereótipo em torno da perda de memória em pessoas idosas:

Boa memória tenho; orgulho-me disso. Não me esqueço do bom nem do mau. Às vezes, sofro que chego às lágrimas. A vida é assim! (COELHO, 2001, p.52).

### **3.5. Passado e Presente em diálogo e em contraponto**

As comparações feitas entre o tempo presente, momento em que os (as) autores (as) escrevem suas obras, e o passado, quando viveram a infância e juventude, constituem outro importante recurso para apreender suas concepções em relação ao envelhecimento. Isso porque, através delas é possível identificar indícios da forma como os valores e referenciais do presente atuam no processo de se inventar através da escrita. Seria o presente um ponto de referência para os (as) autores (as) criticarem o presente, supervalorizando o passado? Ou as referências culturais do presente são incorporadas de forma positiva por eles (as) e, nesse sentido, eles (as) destacariam seus aspectos positivos?

### 3.5.1. Modernização da cidade

Abordado por alguns autores, o impacto do desenvolvimento de Belo Horizonte ao longo da segunda metade do século XX, nas narrativas, é representado, em geral, a partir de duas perspectivas: por um lado, atrelando-se ao aumento da violência e do caos nas cidades; e por outro, denotando uma ideia de progresso e avanço.

Vicente de Souza, ao lembrar os tempos em que cursava Direito na Universidade Federal de Minas Gerais, compara a tranquilidade do passado à violência atual, quando diz que:

Estudei, pois, durante os cinco anos no período noturno. Naquela época tínhamos a tranquilidade de poder nos movimentar sem qualquer perigo pelas noites de Belo Horizonte

Essa percepção, que valoriza um estilo de vida dos tempos passados, reflete um saudosismo e é compartilhada por Olney Jardim, que afirma:

Não tínhamos medo de bandidos, pois não era comum na época. O medo era do desconhecido, do silêncio. Quando surgia alguém era um alívio. Hoje, ao aproximar alguém, já imaginamos que seremos assaltados (JARDIM, 2006, p.74).

Outra mudança percebida por alguns autores, diz respeito às transformações ocorridas no trânsito na cidade de Belo Horizonte da primeira metade do século XX. Abram Ribeiro, ao fazer uma reflexão sobre a capital na década de 1940, diz:

Naquele tempo, deveria residir em Belo Horizonte umas 300 mil pessoas que cabiam facilmente nas ruas sem os atropelos que acontecem hoje em dia, quando contamos, mais ou menos, com três milhões de residentes na grande Belo Horizonte, movimentando diariamente. E os veículos em circulação permanente, congestionando o trânsito e ceifando vidas de pessoas inocentes. Hoje o transporte popular são os ônibus, pôr sinal eu os acho muito aquém do que deveriam ser. Os bondes de outrora sumiram; acabaram de vez. Nem um para contar a história do passado e nem mesmo para fazer turismo ou para a meninada de hoje conhecer um pouco do ontem. A não ser aquele do museu Abílio Barreto. Tudo isso vai acontecendo em nome do progresso que, acabou acabando com a nossa Belo Horizonte antiga, gostosa de viver, conforme a conheci naqueles tempos, começo da década de 1940. Acho que saí um pouco fora do que

estava contando, mas fiquei motivado, comparando o que era ontem e o que é hoje (RIBEIRO, 2002, p.43).

Comparando o “caos” do trânsito de “hoje”, com a tranquilidade das ruas da cidade no seu tempo juvenil, Vicente Guabiroba também ressalta os aspectos positivos do tempo passado:

Meu endereço tornou-se conhecido por muita gente. Eu morei na R. Viamão, no Alto Barroca, um lugar tranquilo e silencioso, perto das vias principais da cidade, mas ainda inédito ao trânsito, hoje caótico da capital (GUABIROBA, 2006, p.117).

Por outro lado, mais positiva em relação às mudanças, encontra-se Maria Cabral Horta Fernandes, que ao se referir ao avanço das ciências diz:

Parece que as ciências aqui na nossa terra, naquele tempo, dormiam! E o Brasil também dormia! Será? Penso que o Brasil, como as ciências, apenas se abasteciam e se preparavam para um despertar maior. Este gigante foi acordando aos poucos, trazendo em seu bojo cientistas, mestres e artistas (FERNANDES, 2000, p.31).

### 3.5.2. Infância

A infância é outro campo fértil quando analisamos as comparações feitas pelos (as) autores (as), entre o tempo passado e presente. Criticando as facilidades encontradas pelas crianças de “hoje”, Vicente de Souza diz que:

Não era como as crianças de hoje que compram seus brinquedos já prontos na loja mas eu, com uma simples forquilha quebrada no mato, criava meu próprio carro de boi (SOUZA, 2003,p.09-10).

Olney Jardim também supervaloriza sua infância, demonstrando resistência às brincadeiras da atualidade:

Na época do escuro aproveitávamos as noites enluaradas para brincarmos de esconde esconde, pega ladrão, passa anel, cabra cega, chicotinho queimado, etc. A nossa infância era prolongada. Hoje com sete anos os garotos só querem saber de videogame, filmes de violências e às vezes até pornográficos. As meninas não mais brincam com bonecas, de casinha, etc. As bonecas, quando as têm, é para enfeitar o quarto. {A ÉPOCA DE MONTEIRO LOBATO JÁ ACABOU} (JARDIM, 2000, p.52).

É interessante observar que as “facilidades”, proporcionadas às crianças de hoje, com o avanço das tecnologias, são avaliadas de forma negativa por esses autores. Essa visão é coadunada ainda, por Abram Ribeiro, que ao narrar alguns fatos vivenciados em sua infância afirma:

Só não gostaram dessa época de grande simplicidade, as pessoas que não a viveram. Que não viram nada. Nesse tempo ainda não havia rádio na roça. Televisão, nem no pensamento (RIBEIRO, 2002, p.23).

Assim, o fato de, naquele tempo, a televisão não ser acessível “nem no pensamento” é encarado de forma positiva por Abram. Por outro lado, relativizando os aspectos bons e ruins do uso e do avanço da tecnologia, Therezinha Gonçalves, ao narrar a falta de informação e notícias acerca do paradeiro de seu tio após sua convocação para a Guerra, a autora pondera:

Hoje, com a evolução do mundo e de toda a tecnologia, dificilmente acontecem essas coisas. Todos os dias somos informados de tudo o que se passa em todo mundo. Os aparelhos eletrônicos não são mais objetos tampados em um canto da sala, somente para os adultos lidarem, mas, sim, disponíveis a todos. Sabemos que a televisão costuma ser prejudicial para a humanidade, mas não deixa de ter o seu valor. Na realidade poderia trazer uma ajuda maior, se não houvesse interesse, por parte dos donos da mídia, de conseguirem resultados através de influências negativas, que escandalizam uma geração (GONÇALVES, 2003, p.26-27).

Nesse trecho, ao dizer que, hoje, os objetos eletrônicos não são mais “somente para os adultos”, Therezinha fala de uma infância com maior liberdade para as crianças. Contudo, ao fazer considerações entre a infância atual e a de seu tempo, embora reconheça os aspectos positivos da forma como os pais criam os filhos no presente – principalmente através da ideia de que hoje a criança tem mais liberdade para se expressar com espontaneidade e recebem mais carinho dos pais, Therezinha diz:

Se houvesse uma balança para avaliar em qual criança encontrar mais equilíbrio interno, baseando-se no seu jeito natural de ser, o fiel certamente penderia para o lado do passado, pelo fato de ter sido mais reprimida. Porque hoje, com tanta liberdade, não de espaço, mas de ação, o mais comum é depararmos com crianças insatisfeitas e jovens deprimidos. Mesmo com todo carinho dos pais pelos filhos – o que acho louvável-, ainda são cobrados pela psicologia infantil, pelos desajustes que ocorrem, sendo que essa liberdade de hoje é que abre as portas para uma grande parte dos desajustes do mundo. Parece que as crianças atualmente nascem mais

inteligentes, enquanto os pais não têm a sabedoria e o pulso firme para conduzi-las, ficando os filhos, assim, sem um referencial... (GONÇALVES, 2003, p. 34-35).

Apesar da crítica, entretanto, é importante observar que a autora reforça sua ideia de que as crianças de hoje são mais inteligentes e recebem mais carinho dos pais:

Se era carinho que faltava na criação de ontem, por que a insatisfação de hoje, se são mais inteligentes para entenderem o que recebem dos seus pais, que quase se viram pelo avesso para agradá-los? (GONÇALVES, 2003, p. 36).

Mais positiva em relação à infância atual, contudo, encontra-se Maria Cabral Horta Fernandes, que fala de seu tempo de criança como um tempo em que os sentimentos e pensamentos infantis não eram valorizados pelos adultos:

Além disso, como sempre tínhamos vivido na roça, desconhecíamos a vida nas cidades, mesmo pequena como Ferros. Éramos, verdadeiramente, aquilo que chamamos 'caipiras'. Acresce o fato de que os adultos antigamente não davam muita importância aos sentimentos dos mais novos: 'menino é menino e não tem que sentar na sala com as visitas, não se mete em conversa de gente grande, tem de saber se comportar direito e respeitar os mais velhos (FERNANDES, 2000, p.89).

### **3.5.3. Educação escolar**

O ensino das escolas é outro tema de comparações entre o passado e o presente nas narrativas, dividindo opiniões entre os autores que defendem as antigas práticas de ensino e aqueles que valorizam a educação atual.

Fazendo referência às práticas de valorização dos símbolos nacionais presentes no ensino de seu tempo, Olney jardim diz que:

Os cadernos naquela época vinham com o hino nacional e o da Bandeira na contracapa. Às vezes vinha também o Hino da Independência. Os cadernos escolares atualmente não trazem nada educativo, somente fotos de atores de cinema, televisão, modelos e astros do futebol (JARDIM, 2006, p.16).

Em outro momento, contudo, ao relatar seu hábito de matar passarinho quando criança, o autor chama a atenção para um aspecto positivo da educação atual:

Naquela época nós não tínhamos nenhuma orientação como as crianças de hoje. Já no curso primário e até mesmo no jardim de infância há orientação no sentido de defesa da fauna e da flora. No nosso tempo era só destruir (JARDIM, 2006, p.62).

Maria Horta Fernandes também se refere à formação de uma mentalidade ecológica, quando diz que:

Aquele recanto era quase virgem. Digo 'quase virgem' porque naquele tempo a população local, que desconhecia completamente a ecologia e seu inestimável valor, já havia procedido à derrubada de muitas árvores naquele pedaço de Mata Atlântica (FERNANDES, 2000, p.17).

Therezinha Gonçalves ressalta os aspectos positivos e negativos da educação de sua infância. Ao dizer que o ensino primário do seu tempo de criança era "mais amplo", mas que não "se tinha muito entendimento" do que se ensinava, a autora relativiza a aparente vantagem do ensino no passado:

Naquele tempo, a maioria das crianças fazia somente o primário, pois não havia ainda colégios públicos, mas, comparando com o ensino primário de hoje, o curso era muito mais amplo. Só acho que não se tinha muito entendimento do que aprendíamos. A criança de hoje, além da televisão para informar-se, tem mais comunicação em classe. Antes, não havia muita explicação do que se estudava. Era quase tudo decorado, sem muito diálogo. Eu achava ótimo, porque tinha muita facilidade para decorar, mas sem entender muita coisa. Como era muito acanhada, não conseguia pedir explicações sobre algo que não compreendesse (GONÇALVES, 2003, p.26).

Assim, a partir da análise das referências ao envelhecimento e das comparações entre o passado e o presente dos (as) autores (as), algumas considerações importantes podem ser feitas. Em primeiro lugar, não há um consenso entre todos (as) os (as) autores (as) com relação à forma como eles se vêem na velhice/ terceira idade; nem com relação à forma como lidam com as mudanças vividas até o presente da escrita. Por outro lado, foi possível identificar duas tendências opostas, dividindo os (as) autores (as) entre aqueles (a) que parecem ter incorporado com maior facilidade a ideia de uma "terceira idade" bem sucedida, ativa e feliz e aqueles que, demonstrando maior resistência a essa concepção do processo de envelhecimento, se mostraram insatisfeitos com sua posição atual.



No primeiro caso, essa constatação se baseou em dois indícios. O primeiro diz respeito às referências positivas em relação ao avanço da idade, que, nas narrativas, se traduziram através de expressões como “realização”, “liberdade”, “independência”, “alegria”, “conquista”, etc. Neste grupo se encontram Therezinha Gonçalves, Maria Cabral Horta Fernandes e Maria da Conceição de Oliveira Teles. Essas autoras, ao atrelarem valores positivos a esta etapa da vida, se mostram mais adaptadas e realizadas com a situação em que se encontram no momento da escrita.

É interessante observar que, não por acaso, as mulheres aparecem como representantes dessa concepção positiva de envelhecimento. Ao citar sua pesquisa intitulada *Experiência de Envelhecimento e Representações sobre a velhice*, Debert (2004) identifica algumas diferenças na forma como o homem e a mulher concebem a velhice. Segundo a autora, contrariando suas expectativas, seus estudos mostraram que, em geral, o avanço da idade para as mulheres<sup>33</sup> não aparecia de forma negativa. Ao se referir aos dados obtidos através de entrevistas e observações com mulheres de 70 anos ou mais, Debert conclui que, para elas:

A experiência atual era também concebida como mais gratificante do que outras etapas vividas; liberadas das obrigações e controles a que se submeteram quando mais jovens, consideravam-se agora livres para a realização de um conjunto de atividades prazerosas, em um contexto marcado por mudanças culturais radicais que levavam a uma tolerância, cada vez maior, para com as mulheres (DEBERT, 2004, p.27).

Segundo a autora, a velhice para essas mulheres “não estava referida à idade, mas à perda de autonomia” e, nesse sentido, elas não se consideravam velhas. Seus estudos mostraram ainda que, para os homens, não era a dependência que caracterizava a velhice, mas a falta de lucidez e que, para todos eles:

[...] a boa velhice era a do passado, do velho respeitado que tinha uma posição central em todos os assuntos de família. Assim como as mulheres, eles chamavam a atenção para as mudanças culturais radicais, que deram um novo significado à experiência de envelhecimento. Para os homens, entretanto, essas mudanças teriam tornado o envelhecimento o momento mais amargo da vida e não uma situação privilegiada para um exercício gratificante da liberdade (DEBERT, 2004, p.28).

E nesse sentido, o outro indício, apreendido a partir comparações feitas entre o presente e o passado, ou seja, entre o tempo em que os (as) autores (as)

<sup>33</sup> A pesquisa foi realizada com mulheres de classe média. Ver Debert (2004).

viveram a infância e juventude e o momento em que escreveram suas autobiografias, corroboram com a ideia de que, em geral, as mulheres mostram-se mais positivas em relação ao presente.

Embora a crítica ao presente apareça no discurso de Therezinha Gonçalves, a autora reconhece muitos aspectos positivos da atualidade, como a maior liberdade de expressão que as crianças possuem e um ensino mais questionador e crítico nas escolas de hoje.

Já Maria Cabral Horta Fernandes, parece totalmente adaptada às mudanças ocorridas no cenário social e cultural. Ao ressaltar as positivities da atualidade em diversos momentos de sua narrativa, a autora passa a ideia de um passado reprimido, com pouca liberdade de expressão, como quando diz:

Pulsava dentro de mim uma outra força, impossível de ser abafada. Comecei a perceber o que eu sempre poderia ter sido: uma artista nata. E confessar isto a quem? Antigamente ser artista era sofrer preconceitos, ainda mais em se tratando de uma pessoa religiosa, mãe de família, com pouca saúde.... (FERNANDES, 2000, p.113).

O próprio fato da autora ter realizado o sonho de se tornar atriz por volta dos 70 anos de idade, contribui para que esse momento da vida seja ressignificado por ela de forma positiva, uma vez que foi neste momento que ela encontrou condições de se realizar.

Os autores, por sua vez, parecem menos satisfeitos na velhice. A partir das análises foi possível perceber que, em geral, o envelhecimento para eles é marcado por aspectos negativos.

A narrativa de Abram Ribeiro fala de um envelhecimento marcado pela ausência, não só daqueles que compartilharam a vida com ele, mas de sonhos e realizações. Allyrio Coelho, por sua vez, embora declare se sentir em condições de sonhar e viver, parece não encontrar seu lugar na sociedade, ao dizer que a vida dá “mostras” de que não lhe quer mais.

Além disso, a maioria das comparações feitas pelos homens mostraram que a atualidade é, para eles, um ponto de referência para reforçar uma nostalgia e um saudosismo em relação à vida que viveram na infância e na juventude.

Assim, enquanto para as mulheres a terceira idade aparece como um momento de maior realização e liberdade, o sentimento que permeia a narrativa dos homens é a perda e a saudade de um passado mais significativo e feliz. E nesse

sentido é interessante lembrar que no caso das autoras, o avanço da idade de fato trouxe maior liberdade, se comparado à juventude que tiveram. O que não ocorre com os autores que, tendo vivenciado uma juventude de grande sociabilidade e atividade, tem a velhice marcada por sensações de perdas e ausências.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Buscando compreender a escrita autobiográfica do idoso no início do século XXI, em Minas Gerais, o presente estudo foi organizado e dividido em três capítulos.

Inicialmente, a ideia era identificar o lugar do gênero autobiográfico no contexto mais amplo do mercado editorial brasileiro e sua relação com as mudanças ocorridas nas concepções de envelhecimento a partir, principalmente, da década de 1960/70. Como vimos, a proliferação de editoras de pequeno e médio porte, que passaram a publicar textos e obras de autores(as) anônimos, a partir da segunda metade do século XX, coincide com um processo de reconfiguração do lugar do idoso na sociedade brasileira, com uma maior valorização desses sujeitos, que ganham espaço no cenário social.

Além disso, busquei caracterizar o grupo de autores(as) analisados, identificando dados primários (como local e ano de nascimento; idade em que escreveu a obra; profissão; etc.), bem como suas relações com a escrita e a leitura. O estudo mostrou que se trata de um grupo de sujeitos atípicos, que, oriundos do interior de Minas Gerais, num contexto de altas taxas de analfabetismo, estabeleceram uma relação de proximidade com a escrita e a leitura. E, nesse sentido, a escrita autobiográfica não constituiu a primeira experiência de escrita dos (as) autores (as). A maior parte deles já haviam escrito e/ou publicado outros textos (poemas, crônicas, etc), sendo que, em alguns casos, as habilidades de escrita eram reconhecidas pelos mais próximos.

Posteriormente, busquei identificar os pertencimentos identitários dos (as) autores (as) no processo de se inventar através da escrita. Como foi discutido no segundo capítulo, as narrativas autobiográficas são construídas a partir de um eixo

norteador, que ressignifica as lembranças a partir daquilo que impacta intimamente o (a) autor (a) no momento da escrita.

A apreensão dos pertencimentos foi realizada a partir de elementos como motivação e destinação da escrita, utilização de recursos como fotos, documentos, fala de terceiros, prefácios, inclusão de outros textos, etc. No caso das obras analisadas, cinco pertencimentos foram detectados: o religioso; o socioeconômico; o familiar; o profissional e o geográfico. Não por acaso, as narrativas femininas foram costuradas pelos pertencimentos familiar e religioso. A ocupação do espaço público, que nas narrativas se expressaram a partir dos pertencimentos elencados pelos homens (profissional, regional e socioeconômico), mostraram-nos a não neutralidade desses pertencimentos.

Finalmente, no terceiro e último capítulo do trabalho, busquei identificar as referências ao envelhecimento, bem como as comparações entre passado e presente contidas nas narrativas.

Tendo o presente como ponto de referência da releitura de suas vidas, seriam as referências contidas nas obras marcadas pela aceitação e incorporação dos valores atuantes no momento em que os autores escreveram as obras? Ou o presente atuaria como ponto de partida para criticar o presente, denotando uma inadequação do indivíduo ao momento presente?

A ideia de envelhecimento, carregada de um estereótipo negativo que perdurou até meados do século XX, sofreu modificações a partir da década de 1960, com a difusão de novos valores para esta etapa da vida. Resultado de um processo de reconfiguração da vida social, com mudanças demográficas significativas e a constituição de um grupo de aposentados financeiramente aptos consumirem e usufruírem uma vida de prazeres, a velhice, antes atrelada a uma ideia de inaptidão, solidão, miséria e dependência, passa a ser compreendida como uma fase de possibilidades, atividades e independência.

O estudo mostrou que o envelhecimento é, para as autoras, mais positivo quando comparado aos homens. Ao falar dessa etapa da vida, as mulheres se mostraram mais realizadas e satisfeitas, utilizando expressões como “alegria”, “independência”, “conquista” e “liberdade”. Por outro lado, os homens se mostraram mais nostálgicos e saudosistas, destacando aspectos negativos do envelhecimento, como solidão e inatividade. Como vimos, a diferença de concepções acerca da velhice entre homens e mulheres pode ser explicada quando pensamos que

historicamente limitada ao espaço privado, foi nessa fase da vida, num momento de reconfiguração do lugar do idoso na sociedade, que as autoras encontraram lugar para se expressarem com maior espontaneidade e se realizarem. Por outro lado, os autores, adaptados a vida pública e social, parecem sentir com maior intensidade o impacto das mudanças trazidas com o envelhecimento. Nesse sentido, enquanto para elas o envelhecimento trouxe maiores possibilidades e ganhos, para eles, o envelhecimento trouxe consigo muitas perdas e frustrações.

Percebemos, portanto, que o processo de invenção de si é atravessado pelo pertencimento de gênero, uma vez que o lugar ocupado por homens e mulheres na sociedade, com seus papéis e funções sociais, interferem na forma como eles se veem e inventam através da escrita.

Por fim, pudemos analisar alguns dos elementos para a compreensão da invenção de si por idosos por meio de autobiografias. Algumas outras variáveis merecem ser consideradas, mas não puderam ser devidamente contempladas neste estudo, aspectos que se referem à materialidade dos impressos. Sabemos que, embora a publicação tenha se tornado relativamente acessível aos autores comuns/anônimos em fins do século XX, devemos considerar que se tratam de obras autofinanciadas. O caráter financeiro pode interferir diretamente na extensão da obra, na inclusão ou não de imagens (que encarece a produção), influenciando diretamente no conteúdo das mesmas.

A censura é outro aspecto que deve ser levado em consideração. Mesmo que somente algumas das autobiografias analisadas tenham tido o apoio e o incentivo dos familiares, certamente é por meio deles que essas obras foram viabilizadas, seja financeiramente, afetivamente, ou por meio de ajudas materiais diversas (computador presenteado, fotos recuperadas, entre outros). Nesse sentido, evidentemente o processo de invenção de si não pode ser considerado como algo livre e/ou arbitrário. Os vínculos familiares e sociais mais amplos estão balizando aquilo que pode e o que não pode ser dito; o que deve e o que não deve ser lembrado. Enfim, a autobiografia é sempre escrita para um outro, num movimento de idas e vindas entre o passado e o presente, entre o leitor e o escritor, ainda que não tenha sido lido por ninguém.

## FONTES

### Dados censitários

BELTRÃO, Kaizô I. Alfabetização por raça e sexo na Região Sudeste do Brasil: um modelo linear generalizado para explicar a evolução no período 1940-2000 / Kaizô Iwakami Beltrão. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Volume XXIV, 1958.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Volume XXV, 1959.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Volume XXVI, 1959.

IBGE. Enciclopédia dos Municípios brasileiros. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Volume XXVII, 1959.

Estudos sobre a alfabetização da população do Brasil. Baseados no censo demográfico de 1950. 5ª série. Conselho Nacional de Estatística, 1954.

Estudos sobre a alfabetização das crianças no Brasil. Baseados nos censos demográficos de 1940 e 1950. 2ª série. Conselho Nacional de Estatística, 1957.

Recenseamento do Brasil. Volume IV. Rio de Janeiro, TYP. Da Estatística, 1929.

### Autobiografias

COELHO, Allyrio Nunes. *Rascunho de uma vida*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2001.

FERNANDES, Maria Cabral Horta. *Outono Dourado em prosa e verso*. Belo Horizonte, Líthera Maciel, 2000.

GONÇALVES, Therezinha. *Sem medo de se encontrar*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2003.

GUABIROBA, Vicente. *Impressões de uma vida*. Belo Horizonte, Gil Braz, 2006.

JARDIM, Olney. *Trajatória de Lutas*. Belo Horizonte, Sografe, 2006.

RIBEIRO, Abram. *Minha vida & Crônicas*. Belo Horizonte, Sografe, 2002.

SOUZA, Vicente de. *Vá com Deus, Mãe!* Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Gerais, 2003.

TELES, Maria da Conceição de Oliveira. *Minha vida, Meu Tesouro!* Belo Horizonte, Redação, 2003.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Julio Groppa; OLIVEIRA, Marta Kohl de; REGO, Teresa Cristina. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições*, v. 17, n2 (50)- mai/ago, 2006, p.119-138.

BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos Dourados. In: PRIORE, Mary Del (org). *Historia das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004 p. 607-639.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A Ilusão autobiográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenadoras). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1986, p. 183-191.

BRAGANÇA, Aníbal. Antônio Isidoro da Fonseca e Frei José Mariano da Conceição Veloso: precursores. ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal.(orgs). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.25-40.

BRISOLARA, Valéria. Narrativa, memória e identidade: o Boom das narrativas de cunho memorial. *Cenários*. Porto Alegre, v.1, n.5, 2012.

BRUNER, Jerone; WEISSER, Susan. A invenção do ser: a autobiografia e suas formas. OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy (orgs.) *Cultura escrita e oralidade*. São Paulo: Ática, 1995, p. 141-161.

BURKE, Peter. *A Escrita da História: novas perspectivas*, Editora Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. *A escola dos Annales 1929-1989: a revolução francesa da Historiografia*. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.

DEBERT, Guita Grin. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. 1.ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

\_\_\_\_\_. O significado da velhice na Sociedade Brasileira. In: *Acta Paulista de Enfermagem*, v 13, número especial, parte 1, 2000, p. 147-158.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. Em queda livre? A Economia do livro no Brasil(1995-2006). In: ABREU, Márcia; BRAGANÇA, Aníbal (orgs). *Impresso no Brasil: dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p.349-362.

EL FAR, Alessandra. *O livro e a leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.



ENNES, Marcelo Alario; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 16, n°35, jan/abr 2014, p. 274-305.

FEATHERSTONE, Mike. A velhice e o envelhecimento na Pós-Modernidade. *Revista A terceira idade*. Ano X, n 14, agosto 1988, p.5-18.

FRANCO, Divaldo Pereira. *Psicologia da Gratidão* (pelo espírito de Joana de Ângelis). 3ª Ed. Salvador: Leal, 2014.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *A Construção de Modos de Participação nas Culturas do Escrito por Novos Letrados: Instâncias, objetos e sujeitos*. Projeto de Pesquisa. Belo Horizonte: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação (GEPHE) e Grupo de Estudos sobre Cultura escrita, Faculdade de Educação da Universidade de Minas Gerais, 2010.

\_\_\_\_\_. Histórias das culturas do escrito: tendências e possibilidades de pesquisa. [Cultura escrita e letramento]. In: MARINHO, Marildes, CARVALHO, Gilcinei Teodoro (orgs.). *Cultura escrita e Letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, p.65-95.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira, FADUL, Cecília Fadul, NEIVA, Larissa Maria, NEVES, Simone Aparecida. Autobiografias e “novos letrados”: um estudo comparativo (Minas Gerais, Brasil; Illinois, Estados Unidos, primeira metade do século XX). In: JINZENJI, Mônica Yumi, GALVÃO, Ana Maria de Oliveira e MELO, Juliana Ferreira de. *Culturas orais, culturas do escrito – intersecções*. Campinas: Mercado de Letras, 2017 (no prelo).

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; JINZENJI, Mônica Yumi; NEIVA, Larissa Maria de Resende. O lugar dos pertencimentos sociais do escritor-adulto na reconstrução das memórias de infância: um estudo sobre novos letrados do Brasil e dos Estados Unidos (Primeira metade do século XX). *Pró-Posições*, 2017 (no prelo).

GALVÃO, Walnice Nogueira. *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. Companhia das Letras, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*. São Paulo: EDUSP, T. A. Queiroz Editor, 1985.

JUSTO, José Sterza; ROZENDO, Adriano da Silva. A velhice no Estatuto do Idoso. *Estud. Pesquisa.Psicologia*. [online]. 2010, vol. 10, n.2, pp 471-489.

KROEFF, Bernadete Moreira. A escrita (auto)biográfica: caminho reflexivo sobre trajetórias de formação. Texto apresentado na *IX Anped Sul*, 2012. Site: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2682/509> Acesso em: Julho, de 2016.



LEJEUNE, Phillipe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. [Org:] Jovita Maria Gerheim Noronha; Tradução: Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. - [ed]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Memória e estudos autobiográficos. *A Aventura (auto)biográfica: teoria e empiria* – Maria Helena Menna Barreto Abrahão (Org.). Porto Alegre: EDIPURS, 2004, p. 225-242.

MANKE, Lisiane Sias. História e Sociologia das práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural. *Língua Escrita*. Belo Horizonte, n.6, jan./jun, 2009. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/1691>

\_\_\_\_\_. *História e sociologia das práticas de leitura: A trajetória de seis leitores oriundos do meio rural*. Tese (Doutorado em Educação). Pelotas: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2012.

MANKE, Lisiane Sias; PERES, Eliane; THIES, Vania Grim. Prática de leitura e escrita no cotidiano de uma família de agricultores no Sul do Rio Grande do Sul. *Língua escrita* (UFMG), v. 06, p. 1-17, 2009.

MARQUES, Ana Maria. Velho/Idoso: construindo o sujeito da terceira idade. *Revista esboços*. V.11, n.11, Florianópolis/SC, (2004). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/336>. Acesso em: 12 de março de 2017.

MASSIMI, Marina. A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos. *Memorandum*, 2011-30. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05>. Acesso em: julho de 2015.

MELO, Juliana Ferreira de. *Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Belo Horizonte: Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 243 p.

MERCADANTE, Elizabeth. A velhice: Culturas diversas, temporalidades distintas. *Revista A terceira idade* – n14. 1996, p.20-30.

MIGNOT, Ana Chrystina et al. (orgs.) *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.

PEDERSOLI, Ana Paula. *Memórias de alfabetização no espaço doméstico: mobilizações e estratégias familiares em torno do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita (MG – 1950/ 1960/1970)*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2013.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. (Tradução Angela M. S. Corrêa). 2 ed., São Paulo: Contexto, 2015.

TEIXEIRA, Solange Maria. Envelhecimento na agenda pública brasileira. *Revista de Políticas Públicas*, v. 7, 2003, p. 113-136.

VIÑAO, Antonio. Lãs autobiografias y diários como fuente historico educativa: tipologia y usos. *Revista Teias*, V.1, n.1, jan/jun, 2000, p. 1-17. Disponível em: [journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path\[\]=20&path\[\]=22](http://www.teias.com.br/journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path[]=20&path[]=22).